SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

56330001 — Ed. 38 — Ano IV — Nº 8 — Cr$ 250,00

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

DUSTIN HOFFMAN

WARREN BEATTY

DURO DE MATAR 2

A EXPLOSÃO DE BRUCE WILLIS

UMA SUPER PRODUÇÃO EM VÍDEO

A **PARIS VÍDEO FILMES**
lança com exclusividade
o filme ganhador de
um OSCAR 90

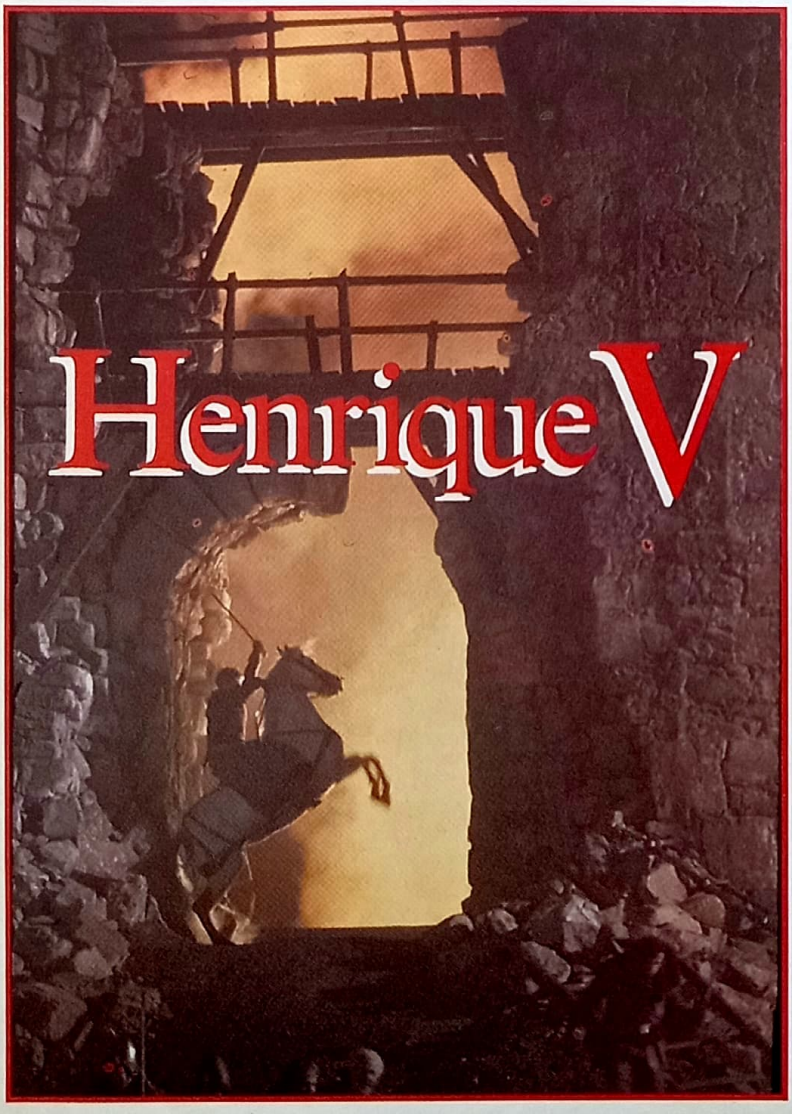
HENRIQUE V
estrelando **KENNETH BRANAGH**
em sua melhor interpretação
"HENRY V" de William
Shakespeare com
Brian Blessed, Judi Dench,
Iam Holm, Paul Scofield e
grande elenco.
Com 3 indicações para
o OSCAR 90
melhor ator
melhor diretor
melhor figurino
produzido por
Bruce Sharman e
dirigido por
Kenneth Branagh

simultâneo cinema e vídeo

UM NUMEROSO ELENCO E MILHÕES DE

dólares gastos em sua produção, HENRIQUE V quer levar a guerra para fora de seu país, a Inglaterra, pois ele pretende manter a paz em seu reino.
Não perca esta história, procure em sua locadora

OSCAR 90 de MELHOR FIGURINO



PARIS VIDEO FILMES

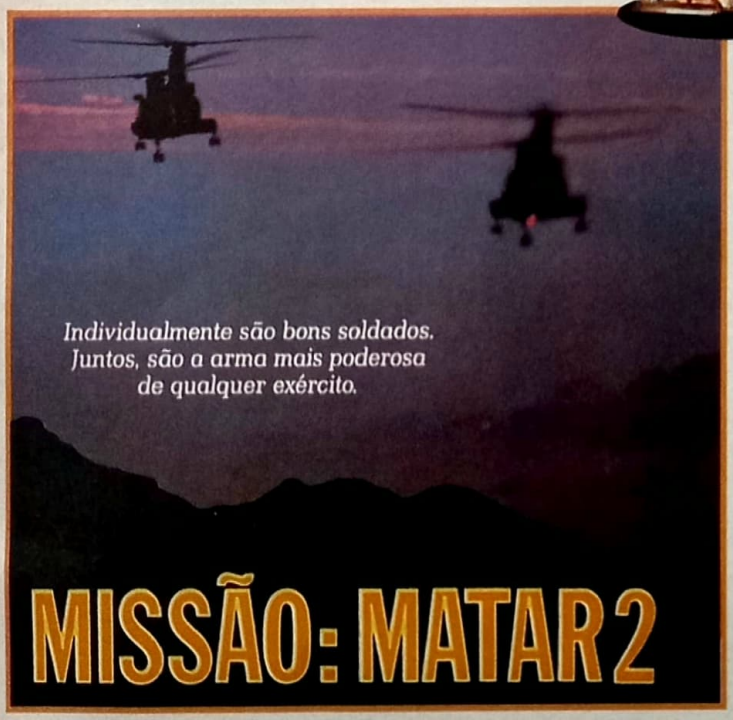
Rua Itamarati, 204 - esq. c/ Av. Pacaembú
Fones: 262.6717 - 864.1724 - 872.2885 - 872.0408

Super filmes em *Laudenir Francisco Marcelino*

LANÇAMENTOS COM EXCLUSIVIDADE

Chegou o filme que vocês estavam esperando...
ELVIRA, uma célebre personagem

Eles queriam se sobressair no colégio, mas para isto tinha que chamar-se Heather...



Eles vieram de todas as partes para lutar por seu País, cada um com uma missão...

O garoto da Mafia vai lutar pelo seu ideal, ele vai lutar boxe e provar para o chefão que ele é bom.

Action Films

Sam Shepard prestes a tomar outro avião

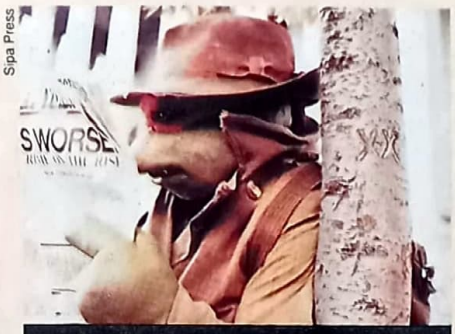
SAM SHEPARD ESTRELA "AIRPORT MOVIE"

Sam Shepard é o "passageiro Faber", cidadão em permanente trânsito entre vários continentes, no novo filme de Volker Schlöndorff, o recém-concluído *Dernier Appel pour le Passager Faber*. No filme, baseado em livro de Max Frisch, o engenheiro Faber — que estudou em Zurique, vive em Nova York e trabalha na América Central — conhece em Paris uma garota (Julie Delpy) e viaja com ela para pontos ainda mais remotos.

AS TARTARUGAS NINJA ENRIQUECEM PRODUTORA

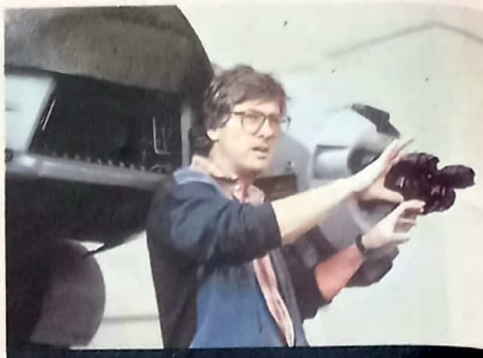
As Tartarugas Ninja Mutantes Adolescentes, um dos maiores sucessos do ano nos EUA, terá uma continuação com mensagem ecológica, de acordo com a produtora do filme, a Golden Harvest. *As Tartarugas II* deve ser lançado em meados de 1991, e, com o previsível lucro a ser obtido, a companhia, subitamente enriquecida, pretende produzir quatro filmes por ano.

Sipa Press



Uma das milionárias tartarugas mutantes

Orion



Paul Verhoeven diante do rival do Robocop

VERHOEVEN VAI A LENINGRADO

Paul Verhoeven (diretor de *Robocop* e *Total Recall*) deverá substituir o falecido Sergio Leone na direção do épico sobre o cerco de Leningrado que o cineasta italiano se preparava para rodar quando morreu, no ano passado. Verhoeven foi escolhido como substituto pelo veterano produtor Alberto Grimaldi, que não quis desistir do projeto, provisoriamente intitulado *900 Dias de Leningrado*.

ALMODÓVAR COLOCA MELANIE GRIFFITH EM MELODRAMA ITALIANO

Alvorada

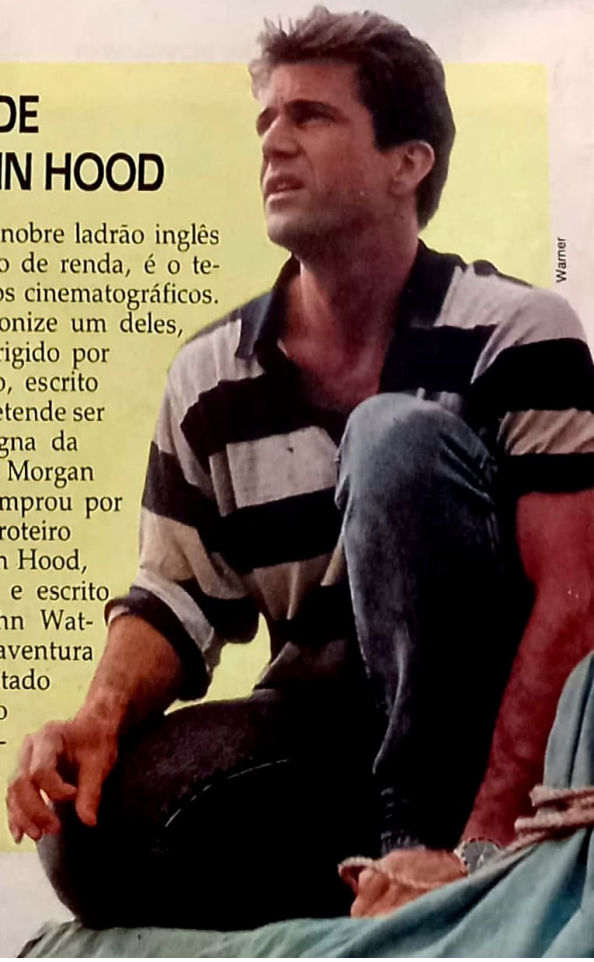
A acorrentada Melanie

Melanie Griffith deverá ser a protagonista de *Cadenas*, o próximo filme do espanhol Pedro Almodóvar (cujo *Átame* continua inédito no Brasil). Trata-se de um *remake* do semiclássico italiano *Catene*, rodado por Raffaello Matarazzo nos áureos tempos da Cinecittà.

MEL GIBSON PODE ENCARNAR ROBIN HOOD

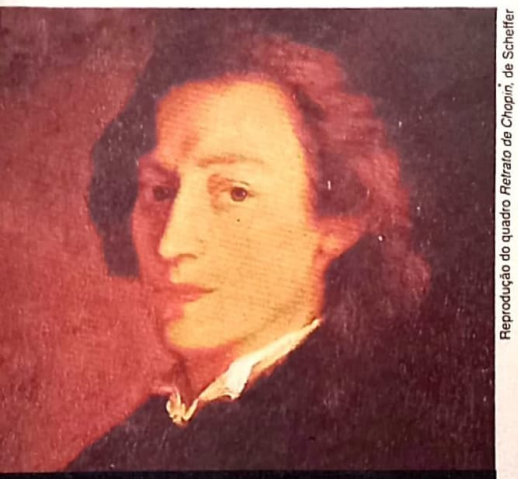
Robin Hood, o legendário nobre ladrão inglês que inventou a distribuição de renda, é o tema de dois grandes projetos cinematográficos. **Mel Gibson** talvez protagonize um deles, ainda sem título, a ser dirigido por John McTiernan. O roteiro, escrito por Mark Allen Smith, pretende ser uma reconstituição fidedigna da vida do personagem. A Morgan Creek, por seu turno, comprou por 1,2 milhão de dólares um roteiro ultrafantasioso sobre Robin Hood, chamado *Prince of Thieves* e escrito por Penn Densham e John Watson. Nesta versão, uma aventura cômica, o herói é apresentado como um almofadinha, e o ator mais cotado para encarná-lo é Kevin Costner. Agora é esperar para ver.

Warner



ZULAWSKI RIMA CHOPIN COM VIETNÃ

O polonês Andrzej Zulawski, diretor do cult *Possessão* (1980), está com a corda toda. Ele realiza dois filmes praticamente ao mesmo tempo: *Le Tigre*, sobre a Guerra do Vietnã, com o gigante Dolph Lundgren como protagonista; e *La Note Bleue*, sobre as tempestuosas relações afetivas entre **Frederic Chopin** e George Sand. O primeiro é rodado no Sri Lanka; o segundo, na França e na Polônia.



Reprodução do quadro *Retrato de Chopin*, de Scheffer

Chopin, "protagonista" de *La Note Bleue*

CLIVE BARKER VAI TRAZER A MÚMIA DE VOLTA

Clive Barker, o escritor e diretor de *Hellraiser*, prepara dois filmes para a Universal: um de ficção científica e um *remake* do clássico do terror *A Múmia* (de 1932, com Boris Karloff). Enquanto não começa a rodá-los, ele trabalha com o produtor executivo de *Hellraiser 3* e adianta que haverá mais dois filmes baseados em seus contos: *O Mundo em um Tapete* e *Apocalipse*, a serem dirigidos por outros cineastas.

Barker: inspiração na múmia imortalizada por Karloff

"Eu disse uma vez ao escritor Gore Vidal que no Lower East Side de Nova York, onde cresci, ou se virava padre, ou se virava gângster. E ele respondeu: 'Mas você se tornou as duas coisas'. E é a pura verdade."

Martin Scorsese

OS SEGREDOS DE HELENA RUBINSTEIN

A vida da cosmética **Helena Rubinstein** será contada no filme *Helena — A Woman With a Dream*, produção neozelandesa estrelada por Rob Lowe, F. Murray Abraham, Shelley Winters e Jürgen Prochnow. A direção é de Georges-Alain Vuille. Ainda não foi escolhida a atriz para o papel-título.

O que é que a Helena Rubinstein com isso?

PASSADO DE ROGER RABBIT VEM À TONA

O próximo longa-metragem de Roger Rabbit contará a história do coelho antes de ele chegar ao estrelato. De acordo com o produtor Frank Marshall, o filme mostrará as coisas omitidas em *Uma Cilada para Roger Rabbit*, como a evolução da carreira do herói e o início de seu relacionamento com Jessica. Os cineastas mais cotados para dirigir essa continuação são Jerry Rees e John Badham.

Warner

Zemeckis dirige Hoskins e Roger Rabbit

ASTROS CEDEM À TENTAÇÃO DAS CONTINUAÇÕES

Sigourney Weaver concordou em fazer *Aliens* 3, mesmo sem saber ainda quem será o diretor. Também Christopher Reeve, depois de muito hesitar, confirmou sua presença em *Superman* 5. Bastou que lhe oferecessem um salário de três milhões de dólares e ele saiu dizendo que o roteiro é excelente.

Warner

Sigourney empunha armas mais uma vez contra aliens

JEREMY IRONS SERÁ KAFKA NA TELA

Mais um filme perturbará o descanso eterno do escritor tcheco Franz Kafka, além dos dois já noticiados na SET passada. Desta vez o diretor é ninguém menos que o garoto-prodígio Steven Soderbergh, realizador de *sexo, mentiras e videotape*. O filme, intitulado provisoriamente *Kafka*, será rodado em preto-e-branco e terá **Jeremy Irons** (de *Gêmeos — Mórbida Semelhança*) como protagonista. Soderbergh, que tenta atrair ainda Isabelle Adjani para o elenco da produção, adianta que não se trata de uma cinebiografia de Kafka, mas sim um *thriller* "kafkiano" tendo o escritor como personagem. Em função do projeto, o jovem cineasta adiou para 1991 a filmagem de *The Last Ship*, que ele já tinha prometido ao produtor Sydney Pollack.

F.J. Lucas

Irons na pele de um dos irmãos de *Gêmeos*

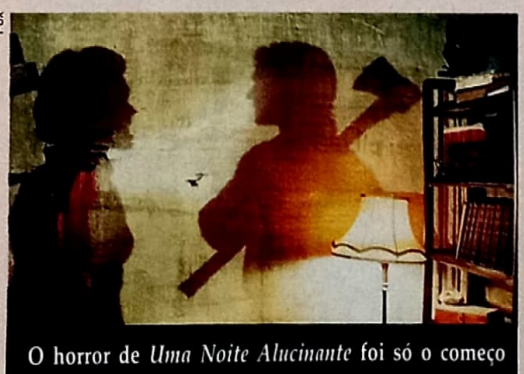
"Gosto de assistir às autópsias. Nossa sociedade refuta a morte, e eu sou como as crianças: tenho curiosidade de ver o que é proibido."

Clive Barker, autor de Hellraiser

RAIMI TRAMA A VOLTA DO DEMÔNIO

Sam Raimi está preparando *Evil Dead 3*, a "continuação" de *A Morte do Demônio* (1983) e *Uma Noite Alucinante* (1987). A história se passa no século 13, e Raimi pensa em dar-lhe o apropriado subtítulo *Medieval Dead*. A produtora é a renascida das cinzas Dino de Laurentiis Communications.

Fox



O horror de *Uma Noite Alucinante* foi só o começo

AGUARDE

Art Films

Michelle

Dustin Hoffman e **Michelle Pfeiffer** estão às voltas com o dinheiro alheio em *Other People's Money*, a ser dirigido por **Norman Jewison.**

Michel Piccoli e **Jane Birkin** são marido e mulher em *La Belle Noiseuse*, drama ambientado entre pintores e colecionadores de arte. O diretor é **Jacques Rivette,** um dos fundadores da Nouvelle Vague.

Será **Danny Glover** (o parceiro de Mel Gibson em *Máquina Mortífera*), e não Arnold Schwarzenegger, o protagonista de *Predador* 2.

Warner

Glover

Michael Crichton (diretor de *Coma* e *Runaway*) vai realizar no ano que vem *Jurassic Park*, *thriller* de ficção científica sobre a criação de dinossauros pela engenharia genética. A produção é de **Spielberg.**

América

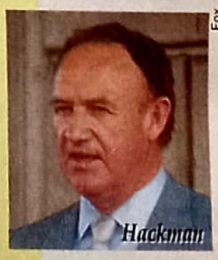
Baryshnikov

Mikhail Baryshnikov interpretará o legendário bailarino russo Nijinsky em *The Last Dance*, que **Krzysztof Zanussi** rodará em 1991.

O mesmo **Baryshnikov** e **Gene Hackman** serão dois agentes secretos (um da KGB, o outro da CIA) em *Patriots*, de **Nicholas Meyer.**

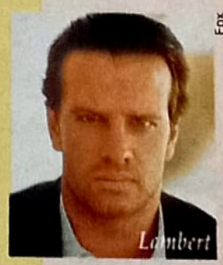
Christopher Lambert contracena com a esposa **Diane Lane** em *Atomic Romance*, sob a direção de **Mark Robson.**

Fox



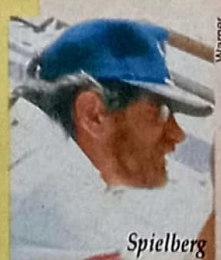
Hackman

Fox



Lambert

Warner



Spielberg

"Você acredita naquela supertacada no terceiro game do último set? Experimente ver quadro-a-quadro. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria. Agora o que eu tenho a fazer é dominar essa jogada para o jogo da próxima semana. Te vejo na quadra".

Onde quer que a ação esteja, na quadra ou na TV, resposta rápida e precisa é a chave do jogo. Com o vídeo Panasonic NV-F70 Hi-Fi, você obtém a agilidade de uma fração de segundo.

O NV-F70 põe literalmente a imagem sob o domínio dos seus dedos. Com o comando "Jog & Shuttle", sofisticado sistema que mesmo um atleta da poltrona pode controlar, com facilidade, o grau de variação da velocidade que se ajusta a 21 sensíveis graus; do Super Still cristalino à rápidas velocidades. Assim você pode agilmente localizar uma cena específica numa fita em qualquer direção, para frente ou para trás, e apreciá-la no seu próprio ritmo.

Para tornar a operação ainda mais precisa, o comando "Jog & Shuttle", move a imagem diretamente correspondente à velocidade que você controla. Por exemplo, um giro de 30 graus avança ou retrocede a fita exatamente num espaço. Você pára e a fita idem.

Dessa forma, quando a ação requer agilidade e energia, faça do Panasonic NV-F70 parte do seu jogo.

NV-L26 BR

NV-F70 BR

Hi-Fi STEREO

VHS

Controle Remoto completo dotado de scanner com código de barras que torna a programação com timer simples e rápida.

Panasonic

Panasonic e Technics são marcas registradas de Matsushita Electric.

Harrison Ford e Raul Julia no tribunal em *Presumed Innocent*

HARRISON FORD FAZ HORA EXTRA

Harrison Ford está com a agenda cheia por uns dois anos. Mal foi lançado nos EUA seu último filme, *Presumed Innocent* (de Alan Pakula), no qual ele é acusado de matar a amante, Ford já está trabalhando em *Between Wars*, no papel de um herói da Primeira Guerra que se torna um rico banqueiro mas enoja-se da corrupção e rompe com o mundo dos negócios. Depois disso, o incansável ator tem mais três projetos engatilhados. Em *Good Behavior*, ele será um ex-presidiário que seduz a policial encarregada de vigiá-lo. Em *Regarding Henry* (a ser dirigido por Mike Nichols), interpretará um advogado que sofre um acidente gravíssimo e decide então revolucionar toda a sua vida. Por último, ele continua escalado pelo diretor inglês Stephen Frears para protagonizar *O Fugitivo*, longa-metragem inspirado na série televisiva homônima.

Columbia

Sly enfrenta monstro do metrô

STALLONE TAMBÉM VAI PARA O FUTURO

Preocupado talvez com o sucesso de seu rival Schwarzenegger em *O Vingador do Futuro* (breve em um cinema próximo de você), **Sylvester Stallone** ataca também de ficção científica. Em seu próximo filme, ambientado num futuro tão poluído que as cidades são cobertas por redomas de vidro, ele tem que deter um monstro que está à solta num trem de metrô desgovernado. O diretor da proeza é o obscuro alemão Roland Emmerich.

RINDO COM MAX LINDER

por Luiz Nazário

Considerado o maior cômico do cinema francês, Max Linder nasceu em 1883, filho de ricos viticultores de Gironda, na França, e começou como ator em 1904, no Théatre de l'Ambigu.

Em 1905, Linder protagoniza *La Première Sortie d'un Collegien*, sua estréia no cinema. Até 1907, trabalha numa série de filmes cômicos dirigidos por Zecca, Nonguet, Lépini, Capellani e Gasnier. Nesta época, ele já começa a caracterizar-se como um janota, um dândi, um almofadinha de fraque e cartola que só atrai confusões, um estilista de hilariantes catástrofes. Sua revelação dá-se com o filme *Les Débuts d'un Patinateur*, como um aprendiz de patinador que cai no lago Daumesil.

Em 1914, Linder atinge o máximo de sua popularidade. Mas, durante a Primeira Guerra Mundial, contrai uma pneumonia durante uma batalha no Marne, ao passar uma noite inteira na água gelada, sob uma ponte, para não ser capturado pelos alemães. Recuperado, roda mais alguns filmes antes de seguir para a América; sua saúde, porém, nunca mais será a mesma.

Nos Estados Unidos, Max Linder é contratado pela Essanay, mas seu novo filme não corresponde às expectativas da companhia, que esperava descobrir um novo Carlitos para ocupar o vazio deixado pela partida de Charles Chaplin. Com a saúde abalada e desacostumado à nova maneira americana de fazer filmes, que reduzia ao mínimo as improvisações, Max Linder decide retornar à França, onde realiza, entre outros, *L'Étroit Mousquetaire*, no qual coloca em cena uma sucessão espantosa de piadas de sabor surrealista.

Em 1923, Max Linder atua em *Au Secours!*, dirigido pelo grande Abel Gance. Sua última produção, *Le Roi du Cirque*, é ainda bem recebida, mas Linder sente-se ultrapassado por Charles Chaplin, Buster Keaton e outros cômicos americanos.

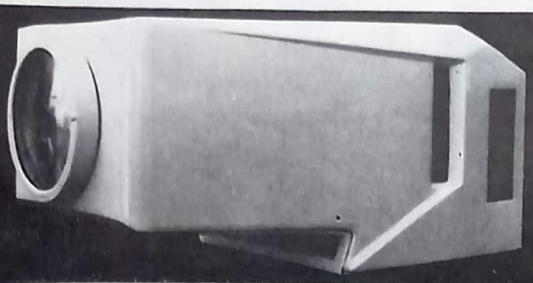
Uma tarde, Max Linder e sua esposa, Hélène Peters, resolvem, durante uma crise de depressão, acabar com suas vidas. Seus corpos foram encontrados no Hotel Baltimore, em 31 de outubro de 1925.

F.J. Lucas

O cômico Max Linder às voltas com sua própria imagem

TELÃO VIDEOBEAM®

O ÚNICO PROJETOR DE VÍDEO NACIONAL COM BRILHO IGUAL AO SIMILAR IMPORTADO



MONTE UM MINI-CINEMA

IDEAL P/ CIDADES QUE NÃO TÊM CINEMA, P/ DANCETERIAS, ESCOLAS, CLUBES, TREINAMENTO.

VIDEOBEAM PROJETA IMAGENS DE VÍDEO EM TELAS ALUMINIZADAS DE 50 A 120 POLEGADAS. VIDEOBEAM TEM O MESMO BRILHO DO SIMILAR IMPORTADO DE UM TUBO. VIDEOBEAM JÁ É UM PROJETOR (VOCÊ NÃO USA O SEU APARELHO DE TV).

POUCO MAIS DE Cr$ 130.000,00

VISITE NOSSOS CONCORRENTES E COMPROVE: IMAGEM COM MUITO MAIS BRILHO POR MELHOR PREÇO

TELAS REFLETIVAS (ALUMINIZADAS) TAMANHOS		
50	polgs	(100 × 76)
60	polgs	(122 × 94)
67	polgs	(132 × 100)
72	polgs	(150 × 113)
80	polgs	(163 × 122)
90	polgs	(184 × 140)
100	polgs	(200 × 150)
120	polgs	(240 × 180)

TELAS REFLETIVAS VIDEOBEAM®

JÁ RECEBEMOS O NOVO PROJETOR DE VIDEO NACIONAL DA SHARP

LCD SHARPVISION

O PRIMEIRO PROJETOR DE CRISTAL LÍQUIDO.

FABRICAMOS TELAS REFLETIVAS ALUMINIZADAS DE 50 A 120 POLEGADAS PARA O NOVO PROJETOR DE CRISTAL LÍQUIDO DA SHARP, O QUE PERMITE UMA PROJEÇÃO 50% MAIS BRILHANTE E NÍTIDA, MESMO EM AMBIENTES ILUMINADOS.

AS TELAS ALUMINIZADAS VIDEOBEAM OFERECEM 50% A MAIS DE BRILHO DE DEFINIÇÃO EM RELAÇÃO ÀS TELAS COMUNS QUANDO A PROJEÇÃO É FEITA EM AMBIENTES ILUMINADOS E 30% A MAIS EM AMBIENTES ESCUROS. VENHA VER E COMPROVE.

TEMOS TELAS RETRÁTEIS MANUAIS E AUTOMÁTICAS (MOTORIZADAS) NOS TAMANHOS DE 72 A 250 POLEGADAS PARA PROJETORES DE VÍDEO DE 3 TUBOS

OS PROJETORES DE VÍDEO DE TRÊS TUBOS (TETO OU CHÃO) QUE PERMITEM PROJEÇÕES EM TELAS CONVENCIONAIS BRANCAS, OU MESMO EM PAREDES, GANHAM MUITO MAIS LUMINOSIDADE SE PROJETADOS EM NOSSAS TELAS ESPECIAIS ALUMINIZADAS, PODENDO SER FEITAS PROJEÇÕES COM LUZES AMBIENTES ACESAS.

FABRICAMOS TELAS REFLETIVAS ALUMINIZADAS PARA:

SONY VIDIMAGIC

SONY VPW 1040

ZENITH, KLOSS, ETC.

NÃO RESPONDEMOS CARTAS

REFORMAMOS TELAS PARA TODOS OS MODELOS DE TELÕES

GUERREIRO VÍDEO EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS LTDA.

Show Room:

Rua Padre João Manoel 645 - São Paulo - CEP 01411

ATENDEMOS PELOS TELEFONES

(011) 853-1905

(011) 64-4697

A VIDEO LESTE AGORA É:

Shopping Video

VIDEO LESTE

Você já imaginou ir a um só local e encontrar tudo o que precisa para sua locadora?

Então Venha ao SHOPPING VIDEO LESTE.

- 15.000 fitas - todos os lançamentos das melhores distribuidoras
- Estojos, portas fitas - diversas côres
- Ficha para cadastro de clientes
- Ficha para controle de saída de filmes
- Fichas "T"
- Rebobinadores
- Adesivo protetor do selo do CONCINE
- Fita para limpeza de cabeçote
- Comanda de entrega 2 ou 3 vias
- Diversos tipos de etiquetas
- Sacolas plásticas lisas ou personalizadas
- Capas para Video Cassete, todos os modelos
- Painel de Informações
- 16 tipos de expositores
- Computadores e sistemas para gerenciamento de sua locadora
- Acessórios para video, cabos, conectores, plugs etc.

E AQUELE ATENDIMENTO QUE VOCÊ CONHECE...

Preços e Condições Especiais

Aceitamos todos os cartões de crédito

Grandes promoções para o mês de inauguração

R. 24 de Maio, 77 - 14.º andar - Conj. 1402 Fones: (011) 223-2969 - 221-0440 - CEP 01041 FAX (011) 220-7462
Av. Conselheiro Carrão, 2094 Fones: (011) 941-3362 - 217-4989 - CEP 03402 FAX (011) 217-0871

As ironias do roteiro de *Duro de Matar 2* (o título devia ser *Fácil de Matar umas 800, 900 Pessoas*) são autoreferentes. A toda oportunidade o policial McClane (Bruce Willis) amaldiçoa sua condição: "Todo Natal é a mesma coisa, terroristas, porões, não agüento mais". Na verdade, a piada infame é cortante na direção do público, que adora ver exatamente as mesmas coisas todo ano. E Bruce Willis agrada à massa e sua conta bancária. Dos 60 milhões de dólares gastos na seqüência (recuperados nos dez primeiros dias de exibição nos EUA), seis foram diretamente para Willis. Daí, quando ele faz troça dos percalços vividos por seu personagem, atribulações tão brutais quanto previsíveis, faz troça de seu espectador fiel. Ele parece estar se desculpando aos olhos mais críticos. Bem que poderia dizer: "Eu sei que tudo é repetido, que este filme aqui não acrescenta nada, mas o que é que eu posso fazer? É isso que dá dinheiro e, vocês sabem, Hollywood *is business, folks*". E nisso está a chave de entendimento do que se passa: o cinema é, e sempre foi, *business*. Agora, no entanto, as coisas vão ficando meio desproporcionais. Um único filme policial na América custa mais que uma rede de televisão no Brasil. É um produto para multidões. Tem de render explorando o gosto médio, que hoje é um gosto planetário. E nisso, uma vez mais, reside um talento monstruoso. Não só na plasticidade, na fotografia, no ritmo, nos clichês magistralmente costurados. Há muito talento artístico da indústria cinematográfica em acertar, na mosca, o gosto médio de populações tão distantes entre si. E os medos médios. O medo da imprensa livre (ridicularizada neste filme), o medo dos traficantes de droga, o medo da corrupção e o velho e invencível medo de avião. *Duro de Matar 2* não resolve nenhum deles, mas combina todos numa explosão de ação, aventura, efeitos especiais e amor inocente. O gosto médio — ou o medo médio? — foi premiado com competência extrema.

Fotos Fox

4 TAKES
8 TEMPOS MODERNOS
12 EM CARTAZ
26 MATÉRIA DE CAPA
Duro de Matar 2
30 ENTREVISTA
Bruce Willis
34 AVANT-PREMIERE
Arachnophobia
36 ENTREVISTA
Dustin Hoffman
Warren Beatty
42 MITO
Johnny Weismuller
44 LIVROS
46 TRILHAS
48 FILMOTECA
49 VIDEO & EQUIPAMENTOS
70 CARTAS
73 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

Na capa: Bruce Willis em *Duro de Matar 2*, Dustin Hoffman e Warren Beatty

Fotos da capa: Fox (Willis), Columbia (Hoffman e Beatty)

Cruise como Cole Trickle, o piloto cheio de graxa: garoto de pôster

UIP

Som alto e idéias curtas em drama de corrida

DIAS DE TROVÃO

de Tony Scott, com Tom Cruise, Robert Duvall...

O que distingue *Dias de Trovão* da badaladíssima leva que fez ferver a temporada de verão nos Estados Unidos? É o filme mais alto de todos, em termos de som, de decibéis. E é o único que traz Tom Cruise num papel principal. Descontadas essas particularidades, *Dias de Trovão* é apenas um filme mediano entre os tantos outros filmes sobre corrida de carros já feitos até hoje. E é o mais frustrante da temporada.

É açúcar-cândi em celulóide para fazer cócegas nos olhos da platéia, afagar as susceptibilidades das fãs de Tom Cruise e engordar as contas bancárias dos produtores Don Simpson e Jerry Bruckheimer. Tudo isso sem dar muito trabalho ao cérebro da platéia e nem mesmo aos atores: deles é exigido pouco mais do que emitir as falas cifradas (só entende quem é rato de carro), cheias de lugares-comuns, escritas por Robert Towne. Porque não há história — ou pelo menos um esqueleto de emoções, ações e tramas que prendam a atenção do público. O filme é simplesmente uma desculpa para pôr Tom Cruise na tela. O mais importante, aqui, é a forma, a embalagem.

Se alguém decidir resumir a sinopse de *Dias de Trovão* em uma frase, "a história de um piloto iniciante que vira campeão" deverá bastar. Cruise é Cole Trickle (que nome, Towne!), garotão motociclista que "aprendeu" a pilotar carros assistindo a corridas pela TV. Ele é contratado pelo ex-vendedor de automóveis Tim Daland (Randy Quaid) para disputar o campeonato de *stock cars*, sob a tutela — inicialmente relutante — do treinador veterano Harry Hogge (Robert Duvall).

No processo de aprendizado de Cole — um corredor que não entende patavina de carros ou de corrida: o negócio dele é a velocidade, é controlar uma coisa que está fora de controle — ele encontra uma namorada instantânea, a médica Claire Lewicki (Nicole Kidman), e faz amizade com Russ Wheeler (Cary Elwes), um corredor mais experiente.

Não espere, entretanto, que esses "relacionamentos" — com o treinador, com a médica, com o corredor calejado — ultrapassem a troca de meia dúzia de palavras: novamente, cada cena é arquitetada com o propósito exclusivo de mostrar Tom Cruise sob ângulos que o favoreçam — Tom Cruise pilotando carro (com o rosto sujo de fuligem, mas com os olhos azuis e os dentes brancos reluzindo) é o que mais se vê. O resto é pretexto para passar o tempo.

Tom Cruise é um excelente ator, que já demonstrou suas enormes habilidades numa variedade de filmes "pouco comerciais", como *A Cor do Dinheiro*, *A Lenda* e *Vidas Sem Rumo*. Esse filme, porém, preferiu fazer dele apenas um manequim vistoso, um garoto de pôster.

José Emilio Rondeau

Days of Thunder, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Tony Scott ■ Com Tom Cruise, Robert Duvall, Nicole Kidman, Randy Quaid ■ ROTEIRO: Robert Towne, com base em argumento de Towne e Tom Cruise ■ FOTOGRAFIA: Ward Russell ■ MONTAGEM: Billy Weber e Chris Lebenzon ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DIREÇÃO DE ARTE: Benjamin Fernandez e Thomas E. Sanders ■ PRODUÇÃO: Don Simpson e Jerry Bruckheimer ■ DURAÇÃO: 107 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

A biografia de John Belushi, sem melodrama

UMA VIDA PERDIDA

de Larry Peerce, com Michael Chiklis, Ray Sharkey...

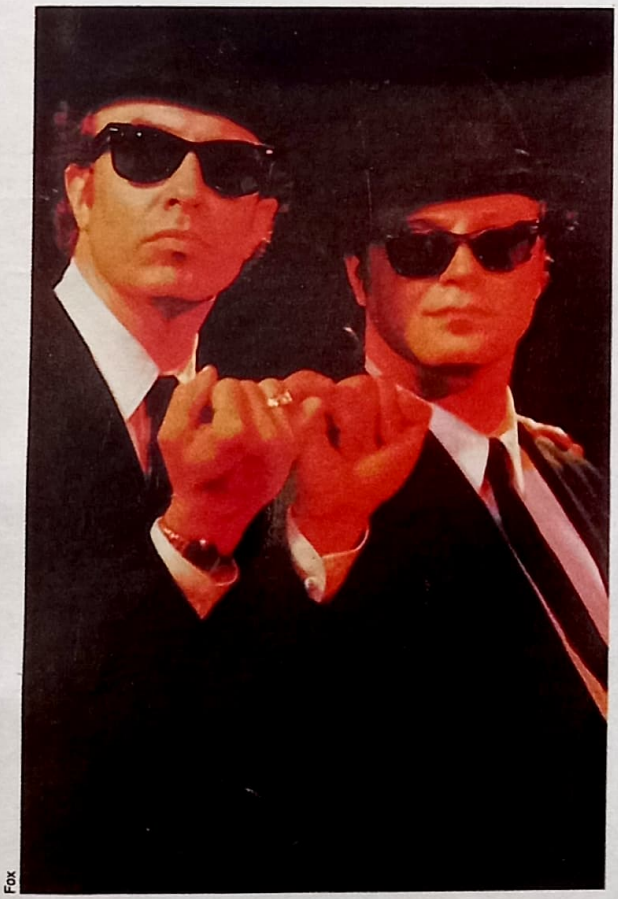
Fama e drogas. Não é a primeira vez que o cinema flerta com esse casamento letal, mas, no caso de *Wired*, o coquetel vem ladeado de um mal-estar sem precedentes. O filme de Larry Peerce (*O Incidente*, 1967; *Uma Janela para o Céu*, 1975; *Queenie*, 1987) biografa o fissurado ator, comediante e cantor John Belushi (1949-1982), que se autodestruiu aos 33 anos. A produção é da obscura Lion Screen Entertainment, que pegou a batata quente rejeitada pelas *majors*. Lançada, a incômoda incursão na *drug culture* do *show business* de Hollywood, baseada no livro do jornalista Bob Woodward, não arrancou adjetivos muito melhores que "chata", "imbecil" e "tediosa".

O brilhante e vulnerável Belushi (que atuou em *1941*, *O Clube dos Cafajestes* e *Os Irmãos Cara de Pau*, entre outros filmes) despontou na NBC com o show "Saturday Night Live", destacando-se pelos papéis bizarros. No filme, Belushi (Michael Chiklis) foge da mesa de autópsia para a rua, entrando num táxi conduzido por Angel (Ray Sharkey), um porto-riquenho que é seu próprio "anjo da guarda", e ao seu lado repassa sua vida. Paralelamente, carreira (dos sketches televisivos aos filmes), amores e vícios vão sendo destrinchados em seqüências bruscas e contundentes.

O roteiro de Earl Mac Ranch opera o tempo todo com *flashbacks*. É o ponto fraco do filme, que se embaraça na antilinearidade e na composição confusa de personagens. Mas a direção (correta) despreza emocionalismos fáceis e a montagem (que acompanha as mudanças bruscas da pulsação de Belushi) articula sua história em secos e amargos socos. São perfeitas seqüências como aquela em que ele (ao som da possante "Love Kills", de Joe Strummer) vê-se completamente à mercê da "Dona Branquinha" num banheiro estranho, ou a que mostra o triste Woodward (J. T. Walsh) diante do suplicante Belushi e esposa (num hotel de Los Angeles) em sua dose fatal: a câmera sobe no embalo da heroína, junto com sua alma, numa história que é a história da América (conforme diz o filme) que enlouquece e se dissipa. Representar é ficar em chamas — dizia um diretor a ele, citando Artaud. Em sua efêmera vida, Belushi aprendeu bem essa lição.

Antonio Querino Neto

Os Irmãos Cara de Pau na versão de *Wired:* Gary Groomes é Dan Aykroyd e Michael Chiklis é John Belushi



Fox

Wired, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Larry Peerce ■ Com Michael Chiklis, Ray Sharkey, J. T. Walsh, Patti D'Arbanville ■ ROTEIRO: Earl Mac Rauch ■ FOTOGRAFIA: Tony Imi ■ MONTAGEM: Eric Sears ■ MÚSICA: Basil Poledouris ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Brian Eatwell ■ PRODUÇÃO: Edward S. Feldman e Charles P. Meeker para a Lion Screen Entertainment ■ DURAÇÃO: 108 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

O romance bombardeado de Lola (Kylie) e Brownie (Schlatter) nos dourados anos 50

Warner

AMOR ILÍCITO

com Kylie Minogue

Primeiro é preciso saudar a crescente afluência de produções australianas ao mercado brasileiro, tão atulhado de filmes americanos dispensáveis. *Amor Ilícito*, aliás, vem confirmar o alto nível do cinema da Austrália, em termos de qualidade técnica e fluência narrativa. À parte isso, porém, sobra pouca coisa para elogiar neste exemplar, que, se bem-sucedido, poderia ser uma versão australiana do clássico *Clamor do Sexo* (1961), de Elia Kazan. Afinal, também aqui trata-se da história de dois jovens de província, Lola (Kylie Minogue) e Brownie (Charlie Schlatter), que têm seu romance bombardeado de todos os lados pelo mundo cruel dos adultos. Só que aqui, ao contrário do que ocorre em *Clamor...*, tudo é irritantemente óbvio, dos personagens estereotipados (o marinheiro sábio e nostálgico, o padrasto malvado) às canções da trilha sonora ("Lucile" para as cenas de rebeldia, "Only You" para as românticas). Em suma, mais um filme que tenta desculpar seu roteiro bobo e infantil ambientando a ação nos dourados anos 50. Mais uma vez, não colou.

José Geraldo Couto

The Delinquents, Austrália, 1989 ■ DIREÇÃO: Chris Thomson ■ Com Kylie Minogue, Charlie Schlatter, Angela Punch-McGregor, Bruno Lawrence ■ ROTEIRO: Clayton Frohman e Mac Gudgeon, com base em romance de Criena Rohan ■ FOTOGRAFIA: Andrew Lesnie ■ MONTAGEM: John Scott ■ MÚSICA: Miles Goodman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Laurence Eastwood ■ PRODUÇÃO: Alex Cutler e Michael Wilcox ■ DURAÇÃO: 101 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Robô vai ao analista em continuação fraca

ROBOCOP 2

de Irvin Kershner, com Peter Weller, Nancy Allen...

Os movimentos "mecânicos" de Robocop foram aperfeiçoados (o ator Peter Weller parece menos humano ainda); existe, de novo, um vilão traficante (Cain, fabricante da droga injetável *nuke*), e nosso herói precisa derrotar outro inimigo cibernético. O futuro continua negro ("Desastre nuclear na Amazônia", exclama o telenoticiário) e os policiais da parte antiga de Detroit ainda estão em greve. Por que, então, *Robocop 2* é tão insatisfatório quando comparado ao filme original?

Primeiro, porque não tem o mesmo elemento de surpresa da criação do diretor Paul Verhoeven. Segundo, porque o roteiro — assinado pelo quadrinheiro supremo Frank Miller — adequa-se mais a tiras de HQ do que à tela: os personagens são rasos e caricaturais, a trama é similarmente pobre e lembra demais a história original, para causar algum interesse especial. E, por isso, acaba perdendo muitos pontos na comparação.

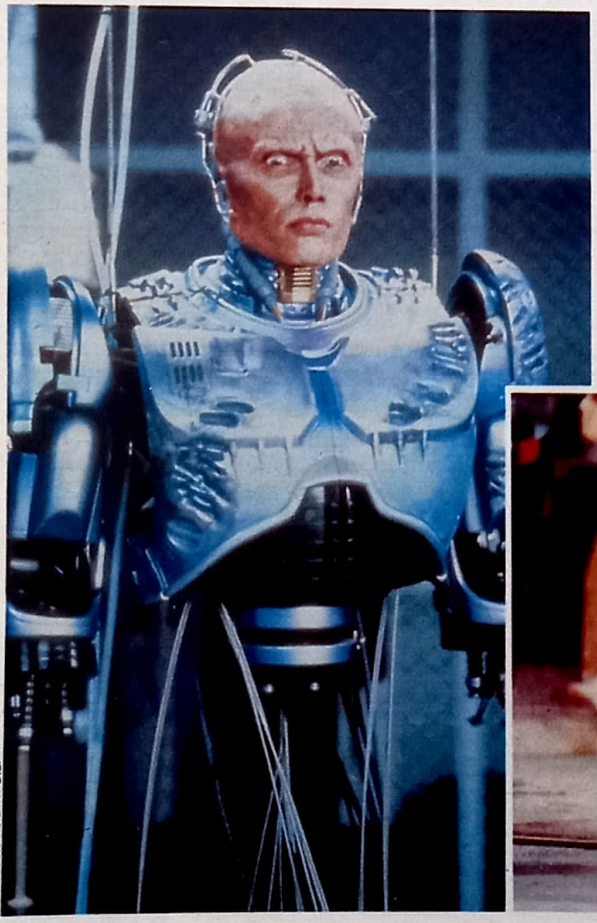
No novo filme, o ex-humano Murphy está sofrendo um curto-circuito daninho aos interesses da firma que o construiu, a OMNI Consumer Products. Ele tem saudade de sua antiga família — a ex-mulher quer processar a OMNI porque Murphy, vira e mexe, estaciona na frente da casa de seus ex-familiares para "matar a saudade" — e está sendo criticado pela sociedade em geral por causa de sua índole violenta. Ao mesmo tempo, a prefeitura tem uma dívida gigantesca com a OMNI. Se não saldar o débito, a OMNI vira "prefeita" da cidade. Para reabilitar sua imagem pública, a empresa programa o Robocop com novas diretrizes (a única novidade interessante: Robocop vira uma espécie de escoteiro grandalhão e sai distribuindo sermões recheados de platitudes do tipo "A pressa é inimiga da perfeição") e convoca os serviços de uma psicanalista ambiciosa para construir um andróide "melhorado": o Robocop 2. Enquanto isso, o prefeito tenta negociar um empréstimo com os traficantes de *nuke* para salvar sua pele política, e em troca oferece a eles o controle do crime na cidade.

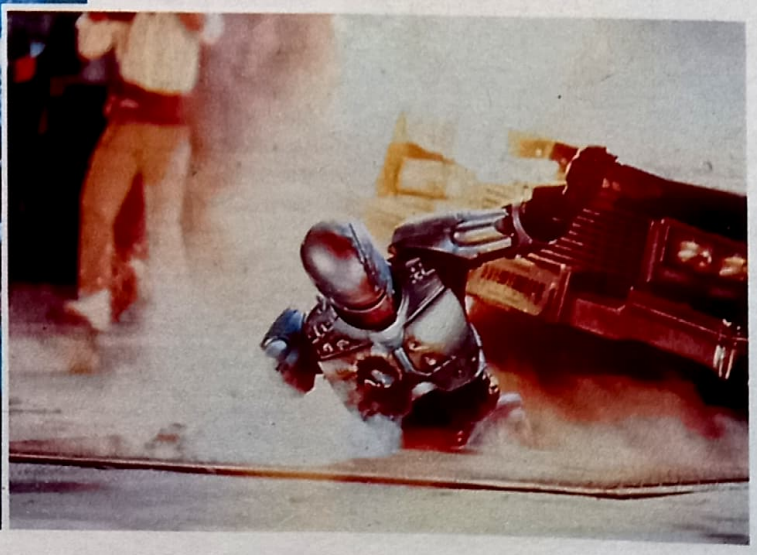
Para construir o Robocop 2, a analista usa o cérebro do bandido Cain. E, naturalmente, na hora em que o novo "policial" é apresentado à imprensa, ela perde o controle sobre sua criação.

É no mínimo decepcionante a direção de Irvin Kershner — o mesmo que esteve no leme de *O Império Contra-Ataca* —, no momento em que nem mesmo os efeitos especiais agradam 100%. O emprego de técnicas de *stop-motion* (a gravação, quadro a quadro, de bonecos "se mexendo" para dar a impressão de uma ação contínua) fica muito aquém, inclusive, do que foi feito no segundo filme da trilogia *Guerra nas Estrelas*. Kershner parece estar jogando na retranca, quando todo mundo esperava que fossem soltas as amarras de um dos heróis mais fascinantes da safra cinematográfica recente: muitas vezes, em vez de protagonista, o Robocop é mais um artifício do roteiro, quase o convidado especial de uma festa que deveria ser sua.

José Emilio Rondeau

Robocop 2, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Irvin Kershner ■ Com Peter Weller, Nancy Allen, Daniel O'Herlihy, Belinda Bauer ■ ROTEIRO: Frank Miller e Walon Green, com base nos personagens criados por Edward Neumeier e Michael Miner ■ FOTOGRAFIA: Mark Irwin ■ MONTAGEM: William Anderson ■ MÚSICA: Leonard Rosenman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Peter Jamison ■ PRODUÇÃO: Jon Davison ■ DURAÇÃO: 118 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star





Fotos Columbia Tri-Star

As encrencas de Robocop (Paul Weller): na oficina, para reparos, e debaixo de um carro, atropelado

© Warner Home Video Inc.

Despretensiosa história de amor e traição

ALTA TENSÃO

de John Badham, com Mel Gibson, Goldie Hawn...

Alta Tensão é uma dose dupla de surpresa: Mel Gibson fazendo comédia, Goldie Hawn num filme policial recheado de ação. Definitivamente fora de seus respectivos elementos, os dois saem-se muito bem nesta história de amor e traição simples, despretensiosa, mas muito bem conduzida pelo diretor John Badham.

Gibson é Rick Jarmin, ex-*hippie* idealista que acaba se envolvendo com traficantes barra-pesada, contra os quais depõe em juízo, em troca da participação no programa federal de "Proteção de Testemunhas". As identidades falsas que assume sucessivamente, no entanto, são reveladas aos bandidos por um informante infiltrado no FBI, e Jarmin é descoberto.

A fuga de Rick torna-se mais difícil quando entra em cena Marianne (Hawn), ex-namorada que o dava como morto. Poderosa executiva, Marianne reencontra Jarmin quando vai abastecer seu BMW conversível num posto de gasolina. Ela se recusa a deixar Rick em paz antes de fazê-lo ouvir um sermão pelo sumiço e termina por virar, ela também, uma fugitiva da gangue de traficantes.

Na fuga, Rick e Marianne empreendem uma viagem ao passado de Jarmin, em busca do agente do FBI que havia iniciado o programa de proteção de testemunhas: vão ao salão de beleza no qual Rick trabalhara como cabeleireiro (e onde, segundo o roteiro dá a entender, teria feito "hora extra" como dono do salão — Mel Gibson dando de bicha é impagável), vão à fazenda onde ele era assistente de uma veterinária boazuda, até chegarem à cidade onde o agente agora reside, quando constatam que ele está senil e desmemoriado, incapaz de ajudá-los.

Nessa mesma cidade Rick e Marianne têm o combate derradeiro com os vilões num outro ex-local de trabalho: um zoológico. É um clímax ágil e bem bolado, que transforma em caça e caçador, alternadamente, bandidos, mocinhos, e uma verdadeira selva de tigres, jacarés, jibóias, chipanzés e leões.

José Emilio Rondeau

Goldie e Gibson na vertigem da aventura: caça e caçador

UIP

Bird on a Wire, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: John Badham ■ Com Mel Gibson, Goldie Hawn, David Carradine, Bill Duke ■ ROTEIRO: David Seltzer, Louis Venosta e Eric Lerner ■ FOTOGRAFIA: Robert Primes ■ MONTAGEM: Frank Morriss ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Philip Harrison ■ PRODUÇÃO: Rob Cohen para a Interscope Communications ■ DURAÇÃO: 108 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

Speke (Iain Glen) e Burton (Patrick Bergin) em busca do delta do Nilo

Columbia Tri-Star

AS MONTANHAS DA LUA

de Bob Rafelson

Bob Rafelson ama as viagens, os livros e o cinema, nesta ordem. Papa da contracultura no cinema — foi o produtor de *Sem Destino*, o marco hippie das telas dirigido por Dennis Hopper, e o diretor de *Os Monkees Estão à Solta*, um divertimento biruta com os clones dos Beatles —, Rafelson vem à tona apenas esporadicamente, com uma obra que pelo menos recende alguma independência criativa. Dessa vez, ele nos brinda com uma aventura que revela o artista no ápice de suas forças criadoras. *Montanhas da Lua* é o ponto culminante da carreira deste raro cineasta porque se identifica luminosamente com a sua mais cara paixão.

A história dos dois exploradores britânicos, Richard Burton (Patrick Bergin) e John Hanning Speke (Iain Glen), empenhados na descoberta do delta do rio Nilo, no século passado, é narrada com tintas acadêmicas. Mas a grandiosidade já vem embutida na verdadeira história desses dois homens, carregada de momentos eletrizantes e desfechos de difícil realização, quando não de delicada resolução.

Carlos Volpato

Mountains of the Moon, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Bob Rafelson ■ Com Patrick Bergin, Iain Glen, Richard E. Grant, Fiona Shaw ■ ROTEIRO: William Harrison e Bob Rafelson, com base no romance autobiográfico *Burton and Speke*, de William Harrison ■ FOTOGRAFIA: Roger Deakins ■ MONTAGEM: Thom Noble ■ MÚSICA: Michael Small ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Norman Reynolds ■ PRODUÇÃO: Daniel Melnick para a Carolco ■ DURAÇÃO: 136 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

NA HORA DE ESCOLHER NÃO FAÇA FITA, LIGUE DISTRIBUIDORA

VÍDEO MIX®

- ENTREGA GARANTIDA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX
- ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO
- O MAIS VARIADO ESTOQUE DE FILMES NACIONAIS E CATÁLOGOS
- ATENDIMENTO PERSONALIZADO

OS MENORES PREÇOS DO MERCADO, CONFIRA!

• ABERTO AOS SABADOS •

TELEMARKETING

São Paulo (011) 93-9100 / 93-2526 / 93-5342 / 948-5939 / 291-5483

REPRESENTANTES

Curitiba/PR	(041) 247-3995	Waldir
Campinas/SP	(0192) 31-0330	Raul
Belo Horizonte/MG	(031) 222-5837	Walter
Itajaí/SC	(0473) 44-1881	Gerson
Porto Alegre/RS	(0512) 28-0827	Luis

FILIAL - NORTE/NORDESTE
Av. Cons. Aguiar, 1175 - Conj. 301
Boa Viagem - Recife / PE
FONE (081) 326-4489
Estoque permanente - Pronta Entrega

PRODUTORAS

. AB . Abril . Alvorada . América . Argovídeo . CIC . Century . Colúmbia . DIF . DIV . Disney . Elite . Everest . F.J. Lucas . Fox Home . Globo . Herbert Richers . Jaguar . Look . Machine Vídeo . MGM . Mundial . Mega . Nacional . National Geographic . Office .Omni . PBV . Poletel . Polevídeo . Reserva Especial . Royalty . Sagres . Taipan . Tec Home . Top Tape . Transvídeo . Universo . Univídeo . Vic Vídeo Ban . Vídeo Lips . Vídeo Plus . VTI . VMW . Warner . Wera's . Zircon

MATRIZ **VÍDEO MIX DISTRIBUIDORA** - RUA HERVAL, 336 BELÉM - SÃO PAULO - SP - CEP 03062

Doidões: Dudley Moore e Daryl Hannah

UIP

Overdose de violência em filme da era hippie

JOE – DAS DROGAS À MORTE

de John Avildsen, com Susan Sarandon, Peter Boyle...

No capitalismo avançado, os operários tendem a ser cada vez mais integrados no "sistema". Pensam somente em subir na vida e lutam contra toda transformação social. Essa é a simplificação de uma conhecida tese desenvolvida por Herbert Marcuse. Joe (Peter Boyle) não é apenas um proletário "integrado" de Nova York. Ele é imbecilizado e chato, ao lado da bandeira americana e da esposa patética e fofoqueira. Sua mente tem a dimensão de sua TV. Após o serviço, toma umas biritas e solta imprecações contra negros, liberais, comunas, bichas e outros segmentos dos EUA.

Numa dessas, encontra o executivo Bill Compton (Dennis Patrick), que revela (sem querer) o assassinato do namorado hippie de sua filha (Susan Sarandon, bela e ainda jovem) que acabou de cometer (*sic*). A garota, adepta das anfetaminas e do amor livre, é, segundo o namorado, "fissurada" no pai. Apesar de bêbado, Joe não esquece a confissão e vai procurar o homem que fez o que ele sempre quis: matar os hippies, os "parasitas subversivos" que têm o que ele nunca teve (e integrantes da "vanguarda crítica" anti-sistema, segundo as teorias marcusianas). Não chantageia o ricaço diretamente, mas Compton (por via das dúvidas) faz dele um amigo íntimo, nomeando-o chefe de uma das suas empresas. Na verdade, o que Joe deseja é se unir aos "de cima", ser como eles, e tem Compton na palma da mão.

O cineasta John Avildsen (*Rocky, Um Lutador*) humaniza até satisfatoriamente o enlace bestial entre a brutalidade "refinada" e consciente de Compton e a "inculta" de Joe. Avildsen, hoje com a série *Karatê Kid* (*I, II* e *III*), está longe de seu cinema marginal iniciante e não parece menos "integrado" que seu protagonista. A confusão do filme, com alguns diálogos ridículos e *overdose* de violência crua (que lembra o final de *Sem Destino*), não torna seu tom politizado digno de ser levado a sério. Mas a censura brasileira, ao proibi-lo, na época deve ter-se incomodado mais com a aflora-ção das contradições sociais do que com as imagens de orgias e picos na veia, que hoje funcionam como mera revisão do êxtase de uma época distante.

Antonio Querino Neto

Joe, EUA, 1970 ■ DIREÇÃO: John G. Avildsen ■ Com Susan Sarandon, Peter Boyle, Dennis Patrick, Patrick McDermott ■ ROTEIRO: Norman Wexler ■ FOTOGRAFIA: John G. Avildsen ■ MONTAGEM: George T. Norris ■ MÚSICA: Bobby Scott ■ PRODUÇÃO: David Gil para a Cannon ■ DURAÇÃO: 107 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: América

Paris

Joe (Peter Boyle, com o narguilé): proletário quadradão

CREIZIPIPOL – MUITO DOIDOS

com Dudley Moore

Um belo dia o redator de uma grande agência publicitária (Dudley Moore) resolve parar de "dourar a pílula". Para ele, toda campanha deveria dizer a verdade sobre os produtos.

Se os homens compram carros vistosos para conquistarem os brotos, por que não anunciar, então, que quem compra um Jaguar entra na fila para ganhar algumas "carícias" da beldade mais gostosona do pedaço? Mas o chefe do redator se enfurece e manda o funcionário "descansar" num hospício.

Por acidente, todas as campanhas boladas pelo redator acabam sendo veiculadas e se transformam num enorme sucesso. O redator precisa, então, criar novas campanhas sinceras. E para isso pede a ajuda de seus "colegas" de sanatório, entre eles a beldade vivida por Daryl Hannah.

No papel, infelizmente, a história fica mais atraente do que na tela. Memorável mesmo é a musiquinha bolada por um interno.

José Emilio Rondeau

Crazy People, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Tony Bill ■ Com Dudley Moore, Daryl Hannah, Paul Reiser, Mercedes Ruehl, J. T. Walsh ■ ROTEIRO: Mitch Markowitz ■ FOTOGRAFIA: Victor J. Kemper ■ MONTAGEM: Mia Goldman ■ MÚSICA: Cliff Eidelman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: John J. Lloyd ■ PRODUÇÃO: Tom Barad ■ DURAÇÃO: 90 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

FAYE DUNAWAY WILLIAM HOLDEN PETER FINCH ROBERT DUVALL

REDE DE INTRIGAS

4 "OSCAR"

MELHOR ATOR

MELHOR ATRIZ

MELHOR ROTEIRO

MELHOR ATRIZ COADJUVANTE

Tudo que você queria saber sobre os bastidores da TV.

JÁ EM VÍDEO NA SUA LOCADORA.

WARNER HOME VIDEO

"Oscar" é marca registrada e serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas dos EUA

© Warner Home Video Inc.

Patrick Swayze segura um facínora pela garganta: punição pelas vias legais

Warner

Crônica delicada de uma vida luso-americana

TRÊS MULHERES, TRÊS AMORES

de Donald Petrie, com Julia Roberts, Annabeth Gish...

Mystic é uma cidadezinha de pescadores no litoral de Connecticut, Costa Leste dos EUA. Sua população é composta basicamente de portugueses e seus descendentes. Mystic Pizza é a melhor pizzaria local, onde trabalham as irmãs Daisy (Julia Roberts) e Kat Araujo (Annabeth Gish) e sua amiga Jojo Barboza (Lili Taylor). Essa pequena, charmosa e insólita comunidade encravada na América anglo-saxônica deu origem a um filme pequeno, charmoso e insólito encravado no cinemão americano.

Em sua estréia na direção, Donald Petrie (realizador de telesséries) resolveu seguir os passos despretensiosos do pai — Daniel Petrie, diretor de *The Bay Boy* — e realizou uma crônica romântica da vida na província. A trama é episódica e gira em torno dos amores e desenganos das três amigas recém-saídas da adolescência. A fogosa Jojo não dá folga ao namorado Bill (Vincent D'Onofrio, o gordo de *Nascido para Matar*, aqui bem mais magro), um bom moço português que se sente culpado por praticar sexo antes do casamento. Daisy é uma *vamp* que só pensa em arranjar um namorado rico e tirar a mão da massa da pizzaria. Para isso ela usa todos os seus atributos, que não são poucos. Sua irmã Kat, ao contrário, é a garota esforçada e responsável, que faz hora extra trabalhando de *baby-sitter* para financiar um futuro curso de Astronomia em Yale.

Jojo provê o humor, Daisy se encarrega do erotismo e Kat do romance. O equilíbrio quase sempre adequado entre esses elementos impede o filme de descambar em direção ao dramalhão ou à vulgaridade. Para o espectador brasileiro, há ainda a curiosidade de ver, num filme americano, as pessoas dançarem o "vira" numa festa, e uma criança ser ninada com os familiares versos "nana nenê, que a cuca vem pegar". Elementos tão incomuns quanto a delicadeza que envolve esse simpático melodrama em tom menor.

José Geraldo Couto

Art Films

Jojo (Lili Taylor) põe o namorado Bill (Vincent D'Onofrio) contra a parede

Mystic Pizza, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Donald Petrie ■ Com Julia Roberts, Annabeth Gish, Lili Taylor, Vincent Phillip D'Onofrio ■ ROTEIRO: Amy Jones, Perry Howze, Randy Howze e Alfred Uhry ■ FOTOGRAFIA: Tim Suhrstedt ■ MÚSICA: David McHugh ■ DIREÇÃO DE ARTE: Mark Haack ■ PRODUÇÃO: Mark Levinson e Scott Rosenfelt para a Samuel Goldwyn Jr. Co. ■ DURAÇÃO: 104 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

MARCADOS PELO ÓDIO

com Patrick Swayze

Quem não fugir do horrendo título nacional e da presença do galã-brega Patrick Swayze no elenco poderá ter boas surpresas com esse modesto drama policial. Swayze é Truman Gates, caipira das montanhas que se tornou policial em Chicago e teve um irmão mais novo, Gerald (Bill Paxton), assassinado por mafiosos. Truman quer prender e punir os assassinos pelas vias legais, mas seu irmão mais velho, Brian (Liam Neeson), vem das montanhas disposto a fazer justiça com as próprias mãos. Estabelece-se então um tenso e interessante triângulo entre os dois irmãos antagônicos e seu inimigo comum, o líder mafioso Joey Rosselini (Adam Baldwin, de *Nascido para Matar*). O resultado é um filme tenso e movimentado que, se não escapa aos lugares-comuns e comete um final inconvincente, tem o mérito de opor zarabatanas, arcos e flechas às metralhadoras e bazucas que nos últimos anos expulsaram a inteligência do gênero policial.

José Geraldo Couto

Next of Kin, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: John Irvin ■ Com Patrick Swayze, Adam Baldwin, Helen Hunt, Andreas Katsulas, Liam Neeson ■ ROTEIRO: Michael Jenning e Jeb Stuart ■ FOTOGRAFIA: Steven Poster ■ MONTAGEM : Peter Honess ■ MÚSICA: Jack Nitzsche ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jack T. Collis ■ PRODUÇÃO: Les Alexander e Don Enright para a Lorimar ■ DURAÇÃO: 108 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Top Models

Esta não é somente a mais completa linha de câmeras de vídeo existente no mercado. É também o que a tecnologia conseguiu produzir de mais avançado.

São vários modelos e formatos que fazem qualquer iniciante obter imagens tão perfeitas quanto um profissional.

Mas a melhor coisa que elas tem em comum é o nome JVC, a marca de todos os que conhecem vídeo.

Escolher a melhor câmera é tão fácil como escolher JVC.

Na vanguarda em sistemas de vídeo desde a invenção do VHS.

GARANTIA 1 UM ANO

*Produtos à venda na Zona Franca de Manaus.

ITALIA'90

O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

A
INSUPERÁVEL
LEVEZA
DO
ALFACE'S.

Está de volta a alegria do sabor.
O Alface's reabre suas portas para os paladares que tinham saudade do seu sucesso e para quem não teve o previlégio de experimentar.
Delicados grelhados em perfeita harmonia com tenras saladas. Tudo leve, saudável, mas com sabor, muito sabor. Leves delícias em ambiente aconchegante, descontraído por drinks inspiradores.
Fique leve. A insuperável leveza do Alface's voltou para você.

Alface's GRILL and drinks

av. Juscelino Kubitschek, 909
fone: 829 8900

PROPACTA

48 HORAS – PARTE II
com Eddie Murphy

O objetivo de uma seqüência é mostrar um herói conhecido se envolvendo em situações novas, é ampliar nossos conhecimentos a respeito de rostos e características já familiares. *48 Horas — Parte II* é a antítese das seqüências, porque repete as situações do filme original sem levantar novas possibilidades que possam causar interesse até mesmo num terceiro filme. Como está, é um carbono do primeiro filme.

Reggie (Eddie Murphy) novamente é tirado da prisão pelo policial Jack (Nick Nolte) para ajudar na busca de um criminoso, desta vez o traficante Iceman. No percalço do bandido, Jack e Reggie arrumam briga num bar (como haviam feito antes), disputam porte de arma (idem), se esbofeteiam e se xingam (idem)... (bocejo).

Para enfraquecer o filme mais ainda, numa comparação com o original, Murphy e Nolte vão pouco além de um desempenho regulamentar. Parecem desinteressados de seus respectivos papéis e do filme em geral.

José Emilio Rondeau

Another 48 Hours, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Walter Hill ■ Com Eddie Murphy, Nick Nolte, Brion James, Kevin Tighe, Ed O'Ross ■ ROTEIRO: John Fasano, Larry Gross e Jeb Stuart ■ FOTOGRAFIA: Matthew F. Leonetti ■ MONTAGEM: Freeman Davies, Carmel Davies e Donn Aron ■ MÚSICA: James Horner ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Joseph C. Nemec III ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon e Robert D. Wachs ■ DURAÇÃO: 95 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

UIP

Nick Nolte e Eddie Murphy: cópia pálida

Johnny Depp
e Traci Lords: transviados

UIP

NÃO CHORES, BABE
de John Waters

"Vendido", latiram as patrulinhas do prafentismo quando o diretor John Waters trocou o surrealismo corrosivo de suas produções anteriores — filmes cult como *Pink Flamingos*, *Mondo Trasho* e *Multiple Maniacs* — por sátiras desvairadas, porém de fácil digestão, mais acessíveis ao grande público — *Hairspray*. As mesmas lides devem ter espumado quantidades industriais de bile quando viram *Não Chores, Babe*, uma espécie de *Grease* que tomou ácido e cheirou cola de sapateiro.

Estrelado por um ídolo de TV (Johnny Depp, no papel-título), uma ex-ninfa pornô (Traci Lords) e duas das tantas célebres descobertas de Waters (a gorducha Ricki Lake e a transcedentalmente horrorosa Hatchet-Face interpretada por Kim McGuire), *Cry-Baby* mostra a disputa de território entre duas facções rivais: os caretas e os "transviados". Numa inversão de papéis até previsível, os verdadeiros "mocinhos" são os aparentes "bandidos".

José Emilio Rondeau

Cry-Baby, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: John Waters ■ Com Johnny Depp, Traci Lords, Amy Locane, Susan Tyrrell, Polly Bergen, Iggy Pop ■ ROTEIRO: John Waters ■ FOTOGRAFIA: David Insley ■ MONTAGEM: Janice Hampton ■ MÚSICA: Patrick Williams ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Vincent Peranio ■ DIREÇÃO DE ARTE: Delores Deluxe ■ PRODUÇÃO: Rachel Talalay para a Imagine Entertainment ■ DURAÇÃO: 85 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP

CHRISTINE LAHTI
JUDD HIRSCH
RIVER PHOENIX
o peso de um passado
Antigos fantasmas assombram o presente.
WANTED BY THE FBI
JÁ EM VÍDEO NA SUA LOCADORA.
WARNER HOME VIDEO

DPZ

Minha MTV
só passa o que eu
quero ver.
Ou o que eu
não esperava ver
de jeito nenhum.

MUSIC TELEVISION®

TV Abril

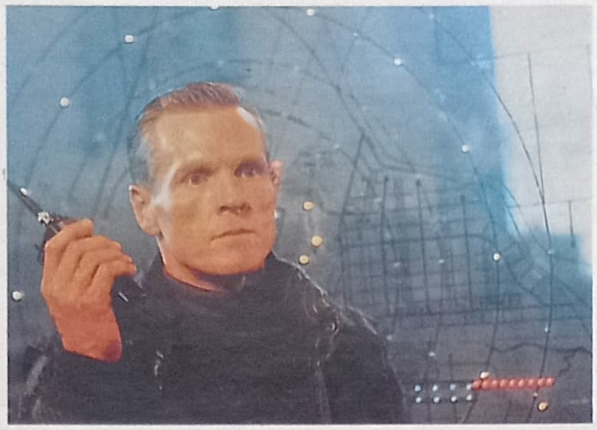
BREVE NO AR
COBERTURA NACIONAL
VIA SATÉLITE
JO NA MTV.

FOGUEIRA DAS BARBARIDADES

Fotos Fox

Reunindo um arsenal espantoso de tiros, foguetório e atrocidades, *Duro de Matar 2* honra a sangrenta memória do primeiro, destrona os bambambãs de bilheteria do verão americano e alça Bruce Willis ao panteão dos grandes heróis da tela

Tudo o que John McClane (Bruce Willis) queria era um Natal tranquilo. Na primeira foto da sequência, ele desce pela escada rolante do aeroporto, onde foi esperar a esposa. O resto são encrencas na neve



Sadler é o coronel Stuart, o sanguinário vilão que domina o aeroporto (no alto); embaixo, o pelotão destacado para combatê-lo e Bonnie Bedelia, como a mulher de McClane, trafegando num dos aviões em perigo

"O résto foi aquecimento para *Duro de Matar 2*", exclamou uma das resenhas. "O melhor filme deste verão"; decidiu o par de críticos mais respeitados dos Estados Unidos, Roger Ebert e Gene Siskel. Para o último filme a ter-se posicionado na intensa disputa pelo interesse do público que vai ao cinema no verão americano, até que *Duro de Matar 2* estava entrando no ringue com farta vantagem. Lançado "por último" na temporada de verão — no mínimo uma imprecisão, já que a temporada não terminou no dia 3 de julho, quando estreou —, *Duro de Matar 2* superou obstáculos, como o megamarketing de *Dick Tracy*, a badalação de *O Vingador do Futuro (Total Recall)* e a presença de Tom Cruise em *Dias de Trovão* — estes sendo os principais concorrentes —, ao conseguir aterrissar nos cinemas dos Estados Unidos com um estrondo ensurdecedor.

Ganhar o título de O Melhor Filme do Verão é justamente o prêmio a que almejavam todos que estavam em cartaz na mesma época — e um julgamento subjetivo com possibilidades de "confirmação" ou "desmentido" somente na hora em que for computado o último ingresso vendido por cada um dos filmes que disputam o posto. Mas o simples fato de *Duro de Matar 2* ter sido o único de todos a receber o elogio — ainda mais vindo de quem veio — deu ao filme um empuxo de lançamento fabuloso.

Duro de Matar 2 não é o filme mais original do mundo — é a continuação das aventuras do detetive John McClane (Bruce Willis), dessa vez a partir da adaptação de um romance literário, *58 Minutes*. E o filme original, *Duro de Matar*, tem um padrão de suspense, ação e efeitos especiais difícil de ser superado. Mas a forma como o diretor Renny Harlin (o mesmo jovem que esteve no leme de *A Hora do Pesadelo 4*) conduz o filme — adotando uma narrativa de ritmo vertiginoso que não tem compromisso algum com verossimilhança ou plausibilidade (o roteiro tem tantos rombos que parece um queijo suíço) mas sempre deixando a platéia sem oxigênio suficiente para conseguir raciocinar com precisão — faz de *Duro de Matar 2* um triunfo. Só não sobrepuja por completo o filme original por não ter um vilão tão complexo e bem delineado como fora o do primeiro.

ESTILO NORIEGA — É também difícil de superar a premissa do primeiro filme — um prédio usado como refém —, mas este pelo menos não faz feio. Desta vez McClane precisa combater terroristas que dominam o aeroporto internacional da capital norte-americana, Washington D.C. Os criminosos assumem o controle das comunicações entre a torre e os pilotos, impedem que a torre interceda e ameaçam fazer com que os aviões comecem a "cair feito moscas no gramado da Casa Branca" caso não sejam atendidas suas exigências: a libertação do general Esperanza (Franco Nero) — milico que trafica nas horas vagas, no melhor estilo Noriega —, prestes a chegar aos Estados Unidos no cumprimento de um acordo de extradição entre Washington e seu país de origem, a republiqueta tropical de Val Verde.

Por acaso... McClane está no aeroporto na hora em que os bandidos atacam — véspera de Natal, John foi esperar a chegada do vôo da mulher (Bonnie Bedelia) para passarem o feriado junto com a família dela. Novamente, a sra. McClane torna-se uma das reféns, só

McClane, ao lado, desespera-se diante das ações terroristas no aeroporto

Fotos Fox

que, dessa vez, a bordo de um Jumbo superlotado que despencará dos céus caso os terroristas não recebam o que pedem. Ou caso John não interceda.

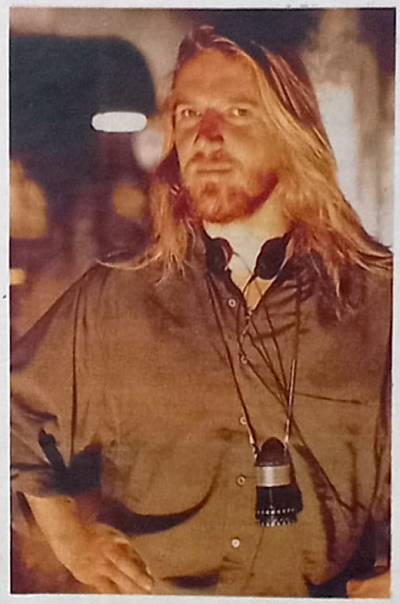
McClane usa de todos os elementos ao seu alcance — faxes, carros especiais para a neve, tochas, helicópteros, pistolas, isqueiros — para combater o arsenal *state-of-the-art* dos vilões, mas precisa, acima de tudo, driblar a mediocridade bairrista da força policial baseada no aeroporto, liderada por um divertido comandante boçal e arrogante.

Parte de uma safra de filmes cujos orçamentos inflacionários ocuparam o noticiário muito antes de os produtos terem chegado às telas, *Duro de Matar 2* é a exceção da leva. Enquanto os demais — entre estes, sobretudo, *O Vingador do Futuro* (com Arnold Schwarzenegger) — têm um resultado "normal" para as fortunas gastas em sua realização, é possível ver onde foi empregado cada centavo dos quase 60 milhões de dólares que se estima teriam sido gastos em *Duro de Matar 2*. É um filme de acabamento exemplar que parece exatamente o que é: muito caro de se fazer.

Mesmo os exageros que causaram atrasos e embaraços à Fox — semanas de produção parada porque o diretor exigia rodar cenas com neve durante um inverno em que neve foi a coisa que menos se viu; o problema só foi resolvido quando se construiu uma gigantesca máquina de picar gelo para simular nevascas — são perdoados quando se vê o produto final: o único filme, pelo menos até agora, merecedor do título de O Melhor Filme do Verão.

José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

Die Hard 2 — Die Harder, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Renny Harlin ■ Com Bruce Willis, Bonnie Bedelia, William Atherton, Reginald Veljohnson, Franco Nero ■ ROTEIRO: Doug Richardson e Steven De Souza ■ FOTOGRAFIA: Oliver Wood ■ MONTAGEM: Stuart Baird ■ MÚSICA: Michael Kamen ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: John Vallone ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon, Joel Silver e Charles Gordon ■ DURAÇÃO: 124 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox



Renny Harlin, ao lado, é o jovem diretor da continuação de *Duro de Matar*; abaixo, Willis e sua pistola mágica, capaz de dizimar sujeitos armados até os dentes

À esquerda, John McClane, já bastante esfolado, e, abaixo, o emocionante encontro com a esposa

BRUCE WILLIS

Nesta entrevista, o ator fala das virtudes do novo *Duro de Matar* e discute a extrema violência que domina boa parte do filme

Semanas antes do lançamento oficial de *Duro de Matar 2* — marcado para o Dia da Independência dos Estados Unidos, mas antecipado em 24 horas devido "ao imenso interesse do público" alegado pela Fox —, Bruce Willis, o John McClane do filme, ocupou um salão de hotel em Los Angeles para responder a uma série interminável de perguntas a respeito de seu novo filme — a maioria delas a respeito do assunto mais polêmico nas lides jornalísticas que cobrem a produção de Hollywood, a violência pretensamente exagerada da atual safra de filmes "de verão".

Todo de branco e usando sandálias de dedo, Willis respondeu à "sabatina" com bom humor salpicado de sarcasmo. Afinal, ficar cara a cara com a imprensa é para Willis — vítima das fofocas mais baixas nos tablóides sensacionalistas — o mesmo que McClane se defrontar com os vilões do filme.

SET — *De certa forma você está reproduzindo uma mesma experiência em* Duro de Matar 2 — *a do policial solitário que combate uma equipe de terroristas. Como se conseguiu evitar, portanto, a realização de um segundo filme idêntico ao primeiro?*

BRUCE WILLIS — Bom, pra começar, é um script novo. Se bem que uma continuação, para todos os fins, não é realmente um filme novo: é mais um capítulo de um filme que você já viu. E *Duro de Matar 2* foi feito com vistas ao público que tinha assistido ao primeiro filme, que teve uma receptividade fenomenal. Teve gente que me parava na rua para dizer que tinha visto *Duro de Matar* cinco vezes seguidas!

SET — *Mas fazer uma seqüência tem muitas limitações?*

WILLIS — Somente no que diz respeito ao raio de ação de seu personagem. *Duro de Matar* é uma história muito estruturada. Se de repente no segundo filme John McClane virasse um cara completamente diferente, ninguém aceitaria. Já pensou se ele virasse um comediante, de repente? O desafio — aí, sim — foi fazer um filme que fosse melhor, maior, mais barulhento do que o primeiro. Porque *Duro de Matar* era um senhor filme!

SET — *Foi muito diferente trabalhar com Renny Harlin, numa comparação com o diretor do primeiro filme, John McTiernan?*

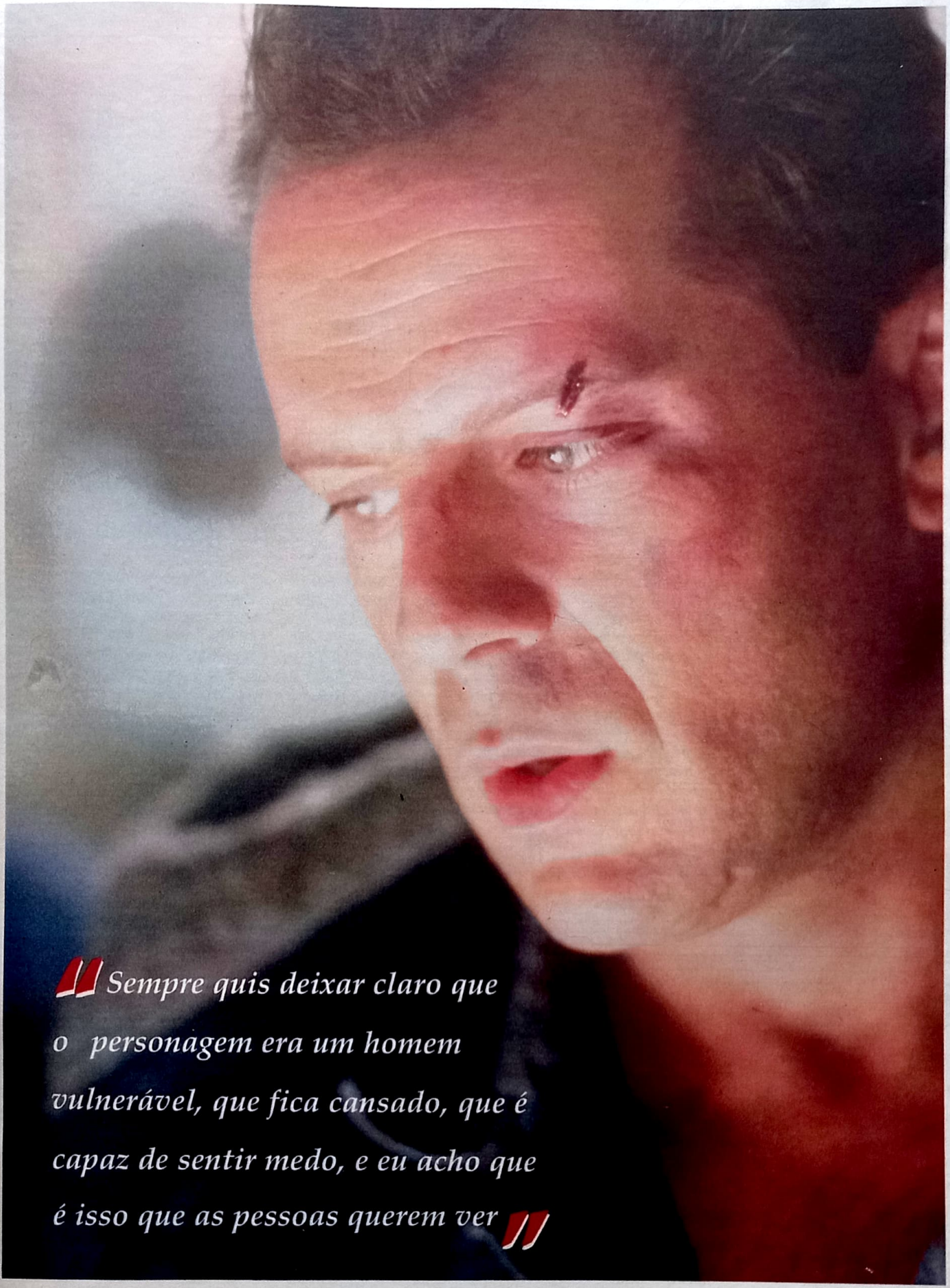
WILLIS — Eu não gostaria de comparar os dois. São dois caras completamente diferentes, com visões cinematográficas diferentes. Mas a tarefa de Renny é muito mais difícil, porque precisou trabalhar a partir de um filme feito por outra pessoa.

SET — *Muita gente está reclamando do grau de violência atingido pelos filmes atuais.* Duro de Matar *é considerado violentíssimo para algumas pessoas, principalmente para as crianças.*

WILLIS — Ainda não pensei muito sobre isso, na verdade. Fiquei surpreso ao saber que tantas crianças tinham visto o primeiro filme. Acho que as crianças hoje em dia são mais inteligentes e sofisticadas do que os adultos. Uma criança não faria uma pergunta desse tipo. Por outro lado, como é possível traçar os limites de uma situação como essa? Olha, tem muito palavrão nesse filme, mas essa é a linguagem desse tipo de filme. Tem muito sangue, também, mas é com esse tipo de elemento que se faz um filme desses. Que idade uma criança deveria ter para poder assistir a filmes assim? Sei lá, o suficiente para saber que aquilo não passa de um faz-de-conta. É só um divertimento.

SET — *Mesmo quando se fura o olho de uma pessoa com uma estalactite?*

WILLIS — É só divertimento, é faz-de-conta, e é para dar susto em você, sabia? É para ser assustador. Você... quantos filmes você viu nos últimos dois anos? Uns duzentos, provavelmente, né? É esse o seu ofício. Você já viu de tudo! Você está de saco cheio! Você já era! (risos). Não é


"Sempre quis deixar claro que o personagem era um homem vulnerável, que fica cansado, que é capaz de sentir medo, e eu acho que é isso que as pessoas querem ver"

Fox

para você que nós fazemos os filmes. Isso aqui é uma tarefa que você tem de cumprir, faz parte do seu emprego. Você também faz parte do show business.

SET — *Mas por que, então, se fala tanto, hoje em dia, em violência nos filmes? Por que a violência é assunto de discussões tão intensas?*

WILLIS — Porque é uma das coisas que ajudam a vender mais jornais. Olha, vocês também fazem parte do show business. Vocês têm a obrigação de conseguir novidades todos os dias, caso contrário haverá outra pessoa que fará uma matéria de qualquer maneira. Vocês têm de produzir, como nós precisamos produzir material. Então, sobre que assunto você vai falar para preencher as páginas de um jornal? E qual é o assunto do momento? Digamos que seja o problema da crise nas cadernetas de poupança americanas. É a coisa mais assustadora que está acontecendo no momento nos Estados Unidos: "Xi, talvez seja preciso gastar 400 milhões de dólares de dinheiro do contribuinte para resolver esse problema". Isso me assusta mais do que qualquer filme que já vi nos últimos cem anos!

SET — *Agora que James Bond entrou para os anais da história — pode-se argumentar que ele seria um personagem ultrapassado demais para os dias de hoje —, você vê seu personagem John McClane como sendo uma alternativa anos 90 para James Bond?*

WILLIS — Bem, não sei. Nunca desejamos fazer com que McClane parecesse uma espécie de super-homem. Eu sempre quis deixar claro que o personagem era um homem vulnerável, que fica cansado, que é capaz de sentir medo, e eu acho que é isso que as pessoas querem ver. Se o seu herói for somente um sujeito taciturno que não demonstra emoção alguma... Não é o tipo de coisa que me interessaria.

SET — *Já se cogita em* Die Hard III — Die Hardest?

WILLIS — *(Rindo) Die Hard III* ...E agora ele morreu! *(risos)*. Não, pelo menos agora.

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles SET

RATO DURO DE ROER

Como Rato, tira ou voz de bebê, o galã Bruce Willis atingiu a rara simbiose entre o humor e a boa-pinta

O segredo do sucesso de Bruce Willis é que ele é ao mesmo tempo bonito e engraçado, uma mistura que só costuma contemplar privilegiados como Cary Grant e William Powell. Quem garante a avaliação é Cybill Shepherd, a parceira do galã na série de TV *A Gata e o Rato*. Mas antes de se tornar o astro milionário e mundialmente famoso que é hoje, Willis comeu o pão que o diabo amassou e fez todos os malabarismos possíveis numa vida que pode ser qualificada de qualquer coisa, menos monótona.

Ele já nasceu "em trânsito". Seu pai, um mecânico de Nova Jersey, estava na Alemanha, servindo nas tropas americanas estacionadas lá, quando conheceu uma alemã e desse caloroso encontro nasceu Bruce. Dois anos depois, a família estava estabelecida em Carneys Point, cidadezinha de Nova Jersey onde o grosso da população era de imigrantes italianos. "Quando eu era pequeno, achava que todo mundo era italiano", recorda o ator.

A família era pobre e por isso Bruce, o filho mais velho, começou aos treze anos a trabalhar como mecânico na oficina do pai. Era gago desde os oito anos, mas curou-se milagrosamente ao começar a atuar em peças de teatro no ginásio. Durante o colegial, cursado na cidade vizinha Penns Grove, a coisa mais memorável que Bruce fez foi atravessar a cidade pelado, dando sua contribuição ao então em moda esporte do *streaking*. Na mesma época (início dos anos 70) juntou-se ao grupo local de rock Loose Goose como gaitista. Ao formar-se, eternizou no *Yearbook* do colégio seu projeto de vida: "Tornar-me delirantemente feliz ou gaitista profissional". A segunda parte do sonho foi realizada anos depois, com o lançamento do LP *The Return of Bruno* (1987), que vendeu meio milhão de cópias. O Bruno do título vem do apelido que Willis trouxe de sua infância italiana e mantém até hoje.

A segunda parte do sonho — ser "delirantemente feliz" — parece nunca ter sido um problema para Bruce "Bruno" Willis, cuja atitude diante da vida é uma combinação exata de luta e curtição, tenacidade e *savoir-faire*. Quando se diz, por exemplo, que ele teve de trabalhar de garçom e *barman* em restaurantes de Nova York enquanto buscava um lugar ao sol no teatro, isso soa como um capítulo melodramático de uma série do tipo "Esta é sua vida". Mas a coisa muda de figura quando se fica sabendo que

Bruno trabalhava deslizando sobre um *skate*, com uma calça de pára-quedista, uma camiseta rasgada e uma fita na cabeça, fazendo além de tudo piadas com os fregueses. "Às vezes uma risada pode ser algo tão gostoso quanto ir para a cama com uma mulher", diz este fã de Bob Hope e dos Três Patetas. E ele parece entender do assunto. Aliás, de ambos. Hoje ele é casado com a estrelinha Demi Moore (de *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*), com quem tem um filho, mas antes dela já cederam à sua sedução mulheres como Sherry Rivera (ex-esposa do telejornalista Geraldo Rivera) e as atrizes Linda Fiorentino (de *Depois de Horas*), Janet Jones e Olivia Brown (de *Miami Vice*).

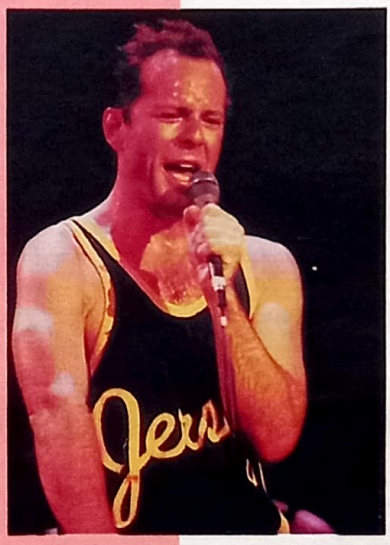
FAÍSCAS — As duas coisas — humor e sexo — estão na base do sucesso da série *A Gata e o Rato*, o verdadeiro divisor de águas na carreira de Willis. A oportunidade veio por acaso. Em meados de 1984, ele ainda batalhava em Nova York (onde estava desde 1977) para se firmar no teatro, tentando aproveitar o êxito de sua atuação em *Fool for Love*, de Sam Shepard. A essa altura, já havia feito um papel secundário na série *Miami Vice* (no episódio *No Exit*) e estrelado comerciais de jeans Levi's. Tentou em vão um papel em *Procura-se Susan Desesperadamente* e, desanimado, foi assistir às Olimpíadas de Los Angeles. Seu agente conseguiu-lhe então um teste para o papel principal de *Moonlighting*, filme-piloto da série *A Gata e o Rato*, para o qual já tinham sido testados sem sucesso três mil candidatos. O primeiro encontro entre Willis e a estrela da série, Cybill Shepherd, mostrou que ele era o homem certo. "Houve uma reação instantânea", relembra a atriz. "Saíam faíscas, como se diz". O piloto e a série (que durou quase quatro anos) tiveram um sucesso estrondoso, tornando Willis uma celebridade da noite para o dia.

A partir daí, tudo foi fácil, apesar de alguns tropeços. Por um contrato de sete milhões de dólares, o ator fez uma série de comerciais para os uísques Seagram. Seu primeiro papel importante no cinema foi numa comédia de Blake Edwards, *Encontro às Escuras* (1987), misturando mais uma vez humor e sedução, desta vez ao lado da *sex-symbol* Kim Basinger. O sucesso foi menor que o esperado, mas não desprezível: quarenta milhões de dólares na bilheteria. No filme seguinte, *Assassinato em Hollywood* (1988), também de Edwards, Willis enfrentou o desafio de encarnar um mito do cinema mudo, o ator-caubói Tom Mix. O filme foi injustamente malhado pela crítica e fracassou na bilheteria, mas o ator nem teve tempo de ficar triste, pois em seguida ganhou cinco milhões de dólares para estrelar seu primeiro filme de ação, que se tornaria um dos grandes sucessos do ano: *Duro de Matar*.

Mudando do vinho para a água — ou do sangue para o xixi —, no ano seguinte Willis fez sucesso sem precisar aparecer na tela, simplesmente dando sua voz ao simpático bebê de *Olha Quem Está Falando* (1989). Para compensar, este ano sua cara de moleque travesso mata a saudade dos fãs em quatro aparições preciosas — em *Duro de Matar 2* e nos ainda inéditos *Mortal Thoughts*, *The Hudson Hawk* e *A Fogueira das Vaidades*. É a volta de Bruno, em grande estilo.

José Geraldo Couto

Keystone



LFI

Acima, Willis com Cybill Shepherd, na série *A Gata e o Rato*; ao lado, o cantor em carreira solo; Kim Basinger é a companheira na comédia *Encontro às Escuras*

Tri-Star

ARANHA FAMILIAR

Fotos Hollywood Pictures

Arachnophobia é um curioso thriller infestado de aracnídeos, mas de pavor amortecido pelo espírito Disney

Os dois mentores de Frank Marshall estrearam na direção fazendo *thrillers:* Peter Bogdanovich, com *Target* e Steven Spielberg, com *Encurralado*. Portanto, o co-fundador da Amblin Entertainment — a produtora que deu ao mundo os três *De Volta Para o Futuro, Os Gremlins* e *Uma Cilada Para Roger Rabbit* — não pensou duas vezes quando resolveu passar de produtor/diretor da segunda unidade para diretor geral de um longa: fez um *thriller*.

Sentado numa das mesas do restaurante que serve aos executivos do Burbank Studios, na Califórnia (onde está encerrando as filmagens), Marshall explica como é difícil "fazer esse tipo de filme, porque você precisa tomar cuidado para criar uma situação em que as pessoas saiam correndo do cinema de tanto medo". Ainda mais quando o estúdio que está lançando o *thriller* é Hollywood Pictures, o mais novo desmembramento do império Disney. "Por isso este filme tem um bom condimento humorístico. É como uma montanha-russa: você se assusta, depois gargalha; se assusta, depois gargalha."

A montanha-russa de Frank Marshall foi construída em torno da história de uma família urbana que se muda de São Francisco para a pequenina Cambria, bem no interior da Califórnia: o pai médico (Jeff Daniels), a mãe que anseia por "voltar à natureza" (Harley Kozak) e o casal de filhos. Mal se mudam para Cambria, a pequena cidade é invadida por aranhas gigantescas, com 30 centímetros de diâmetro cada. Como as primeiras vítimas são clientes do recém-chegado Dr. Ross, todos os olhares da cidade voltam-se para ele. E, como o pobre Dr. Ross sofre de aracnofobia (medo de aranhas), tudo se complica mais ainda.

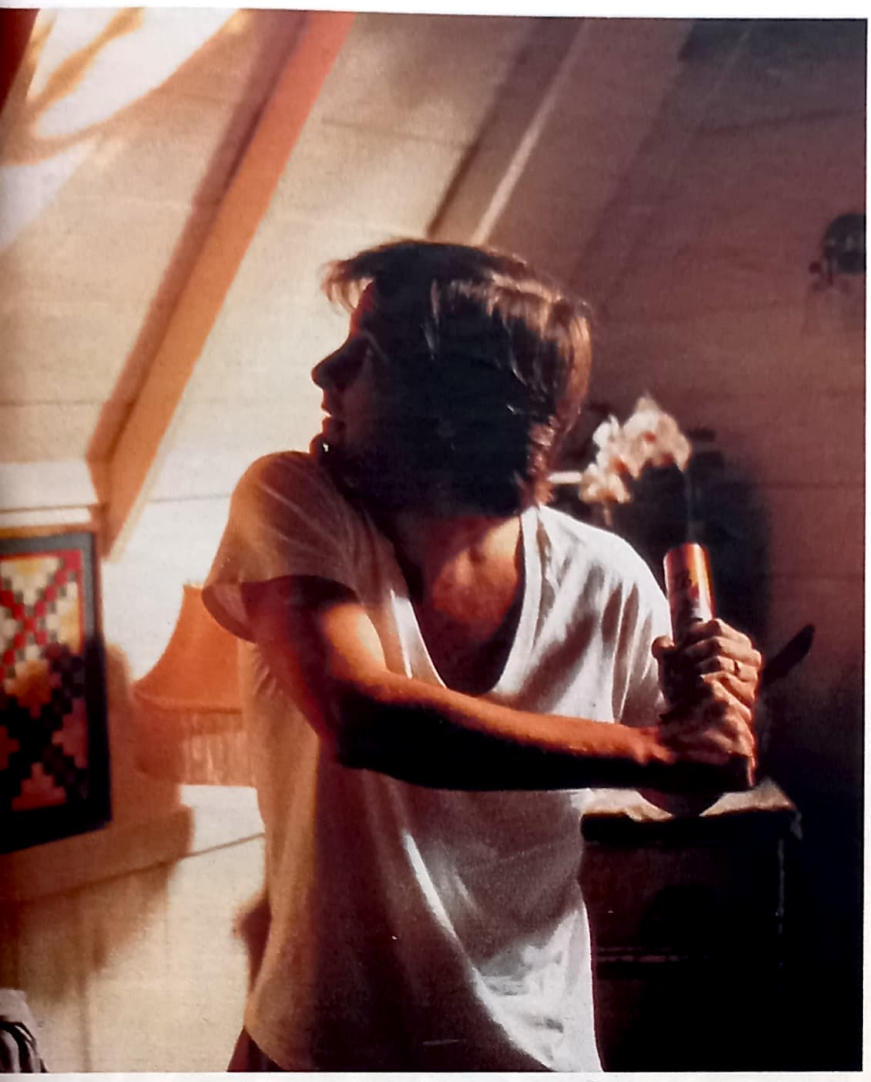
Ninguém acredita realmente na existência delas, os que acreditam não sabem combatê-las (John Goodman faz o papel de um exterminador que pretende derrotar suas inimigas como se ele fosse Rambo).

O pior: ninguém sabe de onde elas vieram (na verdade, são filhotes de um espécime venezuelano trazido por engano por um cientista — Julian Sands — depois de uma expedição exploratória). Parte de *Arachnophobia* foi rodada numa reserva ecológica venezuelana, mas 80% do filme se passa nos estúdios de Burbank.

"O engraçado é que quando recebi o *script* original, no verão passado, ele se chamava *Arachnophobia*, mas não havia um só personagem com medo de aranhas na história", comenta Marshall. "Mudamos um bocado a história. Em parte porque seria impossível filmar em determinadas locações que o roteiro especificava. Em parte porque pretendíamos que a história ficasse mais divertida. No começo o roteiro era meio de filme B, daí adicionamos o humor."

MEGA-ARANHA — "Não deixou de ser um filme assustador", enfatiza Frank. "Ainda assusta, da mesma forma que *Tubarão* assustava. Mas não é tão sanguinolento ou aterrorizante."

De fato, a sintonia do roteiro foi



Jeff Daniels investe contra a sombra ameaçadora de uma aranha (ao lado); acima, Daniels e o exterminador de aracnídeos John Goodman (de boné)

a tarefa menos árdua, se comparada à necessidade de se lidar com até 180 aranhas vivas numa só tomada, geralmente com a interação de humanos não exatamente felizes de estarem convivendo intimamente com criaturas peludas de 1 palmo de diâmetro.

"Eu só conversava com os atores depois de ter certeza de que eles não tinham medo de aranhas. Mesmo assim, ainda fazia um teste, colocando aranhas de verdade em cima dos atores. Começava com as crianças (risos), porque assim os adultos ficavam com tanta vergonha de parecerem medrosos que aceitavam."

O convívio aranhas/humanos, porém, não era tudo: Marshall pretendia fazer um filme de aranhas diferente de todos os outros, sem "aquela coisa de ficar cortando de um *close* de uma aranha para uma expressão de terror de algum humano. Neste filme eu passo a câmera de uma aranha para um humano para mostrar que os dois estão juntos naquela situação. Só assim essas cenas seriam assustadoras".

"E isso torna as coisas mais difíceis ainda para os atores, porque eles precisam fazer cada cena com extrema precisão, porque você nunca sabe se a aranha vai 'representar' bem ou não naquele momento. Já houve casos em que tivemos que repetir uma mesma cena 37 vezes por causa disso!"

Uma maneira de se evitar a imprevisibilidade das peludas criaturas teria sido construir réplicas mecânicas, possibilidade que Marshall descartou imediatamente, porque buscava realismo máximo.

Assim foram importadas quase duas centenas de exemplares diretamente da Nova Zelândia, divididos em duas categorias: as dalenas, de 12 centímetros de diâmetro),e as caranguejeiras, com o dobro do tamanho. Nenhuma é venenosa, elas são "extremamente dóceis", conforme seus tratadores. Mas são todas apavorantes.

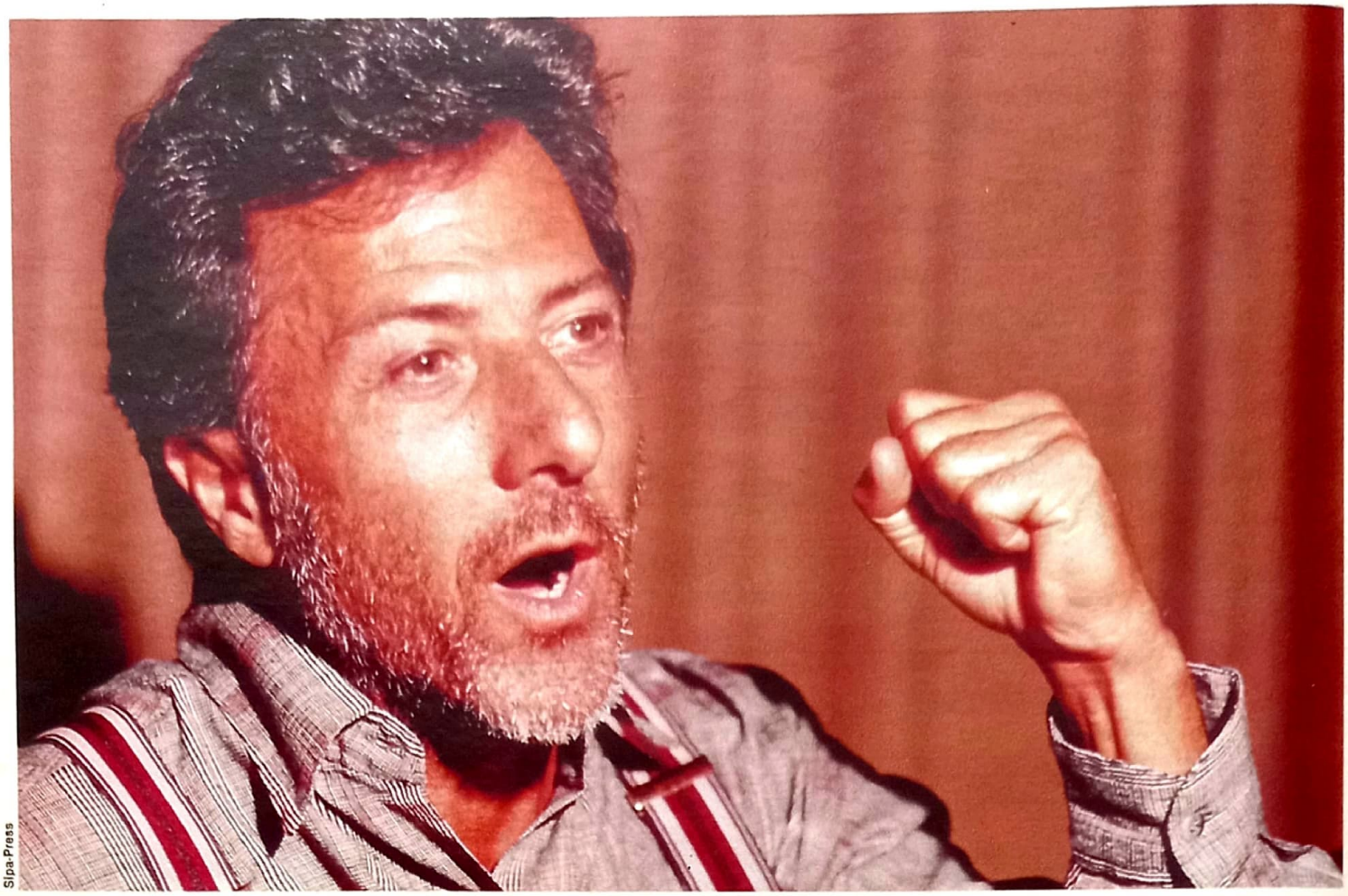
Todas as aranhas participaram do que a equipe batizou "olimpíadas da aranha": uma série de testes de velocidade e habilidade (como ficar de cabeça para baixo e voltar rapidamente à posição original) que selecionaram a 'estrela principal': a mega-aranha apelidada de "Big Bob"

Para fazê-las parecer "inteligentes e malvadas, como se tivessem um plano a pôr em prática", Marshall e sua equipe elaboraram várias táticas que orientassem os movimentos e as reações das aranhas de acordo com as necessidades dramáticas de cada cena.

Quando queriam que as aranhas se movimentassem numa determinada direção, os tratadores sopravam em canudos ou criavam obstáculos com fios minúsculos, invisíveis em celulóide. Se precisavam de três ou quatro aranhas se movimentando juntas a partir de um mesmo ponto, usavam os "lança-aranhas", pequenos compartimentos parecidos com os usados para dar a partida dos cavalos nas corridas do Jockey Club.

Frank sabe que todos os olhos de Hollywood (não apenas do estúdio, mas de toda a indústria) estão em cima dele. "Como diretor, você recebe todos os méritos quando o filme é bem-sucedido. Mas quando o filme é um fracasso, o diretor leva toda a culpa por isso. Mas se tudo der errado (risos), sempre posso voltar a produzir, não é?"

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles SET



Sipa-Press

DUSTIN HOFFMAN

Numa conversa descontraída, o astro fala de *Ishtar* e *Dick Tracy*, ataca David Puttnam e diz que será esquecido

De short, sandália e camiseta, bronzeado e bem-disposto, Dustin Hoffman não tem a mais tênue semelhança nem com o patético vilão Mumbles, seu minipapel no filme *Dick Tracy*, de seu amigo Warren Beatty, nem com o trágico Raymond de *Rain Man*, que lhe valeu um Oscar e algumas outras dúzias de honrarias. Ele chega pontualmente para a entrevista, num dos estúdios do gigantesco complexo Disney/MGM, em Orlando, Flórida, pede água, café e olha para cima, divertido. "Não olhe agora", ele sorri, abanando a cabeça e acenando para algum ponto da minha cabeça, "mas estamos sendo observados." De fato, nas galerias envidraçadas sobre o estúdio/sala de entrevistas uma multidão aflita de turistas nos acena e tira fotos compulsivamente. Digo a meu entrevistado que aquele tumulto se deve, certamente, a ele e não a mim, pobre repórter. Ele sorri ainda mais amplamente: "Oh, não, minha querida, todos nós somos parte do circo da mídia!"

SET — *Como você acabou se tornando Mumbles?*

DUSTIN HOFFMAN — Foi idéia de Warren. Acho que foi em mim que ele pensou, em primei-

ro lugar, para o papel. Porque há muito tempo eu faço essa imitação de uma pessoa que nós dois conhecemos, um produtor que fala daquele jeito, e eu sempre dizia a ele: não seria bárbaro pôr esse personagem num filme? Eu estava em Los Angeles para o Oscar, tinha acabado *Negócios em Família*, ia começar a ensaiar a peça *O Mercador de Veneza* e tinha uma "janela" disponível de uns dois ou três dias, e Warren me disse: Dustin, você vai ter a oportunidade de fazer aquela sua imitação num filme. E foi assim. Eu estava com gripe e, na manhã seguinte da festa do Oscar, eu estava na cadeira de maquiagem me transformando em Mumbles. Trabalhei dois dias durante 18 horas e, no terceiro dia, fui para Nova York fazer o *Mercador*. Não foi exatamente fácil!

SET — *Se este não fosse um filme de Warren Beatty, você teria aceito ser Mumbles?*

HOFFMAN — Não, nunca. Nem em um milhão de anos. Não porque o papel seja pequeno — todo ator adora pequenos papéis. Mas porque esta era uma coisa que eu estava fazendo por Warren. Era a visão dele. Não era um papel qualquer num filme qualquer.

SET — *Qual a sua opinião sobre Warren Beatty, o profissional de cinema?*

HOFFMAN — Existem duas visões de Warren Beatty, a visão que o público tem, que é desse astro misterioso, recluso, e a visão que os colegas têm . E os colegas adoram Warren, e eu me incluo nisso. Pode perguntar a qualquer diretor de arte, diretor de fotografia, maquiador, figurinista. Todo mundo ama trabalhar com Warren. E com razão. Ele sabe o que faz. Ele sabe como tirar o máximo de cada profissional. Ele sabe escolher as pessoas. Ele é maravilhoso. Tem um gosto impecável e é extremamente inteligente.

SET — *E você concorda com a visão dele a respeito de Dick Tracy, filme, personagem, elenco?*

HOFFMAN — Acho que Warren conseguiu algo genial com este filme: conseguiu pôr na tela uma visão européia da América. Da América fascista, subterrânea, dos gângsteres. Essa era a visão original de Chester Gould, e Warren foi direto à raiz desse ponto de vista. *Dick Tracy* é um filme sério, feito com a maior seriedade. Você tem referências ali... Eu sei que Warren estudou tudo isso com a maior atenção, e ele e Vittorio (*Storaro, diretor de fotografia*, **NR**) conversaram muito sobre isso... Tem referências do expressionismo alemão e de Jack Levine com sua série de pinturas sobre os capitalistas americanos... E Bertolt Brecht na composição dos vilões, tem muito de *Arturo Ui* no Big Boy Caprice de Al Pacino... É um filme único, único no seu gênero, é um novo gênero em si mesmo, fundindo dessa forma a linguagem dos quadrinhos com a do cinema e criando uma terceira forma de expressão, que, para mim pelo menos, é inédita.

SET — *O último filme que você e Beatty fizeram juntos,* Ishtar, *infelizmente entrou para a história do cinema como um dos grandes fracassos de todos os tempos. Hoje, olhando para trás, quais são seus sentimentos com relação a esse filme?*

HOFFMAN — Não gosto de defender filmes. Mas eu gostei de *Ishtar*. Não acho que seja um grande filme, mas é uma boa comédia. Tivemos duas pré-estréias em Toronto, no Canadá, e o público adorou. Só se ouviam aplausos e gargalhadas. No fim, o filme recebeu uma ovação de pé. Depois, começou o rolo compressor de críticas negativas. Na minha opinião, houve uma campanha concentrada para liquidar *Ishtar*.

SET — *Por quê?*

HOFFMAN — Porque muita gente odeia Warren Beatty. David Puttnam (*então presidente da Columbia*, **NR**) odeia Warren. E, de um modo estranho, me odeia também. Ele disse para várias pessoas que trabalhar comigo era um pesadelo, era a pior coisa que já tinha acontecido com ele.

SET — *A ordem para liquidar* Ishtar *teria, então, partido de Puttnam?*

HOFFMAN — Não tenho a menor dúvida disso. Ele foi divulgador e relações-públicas antes de se envolver com cinema. Ele sabe como manipular a mídia. Ele é muito inteligente, conhece o mercado, conhece as regras do jogo. Lançou *Carruagens de Fogo* na mesma época em que Warren lançou *Reds* e tentou liquidar *Reds*, mas não conseguiu. E ele odeia Warren desde então. Ele conhece Hollywood. Sabe que conseguir um consenso contra Warren é muito fácil nesta cidade, porque todo mundo adora odiar alguém. Veja o que eles fizeram com Ingrid Bergman e com Charles Chaplin! É fácil banir uma pessoa!

SET — *Você acha que houve algum tipo de campanha neste sentido contra* Dick Tracy *também?*

HOFFMAN — Houve muita negatividade. Dois meses antes de o filme ser lançado já havia esses rumores negativos... E tenho certeza de que isso partiu de algum lugar, partiu de todos esses executivos que rejeitaram o projeto. É a maldade intrínseca deste *business*. É assim que as campanhas de extermínio são orquestradas. E, infelizmente, é muito fácil seduzir pessoas da mídia, pessoas importantes até...

SET — *Você fez tantos papéis memoráveis — por qual deles você acha que vai ser lembrado?*

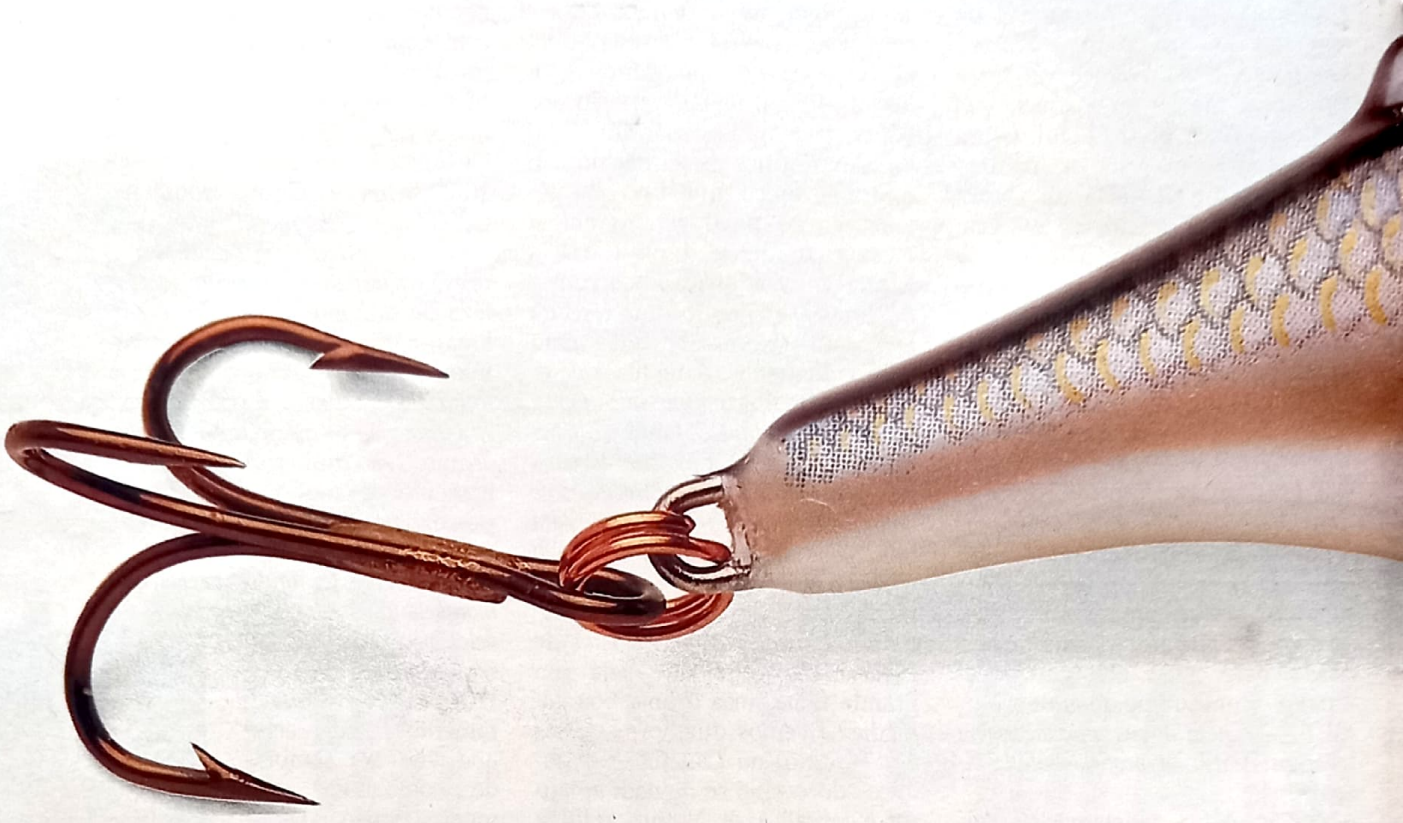
HOFFMAN — Sinceramente? Eu acho que vou ser lembrado, como todo ator, muito pouco. Estou cansado de ver isso. Gente como Paul Muni, que fez dezenas de filmes. Quem se lembra dele? Infelizmente, é isso que acontece.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles SET

Warner

"Acho que Warren conseguiu algo genial em* Dick Tracy: *uma visão européia da América fascista, subterrânea, dos gângsteres."

CÓPIA OU



NÃO SEJA FI
UM PRODU

© Warner Home Video Inc.

Tem gente querendo pescar você com cópias de vídeo não seladas. Uma pirataria que, além de ilegal, é feita na maioria das vezes por pernas-de-pau.

Mais do que não respeitar a lei, estas pessoas estão desrespeitando seu direito de ver um bom filme. E, o que é pior, estragando seu lazer, seu fim-de-semana e principalmente seu vídeo cassete. Afinal, uma fita selada é produzida em modernos laboratórios, duplicada e legendada por técnicos capacitados com aparelhos corretos. Já as cópias piratas fazem experiências num local pouco recomendado: no seu próprio

ORIGINAL?

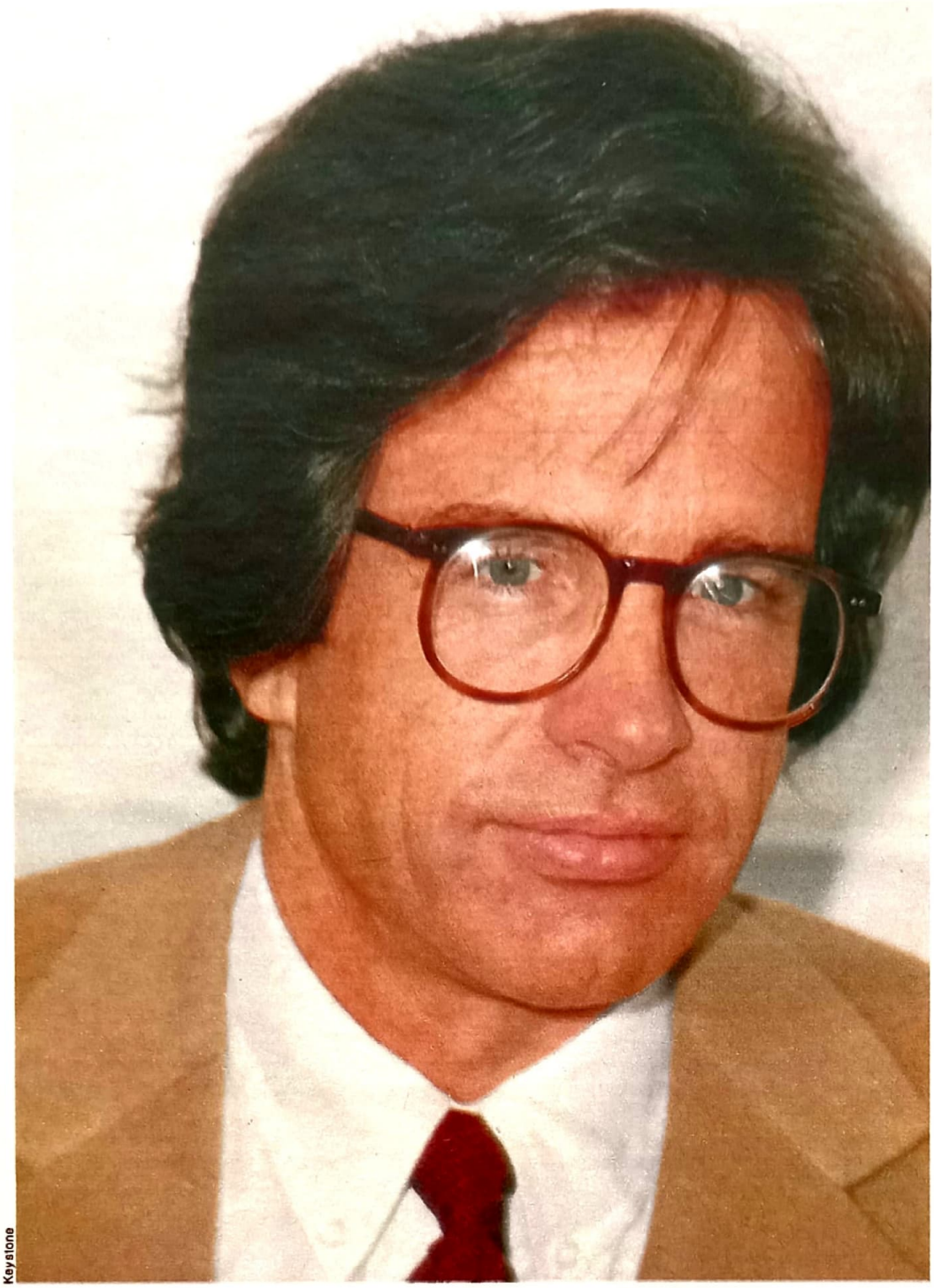
SGADO POR
TO FALSO.

FAST

aparelho.
Não caia nessa rede. Vá à sua locadora. E exija fitas seladas. Um produto que garante a qualidade da sua diversão.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.



Keystone

WAR
BEAT

Rompendo treze anos de silêncio, o galã denuncia complôs, faz elogios a Madonna e deixa no ar a hipótese de fazer *Dick Tracy 2*

Para alguém que tem fama de ser um verdadeiro eremita, quando se trata de mídia, Warren Beatty até que anda bem saidinho. Está certo que ele negociou uma entrevista de TV com Barbara Walters acumulando o maior número de silêncios e resmungos já ouvidos no horário nobre ("Quando eu não quero falar sobre um assunto, eu não falo mesmo", ele diria, depois). Mas, depois que *Dick Tracy* — um projeto no qual ele jogou seis anos de trabalho, todo o seu prestígio e poder e algumas cartadas decisivas, como escalar a si próprio para o papel-título — foi lançado, no meio de um dos verões mais competitivos da história, Beatty perdeu pudores, rancores e temores e saiu falando pelos cotovelos — ou quase.

Em Orlando, onde os Estúdios Disney organizaram uma festança faraônica para 4 mil convidados durante três dias consecutivos, Beatty cortou fitas inaugurais, posou para fotografias, desfilou em carro aberto e deu tantas entrevistas que até o próprio estúdio perdeu a conta. O objetivo era claro: dissipar o que ele e seu amigo Dustin Hoffman chamaram de "negatividade" em torno de *Dick Tracy* (devida, em grande parte, ao próprio espírito recluso de seu produtor/diretor/astro). E ajudar como fosse possível a estabelecer o filme na praça, diante da competição feroz de pesos mais pesados, mais atuais, mais falantes e mais jovens do que ele. A sua relação com a Disney não acaba aqui: em setembro ele começa a filmar o drama *The Doctor*, dirigido por Randa Haines *(Os Filhos do Silêncio)*.

SET — *Você tem se recusado a dar entrevistas nos últimos anos. Por que decidiu quebrar o silêncio?*

REN TY

WARREN BEATTY — Eu não acredito em divulgação para um filme. Sempre achei que ficar falando sobre um filme não leva ninguém a ver um filme. Cada um tem sua opinião. Não precisa ficar ouvindo o que sai da boca de uma pessoa só porque ela é famosa. Mas estou numa minoria neste ponto de vista, e acho que, agora, eu simplesmente acordei para a realidade de como os filmes são divulgados e distribuídos, hoje em dia. Eu deixei de dar entrevistas há exatamente treze anos. E fiz isso porque estava cansado de ter minhas declarações distorcidas, colocadas fora de contexto. Na verdade, acho que estamos vivendo uma crise de comunicação. Temos essa tecnologia fantástica, mas não temos a habilidade ou a sabedoria para usá-la.

SET — *Em algum momento você teve dúvidas quanto a escalar a si mesmo para ser Dick Tracy?*

BEATTY — Bem, no início, bem no início, eu não queria nem dirigir esse filme. Depois eu aceitei dirigir, mas não queria estrelar o filme. Eu pensava sinceramente que eu não me parecia com Dick Tracy. Mas depois de um certo tempo eu percebi que ninguém se parecia com Dick Tracy. E que eu era provavelmente melhor do que ninguém. E eu descobri um chapéu amarelo que combinava com uma capa amarela sem ficar sujo demais, e que eu gostava de lutar e dizer frases como "OK, rapazes, vamos!"

SET — *O que você acha de Dick Tracy?*

BEATTY — Ele é direto, honesto, simples e não tem medo de ser careta. É até um pouco chato. Tem um quadrinho dele que eu adoro: ele está olhando para um bandido e dizendo "Tome isto, sua barata!" Gostei disso. Aí está um sujeito decente.

SET — *Algum comentário sobre a escalação de Madonna para o papel de Breathless Mahoney?*

BEATTY — Madonna é uma artista completa. Ela se dedica com a máxima seriedade a tudo o que faz, e, ao mesmo tempo, não se leva extremamente a sério. Eu acho que todo mundo devia simplesmente baixar a guarda e parar de se preocupar tanto com Madonna. Deviam, em vez disso, aproveitar o extraordinário talento dela. Ela é um presente para o mundo do *show business*.

SET — *Como você reagiu, pessoalmente, aos rumores negativos que circulavam enquanto o filme ainda estava sendo feito?*

BEATTY — Eu acredito que existe um espírito negativo à solta. Mas não acho que seja especialmente dirigido a mim. Acho que é dirigido contra todo mundo. Posso parecer meio místico, mas há algo à solta lá fora que não é nada bom. Apenas parece dirigido a mim porque eu estou em evidência há tanto tempo. Uns 94 anos, mais ou menos... E certamente isso faz parte dessa minha profissão. São os ossos do ofício.

SET — *Por que, para você, a carreira de diretor é tão rarefeita? E, mesmo como ator, você tem espaçado cada vez mais suas atuações. Por quê?*

BEATTY — Fiz meu primeiro filme quando ainda era muito jovem. O diretor era excelente e o filme foi um grande sucesso, e eu, de certa forma, percebi que não queria voltar em outra encarnação como um garçom ou médico. Mas muito em breve eu descobri também que fazer filmes não era tudo na minha vida, e tentei ter alguma vida fora de *sets*, para não passar toda a minha existência, como Cary Grant um dia me disse, "trocando em fios pelos estúdios". Acho que vou tentar fazer mais filmes depois deste. Tenho gostado mais deles, ultimamente. Tenho gostado mais do que sei sobre eles. No final das contas, são apenas filmes. Eles são coisas divertidas, e eu devo me divertir fazendo-os. Eu me diverti fazendo *Dick Tracy*. Além do mais, é um filme que faz as pessoas sorrirem. Se você me disser que odiou *Dick Tracy*, eu preciso ter uma longa conversa com você. Esse filme não é digno de ódio.

SET — *Veremos uma continuação para* Dick Tracy? *A direção da Disney e até o elenco parecem ansiosos por isso...*

BEATTY — Eu sou o problema para um segundo *Dick Tracy*. Todo mundo sabe disso. Nunca fiz uma continuação. Não creio que venha a fazer. Eles vão ter que me convencer muito. E, é claro, eu não deixaria outra pessoa tocar num projeto como este. É muito pessoal para mim.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Warner

"Madonna é uma artista completa. Ela se dedica com a máxima seriedade a tudo o que faz, e, ao mesmo tempo, não se leva a sério."

JOHNNY WEISSMULLER

O mais famoso Tarzan das telas teve uma carreira trágica, das medalhas olímpicas ao alcoolismo e à loucura

Se aos personagens da literatura fosse dado o poder de opinar sobre a sua melhor personificação nas telas de cinema, o Tarzan criado por Edgar Rice Burroughs provavelmente daria seu voto para Johnny Weissmuller. Sexto numa dinastia que conta dezessete reis das selvas e recordista em longas-metragens na pele do homem-macaco (doze, entre 1932 e 1948), Weissmuller teve mais da metade de sua vida confundida com o mito de Tarzan, a ponto de levá-lo à loucura.

Filho de um militar austríaco emigrado para os EUA, Peter John Weissmuller chegou ao trono das selvas pela via olímpica. Nascido em 2 de julho de 1904, Johnny teve graves problemas de coordenação motora na infância. Um médico sugeriu a natação para recuperar o garoto.

O remédio foi tão certeiro que Johnny, sob orientação de um dos melhores treinadores norte-americanos da época, "Big" Bill Bachrach, se tornou o maior astro das piscinas na primeira metade do século. Ganhou cinco medalhas de ouro em duas Olímpiadas (1924, em Paris, e 1928, em Amsterdã), venceu 39 títulos em campeonatos dos EUA e acumulou 67 recordes mundiais. Desenvolveu também uma nova maneira de nadar no estilo "crawl".

Foi como celebridade nacional já em fim de carreira que Weissmuller resolveu empregar seu físico privilegiado no cinema. O roteirista Cyril Hume o "descobriu" entre os figurantes da Metro como uma embalagem perfeita para o primeiro Tarzan sonoro do cinema.

Logo na estréia, em *Tarzan, o Filho das Selvas* (*Tarzan, the Ape Man*, de Woody Van Dyke, 1932), Weissmuller deu ao personagem uma marca definitiva, o grito que faz tremer a floresta. Para o ator, era uma variação dos cantos tiroleses que aprendera nos piqueniques da comunidade austríaca. Os técnicos de som da MGM trataram de mixar junto à voz de Weissmuller os sons de uma hiena, um camelo, um cão e uma corda de violino, multiplicando o efeito.

GORDO DEMAIS — Daí por diante, Weissmuller só fez por consolidar a fama de Tarzan. Venceu leões treinados, jacarés de borracha e a concorrência (Buster Crabbe, Herman Brix e Glen Morris, que tentaram ser Tarzan na mesma época). Levou o modelo de família norte-americana para a selva, com Jane (Maureen O'Sullivan e Brenda Joyce) e o filho adotivo Boy (Johnny Sheffield). Lutou contra amazonas e mesmo contra sereias, mas nunca conseguiu superar a censura, que vigiava a união ilegal do herói com Jane.

Fora das telas, Weissmuller confiou a direção de sua carreira ao marketing dos estúdios. Separou-se de sua primeira mulher, por ordem da MGM, que o queria como um *sex symbol* desimpedido. Seus chefes só autorizaram um novo casamento em 1938, com a engolidora de fogo mexicana Lupe Velez. No mesmo ano, depois de muitas brigas, Lupe cometeu suicídio.

A carga da morte de Lupe, da qual Johnny sempre se culpou, foi uma forte contribuição para que o ex-atleta viesse a afundar mais tarde no álcool e nos problemas cardíacos. Preso por contrato ao papel de Tarzan, Weissmuller envelhecia e dependia cada vez mais dos recursos ilusórios do cinema para poder manter o reinado entre os macacos.

Em 1942, transferiu-se para a RKO, que realizou os sete últimos longas de Weissmuller como Tarzan, além de duas outras tentativas suas de mudar de papel, *Noivas de Tio Sam (Stage Door Canteen)* e *Swamp Fire*. Mais tarde ele admitiria sua limitação como ator, reforçada por diretores que insistiam na linguagem minimalista de Tarzan.

Já gordo demais para convencer como Tarzan, Weissmuller vestiu uma roupa safári e continuou no mato, encarnando Jim das Selvas, personagem dos quadrinhos de Alex Raymond (autor também de Flash Gordon). Entre 1948 e 1955 realizou quinze longas no papel,

Keystone

AFP

Na página oposta, o nadador campeão. À esquerda, Tarzan com Jane (Maureen O'Sullivan), Boy (Johnny Sheffield) e Chita. Abaixo, Jim das Selvas e sua macaca

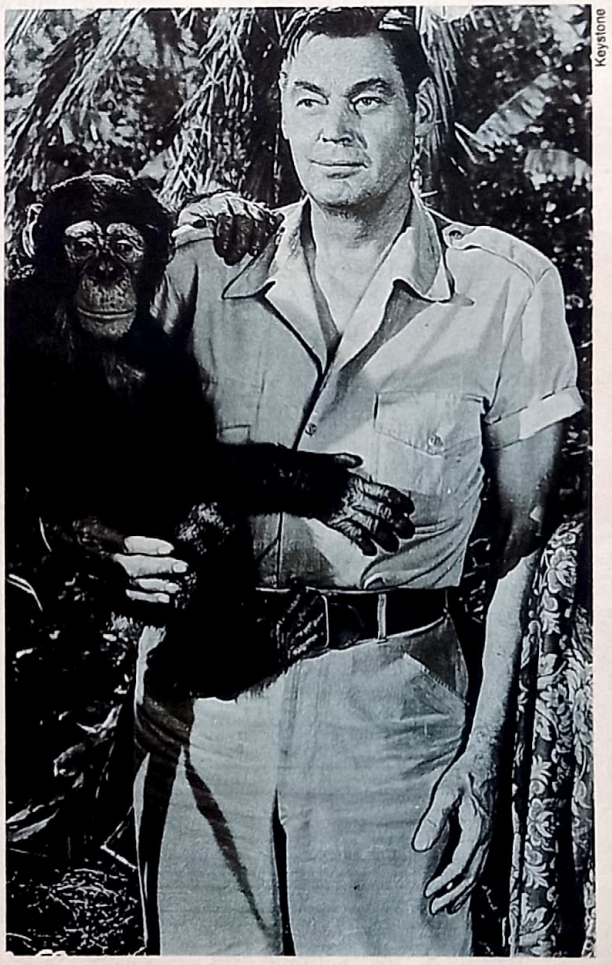
além de estrelar a série de TV do herói.

VERSÃO DO GRITO — Bem mais gordo e já contando 51 anos, Weissmuller foi tirado do ar. Tentou em vão emprego em outros estúdios. Acabou conseguindo um melancólico cargo de recepcionista de uma cadeia de hotéis, encarregado de entreter os visitantes com suas histórias sobre Tarzan e exibições de um talento perdido nas piscinas.

Dois casamentos fracassados depois de Lupe e a perseguição implacável do fisco norte-americano acentuaram o declínio do ex-astro. Leiloou seus troféus e prêmios como atleta e ator. Os problemas de saúde se acumularam. Em 1977, quando trabalhava no Caesar's Palace de Las Vegas, é internado às pressas devido a um ataque cardíaco. Dois anos depois, sofre grave cirurgia para retirar um tumor no esôfago. No período, tem a manifestação mais aguda do processo degenerativo de seu cérebro. Durante sua internação no Motion Pictures Hospital de Los Angeles, assusta os pacientes dos quartos vizinhos emitindo uma versão enrouquecida do grito que o celebrizou. Por pouco não foi transferido definitivamente para um manicômio.

Weissmuller passou os últimos cinco anos de sua vida em uma casa que construíra perto de Acapulco, México, cenário de seu último filme como Tarzan. Morreu em janeiro de 1984, de edema pulmonar. Suas duas últimas aparições na tela ocorreram em 1970 e 1975, respectivamente em *Conjunto de Espiões* (*The Phynx*, com a ex-Jane Maureen O'Sullivan) e *Won Ton Ton, o Cachorro que Salvou Hollywood* (*Won Ton Ton, The Dog Who Saved Hollywood*). Sua quinta e última mulher, Marisa Brock, ocultou-lhe o fato de que seu filho, Johnny Weissmuller Jr., esteve ligado à produção da sátira pornô *Tarzoon, a Vergonha da Selva*, um desenho animado. Quem um dia já tivera tanto orgulho de cavalgar as costas de Tantor, o elefante, poderia não ter mais forças para suportar essa revelação.

Marcos Smirkoff



Keystone

ÉCRAN INTELECTU

Chegam ao Brasil duas das mais importantes obras da teoria cinematográfica do cineasta Eisenstein

"Os livros apegam-se a mim. Eles pousam em mim, correm em minha direção, afeiçoam-se a mim. Eu os amo há tantos anos! Encerram uma linha fértil de pensamento, uma palavra de estímulo, uma citação que reforça, uma ilustração que convence."

Sergei Eisenstein

Fotos Companhia das Letras

O genial cineasta soviético Sergei Eisenstein, para quem os livros tiveram tanta importância, foi endeusado e combatido, sofreu golpes tanto do comunismo burocrático (que censurava continuamente qualquer forma de expressão de sua intelectualidade) como do capitalismo predatório (que o expulsou dos Estados Unidos). Mas Eisenstein nunca cedeu às pressões. Na verdade, parece que nem mesmo se importou, pois elas cada vez mais alimentavam suas idéias e seu trabalho. Sobreviveu e legou aos seus semelhantes uma das contribuições mais decisivas e originais da história da cinematografia, seja por seus filmes, seja por seus muitos escritos.

Após sua morte, em 1948, a inveja de seus conterrâneos permaneceu viva e durante 25 anos muitas de suas obras continuaram inéditas. Seus filmes foram proibidos — até mesmo sua exibição para alunos da VGIK (Escola da União dos Institutos de Cinema da União Soviética), onde lecionou no curso de direção cinematográfica.

Apesar disso, e por esforço de seu aluno e assistente Jay Leyda, suas obras foram publicadas em Nova York e em Londres. Em viagens pela Europa e Estados Unidos, Eisenstein geralmente publicava um artigo em algum órgão de imprensa ou palestrava em conferências que se transformavam depois em publicações. O pensamento desse gênio não poderia ficar contido apenas em si mesmo.

ERUDIÇÃO — Em 1936, Jay Leyda tentou publicar nos Estados Unidos uma coletânea de artigos, preocupados basicamente com a questão da dramaturgia da forma do filme — o livro *A Forma do Filme*, lançado agora no Brasil pela Editora Jorge Zahar juntamente com o único de seus livros que Eisenstein viu impresso, *O Sentido do Filme*, publicado em 1942 por uma editora de Nova York.

Se nos doze artigos de *A*

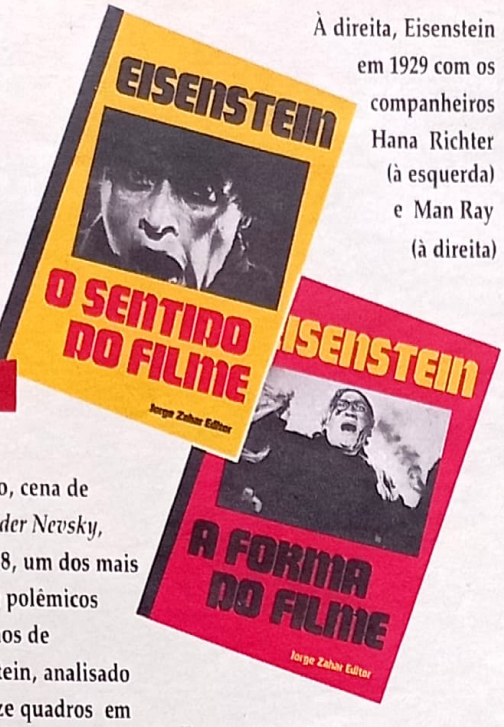
A FORMA DO FILME

"Acho que, antes de qualquer coisa, devemos dar crédito aos princípios básicos do circo e do music-hall *— pelos quais senti um amor apaixonado desde a infância. Sob a influência de comediantes franceses, e de Chaplin (de quem só ouvíramos falar), e as primeiras notícias sobre o* fox-trot *e o* jazz, *este amor precoce floresceu."*

"O mais curioso é que Dickens parece ser a fonte de ambas *as linhas do estilo de Griffith, que refletem as duas faces dos Estados Unidos: os Estados Unidos Provincianos e os Estados Unidos Super-Dinâmicos. Isso pode ser detectado imediatamente no Griffith 'íntimo' da vida norte-americana contemporânea ou passada, onde Griffith é profundo, nos filmes, que Griffith me contou terem sido 'feitos para mim e invariavelmente rejeitados pelos exibidores.' "*

"O MÉTODO POLIFÔNICO de construir o cinema sonoro não apenas não enfraquecerá o CINEMA INTERNACIONAL, mas fará com que seu significado tenha um poder sem precedentes e alcance a perfeição cultural."

JAL



À direita, Eisenstein em 1929 com os companheiros Hana Richter (à esquerda) e Man Ray (à direita)

Ao lado, cena de *Alexander Nevsky*, de 1938, um dos mais belos e polêmicos trabalhos de Eisenstein, analisado em doze quadros em *O Sentido do Filme* Abaixo, o olhar sereno da genialidade eisensteiniana

Forma do Filme, escritos e publicados separadamente em 1929, Eisenstein se mostra preocupado com a dramaturgia do cinema — principalmente o cinema mudo —, em *O Sentido do Filme* seu tema primordial é a montagem, para o qual tem a força de incluir no processo criativo a razão e o sentimento do espectador. Nesses artigos, Eisenstein revisa os conceitos da montagem a partir do cinema sonoro, conceitos criados em *A Forma do Filme*.

No entanto, sua erudição, somada ao estilo literário, resulta numa linguagem difícil, que requer um esforço pouco comum. Seus temas são inusitados, complexos, e Eisenstein cria conceitos, que exprime por meio de uma nova terminologia ou por meio de neologismos inventados por ele próprio. Tinha leituras universais e constantemente citava fontes inesperadas. Nos dois livros, utiliza-se de música, poesia, prosa e artes plásticas como exemplo de seus conceitos.

Eisenstein produziu e criou algo novo até seus últimos momentos de vida. Seus artigos nasceram da necessidade de conservar todo pensamento no campo da criação cinematográfica — para que ela se tornasse propriedade de todos que trabalham com cinema — e a exploração máxima dos meios de que o cinema dispõe, já que, para ele, o cinema "é a mais internacional das artes".

Deborah Peleias SET

A Forma do Filme — Sergei Eisenstein — trad. Teresa Ottoni — Ed. Jorge Zahar, 230 págs.

O Sentido do Filme — Sergei Eisenstein — trad. Teresa Ottoni — Ed. Jorge Zahar, 150 págs.

O SENTIDO DO FILME

"O aspecto audiovisual de Alexander Nevsky *alcança sua mais completa fusão na seqüência da 'batalha sobre o gelo' — particularmente no 'ataque dos cavaleiros' e na 'punição dos cavaleiros'. Esse aspecto também se torna um fator decisivo porque, entre todas as seqüências de* Alexander Nevsky, *o ataque pareceu o mais comovente e memorável para os críticos e espectadores. O método usado nele de correspondência audiovisual é o mesmo de todas as outras seqüências do filme."*

"A arte da composição plástica consiste em levar a atenção do espectador através do caminho certo e na seqüência certa determinados pelo autor da composição. Isso se aplica ao movimento do olho sobre a superfície de um quadro se a composição é expressa pictoricamente, ou sobre a superfície da tela se estamos trabalhando com um quadro cinematográfico."

"Involuntariamente me lembro que Oscar Wilde negava que as idéias de um artista nascessem 'nuas', para apenas mais tarde serem vestidas com mármore, tinta e som."

QUANTIDADE SOB SUSPEITA

As gravadoras aumentam o número de títulos lançados, mas no geral a qualidade ainda deixa a desejar

◆ Surgem mais quatro volumes da coleção *Stars of Hollywood*, (MCA/WEA), que já trouxe para o mercado brasileiro as vozes de Judy Garland, Al Jolson, Bing Crosby e Marlene Dietrich. Dois álbuns dessa fornada merecem especial destaque: o de Fred Astaire e o duplo, dedicado ao recém-falecido Sammy Davis, Jr. O primeiro foi gravado em 1959 e traz dez canções em interpretações do ator-dançarino (incluindo "Something Gotta Give" e "The Afterbeat", ambas compostas por Johnny Mercer especialmente para Astaire, que co-assina a autoria da última). Já o álbum de Sammy Davis Jr. apresenta ao longo de seus quatro lados um bem-cuidado painel da carreira do *entertainer* em ordem cronológica, desde suas primeiras gravações até seus duetos com Carmem McRae em músicas de George e Ira Gershwin, passando por sua vertente jazzística e por canções de Cole Porter. Completam o pacote o LP de Louis Armstrong (1964) com suas famigeradas versões para *standards* como "Hello, Dolly", "Moon River" e "Blueberry Hill", junto com o disco que apresenta o ator Dick Powell interpretando músicas de três dos seus filmes, acompanhado das orquestras de Victor Young, Lou Forbes e Harry Sosnik.

◆ *I'm Breathless: Music Composed and Inspired by the Film Dick Tracy* (Sire/WEA), o mais recente LP de Madonna, é exatamente o que seu título afirma. Só três das doze faixas fazem parte do filme: a balada "Sooner or Later", a *torch song* com piano, "More" e o jazz tradicional de "What Can You Lose", todas compostas por Stephen Sondheim. As restantes, no entanto, também aproximam-se sonoramente do clima das décadas de 30 e 40, com arranjos tendendo para os velhos musicais da Broadway. Um ponto alto na discografia de Madonna, que se revela bem melhor do que outro álbum semelhante, "composto para e inspirado em...": *Batman*, de Prince. Detalhe para a canja vocal de Warren Beatty na faixa "I'm Following You (Part I)".

◆ Durma-se com um barulho desses! Como Freddy Krueger só ataca suas vítimas durante o sono, parece que os responsáveis pela trilha de *A Nightmare on Elm Street 5: The Dream Child* (Jive/BMG-Ariola) resolveram radicalizar nos decibéis. Em vez de colocarem no disco a música composta por Jay Ferguson, eles resolveram dividir os lados do LP em duas coletâneas bem distintas, mas que se igualam em mediocridade. Na primeira face, cinco babas pautadas no *heavy metal*, a cargo de Bruce Dickinson, W.A.S.P. e outros ainda menos cotados, enquanto o outro lado apresenta uma pífia coleção de *rap* — tão desigual que até inclui um popinho descartável da *blondie* Samanta Fox. Nada mais adequado para designar o LP que o subtítulo do filme em português: "O Maior Horror de Freddy".

◆ A colaboração entre o compositor cinematográfico Maurice Jarre e o diretor Peter Weir rendeu as trilhas sonoras de *Mosquito Coast*, *The Witness* (já lançada no Brasil), *Dead Poets Society* e *The Year of Living Dangerously*. Agora, essas últimas duas trilhas são editadas por aqui num único LP (via RCA/BMG-Ariola). O lado dedicado a *Dead Poets...* traz em três de suas cinco faixas variações sobre o tema principal do filme, com sutis mudanças de arranjos, além de um excerto da Nona Sinfonia de Beethoven, executado pela Chicago Symphony Orchestra sob a regência de Fritz Reiner. Já o lado de *The Year...* conta com quatro composições que mesclam climas musicais tensos com inflexões de sons orientais. Dois bons trabalhos de Jarre num único álbum.

◆ Para terminar, uma bela notícia para os fãs de trilhas sonoras: a Eldorado recomeçou a lançar o catálogo do selo americano especializado em música cinematográfica Varèse Sarabande, que por algum tempo foi editado no Brasil pela gravadora independente SBK. Como primeiro lançamento, saiu a trilha sonora do filme vencedor do Oscar no ano passado, *Driving Miss Daisy*. Com quatro temas apenas adequados compostos por Hans Zimmer, a melhor coisa do LP é realmente a canção "Santa Baby", na voz de Eartha Kitt e o excerto da ópera *Rusalka*, de Dvorak ("Song to the Moon"). O disco não chega a ser muito entusiasmante, mas mantém as expectativas em relação aos próximos lançamentos por aqui do imenso catálogo da Varèse Sarabande. Que eles surjam em breve.

Celso Pucci

Você vai ganhar os tubos com o tv gigante da TVM.

Ninguém resiste ao fantástico visual do televisor de 1 ou 3 tubos da TVM.

Escolha um modelo de 50 a 200 polegadas, e prepare-se para deixar a melhor imagem de sua empresa nos congressos, treinamentos e auditórios.

Para o lazer nos hotéis, videobares ou em casa, o TVM é também uma excelente atração. Tem tela plana ou parabólica, imagem perfeita, som stereo, controle remoto, separação de áudio e entrada para dois videocassetes, para discolaser, tv a cabo, caixas acústicas e microcomputador. TVM de 50 a 200 polegadas.

Escolha o seu e ganhe vantagens tão grandes quanto este televisor.

TVM

O maior televisor do país.

Av. Babita Camargos, 1330 - Tel: (031) 331-1455 - Telex. 392696 - CEP 32200 - Contagem - MG
Show Room - São Paulo - SP - Av. Bandeirantes, 5201 - Tel: (011) 275-3103
Show Room - Belo Horizonte - Av. Bias Fontes, 541-A - Tel: (031) 335-1465

por José Carlos Avellar

OUTUBRO

(Oktiabr, 1928)

Qualquer um de nós que vive como se existisse só para o cinema — fazendo filmes, escrevendo sobre filmes, vendo tudo quanto é filme — já foi chamado a responder à questão: qual o melhor filme de todos os tempos? Alguma coisa na paixão que comanda o modo de ver-fazer-pensar-comercializar filmes parece estimular esta falsa impressão de que tudo o que se fez nos quase cem anos de cinema pode ser resumido num só filme. As listas dos melhores ao final de cada ano e ao final de cada década, os festivais e os prêmios são hábitos que encaminham a questão que surge com freqüência, num bate-papo de porta de cinema ou numa pesquisa que se pretende possuidora de método científico: qual o melhor dos melhores? Qual o que quase torna desnecessário ver todos os outros? Qual o que realiza de modo completo o que os outros conseguem apenas em parte? Há um tom de faz-de-conta em tudo isso. Quem pergunta e quem responde sabe dos limites da questão. Sabe que uma pergunta assim, apaixonada, simplificadora, impõe uma resposta igualmente apaixonada e simples.

O melhor, costumo dizer — um pouco para responder à pergunta, um pouco para fugir à armadilha da pergunta, um pouco para provocar outras perguntas —, o melhor é *A saída dos operários da fábrica Lumière;* porque o primeiro; porque não é apenas o que efetivamente é mas principalmente o que afetivamente é, o começo de tudo; porque durante uma visita a Lyon, depois de passar pela avenida Antoine Lumière, dobrar à esquerda no Boulevard Irmãos Lumière e chegar à Rua do Primeiro Filme me vi diante do mesmo portão da fábrica; vi o portão da mesma calçada em que esteve o cinematógrafo; vi com o sentimento de que o que saiu dali, daquele portão na Rua do Primeiro Filme, levou à grande avenida de todos os filmes do mundo. O melhor — costumo dizer, porque a paixão é muita para se expressar através de um só filme — é um filme com todos os filmes, figura de mil olhos como o Dr. Mabuse de Fritz Lang; com a navalha que corta o olho da moça de *Um Cão Andaluz*, de Buñuel; os olhos furados do *Édipo Rei*, de Pasolini; os olhos doces do menino mais novo para o pai em *Vidas Secas*, de Nelson; os olhos nervosos da câmera em *Terra em Transe*, de Glauber; os olhos cheios de lágrimas de Brando no *Último Tango em Paris*, de Bertolucci; com o velho Watanabe no balanço de *Viver*, de Kurosawa; e Agnes na luz suave do sol de *Gritos e Sussurros;* e Niankoro na luz forte do sol em *Yeelen*, de Cisse; e o *Johnny Vai à Guerra*, de Trumbo; o *Cabra Marcado para Morrer*, de Coutinho; e *Paisagem na Névoa*, de Angelopoulos; e *Amantes Crucificados*, de Mizoguchi; e *Frida*, de Leduc; e imagens dos Taviani, de Godard, de Antonioni, de Jancso, de Kieslowski, de Kluge, de Sanjines, de Solanas, e de tantos outros, não fora para tão longo amor tão curta a vida (e a página).

Mas há um filme à parte. Vem sempre à memória. No final. Como ponto de partida. Como paixão primeira. *Outubro*, de Eisenstein.

Ponto de partida: com ele o cinema deixa de fotografar/ilustrar/reproduzir o real para criar uma realidade toda sua, e pensar e sentir em imagens. Estátuas, tinteiros, lustres, fuzis, cálices, jarras, relógios, rodas, ídolos, foices, medalhas, engrenagens, um sem-número de objetos arrancados do mundo real, montados ao lado de olhos, bocas, mãos, rostos, gestos, risos, prantos — o todo percebido como as pessoas, coisas e ações que são na realidade e como representações de uma idéia ou sentimento. O cinema, aqui em lugar de mostrar o mundo tal como ele é, de fotografá-lo com muitas imagens feitas de muitos pontos de vista, recria o mundo tal como sonhado/pensado/desejado pelo homem, com muitas imagens para sentir e pensar ações, pessoas e coisas a partir de um determinado ponto de vista.

Começo de paixão: com ele o cinema começa a parecer até maior que o mundo. Com ele aprendemos que ver um filme se prolonga e se amplia no prazer de pensar o filme, e que o pensar o mundo se amplia e se prolonga no prazer de ver o mundo como um espaço/tempo igual ao cinema, no prazer de imaginar que cada ano novo começa em *Outubro*, assim como com Eisenstein começa um cinema que se renova a cada ano, por ser um olho que pensa.

José Carlos Avellar é jornalista, crítico de cinema e autor do livro *O Cinema Dilacerado*.

O avanço do soldado contra a tirania, na visão épica de Eisenstein

Globo Video

Video & EQUIPAMENTOS

Fotos Rui Mendes Azul

Aiwa HV-BR 77
O Videocassete Temporão

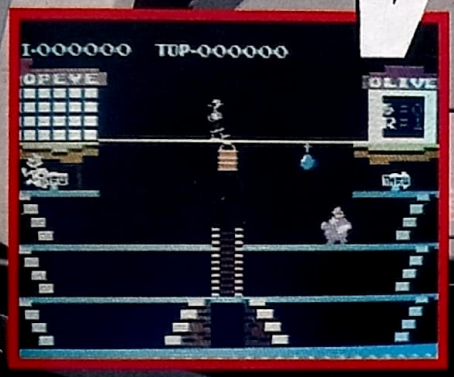
Pág. 58

Gradiente

Videogames

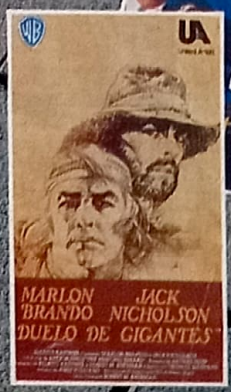
A Terceira Geração Conquista o Brasil

Pág. 52



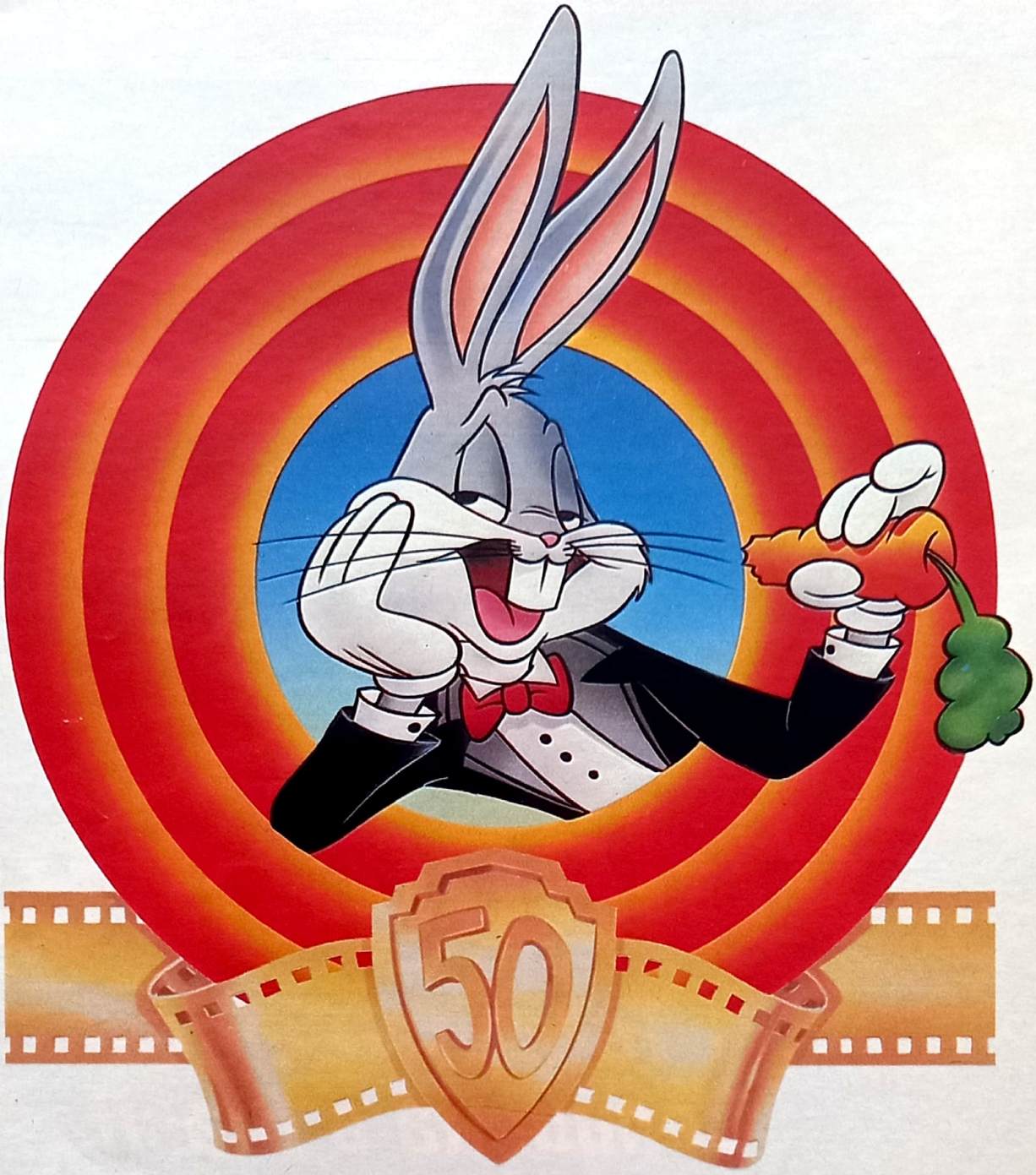
Dynacom

Tec Toy



Nas Locadoras:
Duelo de Gigantes, Os Irmãos Cara de Pau e mais 50 Lançamentos

Pág. 60



A WARNER APRESENTA OS MELHORES MOMENTOS DOS 50 ANOS DO PERNALONGA.

As melhores aventuras do coelho mais famoso de Hollywood estão aqui, nestes 18 vídeos que a Warner preparou especialmente para você. Passe em sua locadora. E faça a maior festa com a turma do Pernalonga.

UM COELHO PARA A PÁSCOA

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A CHUCK JONES

PERNALONGA ESPECIAL DE DIAS DAS MÃES

PERNALONGA E SUA TURMA EM HOMENAGEM A MEL BLANC

LIGEIRINHO O CHIQUITITO MUI LOCO

FRAJOLA E PIU PIU EM SALVE-SE QUEM PUDER

OS DOIDOS CONTOS DE NATAL DO PERNALONGA

PATOLINO CONTINUA BIRUTA

AS AVENTURAS FEDORENTAS DE PEPE LE PEW

FRANGOLINO AGITA O GALINHEIRO

AS AVENTURAS DE HORTELINO TROCA LETRAS

CORTA ESSA GAGUINHO

UM COELHO NA CORTE DO REI ARTHUR

FESTIVAL DOS ANIMAIS

HERÓI DOS AMERICANOS

PERNALONGA NO INCRÍVEL MUNDO DA TELEVISÃO

AS 1001 HISTÓRIAS DO PERNALONGA

A GRANDE CAÇADA AMERICANA

WARNER HOME VIDEO

© Warner Home Video Inc.

Treinamento por Computador

Já se pode encontrar no Brasil filmes voltados ao treinamento de pessoal produzidos totalmente por computador, distribuídos pela Siamar Treinamento e Desenvolvimento. É o caso, por exemplo, de *Arabescos*, de John Whitney, produzido pela Pyramid Films (produtora americana há 20 anos no mercado de recursos humanos), com seis minutos de duração, indicado para estimular a criatividade. O segundo da série é *Balé Robótico*, de Bob Rogers, indicado em 1983 para o Oscar de melhor curta-metragem, que enfatiza o uso de robôs numa linha de montagem. E há ainda o vídeo *Fome*, da National Film Board do Canadá, uma sátira à abundância de alimentos e o espectro da fome no mundo. Segundo Nicolau Martino Netto, presidente da Siamar, os três filmes são utilizados por diversas empresas nacionais e multinacionais: "É o que os americanos chamam de *trigger film* (filme-gatilho), ou seja, filme que dá um disparo, ou ainda, que cria expectativa sobre um determinado assunto a ser abordado posteriormente".

Informatização de Legendagem

Rui Mendes/Azul

A Mars Produção e Representação anuncia um sistema informatizado de legendas que promete revolucionar os processos de legendagem no país. No sistema tradicional, o texto é traduzido e digitado pelo tradutor, e a cópia é enviada ao laboratório, onde será novamente digitado na legendadora. A pessoa que faz a inserção dos tempos nas falas não é a mesma que traduziu o filme, o que ocasiona erros de *timing* muito comuns nas fitas seladas. O sistema Soft Mars foi criado para eliminar essas operações caras e redundantes. Utiliza microcomputadores de oito bits das linhas Commodores ou MSX, de fácil manutenção, que pode ser implementado junto a legendadores Quanta 300, 400, Laird 1500 ou Chyron VP-1 e VP-2. Dentre as vantagens do sistema, destacam-se a multiplicação da capacidade da legendadora, usada exclusivamente para edição final — diversos filmes podem ser produzidos simultaneamente, pois o processo de tradução e digitação é feito em estações de trabalho (VCRs comuns); eliminação de erros de edição, uma vez que o operador pode interromper a temporização a qualquer ponto do filme; eliminação de uma geração na copiagem final — o sinal original, após passar pela legendadora, é distribuído diretamente às copiadoras, eliminando-se a matriz intermediária.

Videografia de Estrelas

Depois de lançar o guia *Vídeo 1990*, a Editora Nova Cultural coloca no mercado editorial em agosto *Astros & Estrelas e Seus Filmes em Vídeo*, cuja diferença primordial em relação ao primeiro é trazer videografias completas de atores e atrizes. *Astros & Estrelas* é mais que um guia de filmes em VHS: com uma linguagem estilizada e de atraente leitura, contém 540 biografias com detalhes da vida e da carreira de vários artistas (de Marilyn Monroe e Cary Grant a Tom Cruise e Kim Basinger).

Nova Cultural

A Cor da Philco

Philco-Hitachi

Com um investimento de 1 milhão de dólares em produção, engenharia e marketing, a Philco-Hitachi coloca no mercado o monitor de áudio e vídeo Wine 21, que tem, como maior novidade para o consumidor final, o gabinete frontal em cor vinho. O aparelho possui tela plana, som estéreo *surround* e sistema SAP (Second Audio Program), para recepção de programas transmitidos em segundo idioma. Segundo a Philco-Hitachi, o Wine 21 é o carro-chefe de uma série de produtos a serem lançados em 1990 (na qual investiu 6 milhões de dólares), com características diferenciadas — no caso deste aparelho, a cor vinho dá o toque de "requinte e classe", segundo Mario Kudo, gerente de propaganda da empresa.

Clímax Eletrônico

A mania do videogame conquista o mercado brasileiro com cerca de 400 mil aparelhos vendidos em menos de dois anos

"No princípio era o verbo..." O que tudo indica é que a expressão bíblica se transforme nos anos 90 em "no princípio era o videogame". Netos dos antigos Pong (jogo que permitia jogar tênis no vídeo) e Pac-Man (o famoso monstrinho devorador de vitamina que se tornou "símbolo sexual" americano nos anos 70) e filhos do Atari do início da década de 80 (que trouxe a sofisticação de oito cores, som e roteiros nos jogos eletrônicos de segunda geração), os videogames de terceira geração desembarcaram nos Estados Unidos em 1985 através da tecnologia japonesa Nintendo e provocaram a chamada febre da videogamemania.

Acompanhando o desenvolvimento dos microcomputadores e utilizando os mesmos processadores, os videogames alcançaram uma resolução audiovisual que deixou para trás qualquer animação moderna e desenhos veiculados nos "xous" infantis de televisão. Com roteiros bem elaborados e com níveis de dificuldade que exigem muito da capacidade intelectual do jogador e pouco da manual, os jogos eletrônicos chegaram com acessórios tentadores: pistolas de raio laser, *joysticks* (controles) semelhantes aos de fliperama (o bisavô dos games) ou sem fio, óculos de cristal líquido que reproduzem a sensação de três dimensões, a *power glove*, luva que permite ao jogador interferir diretamente na tela do vídeo, e o *power pad*, tapete que reproduz na tela os movimentos do usuário.

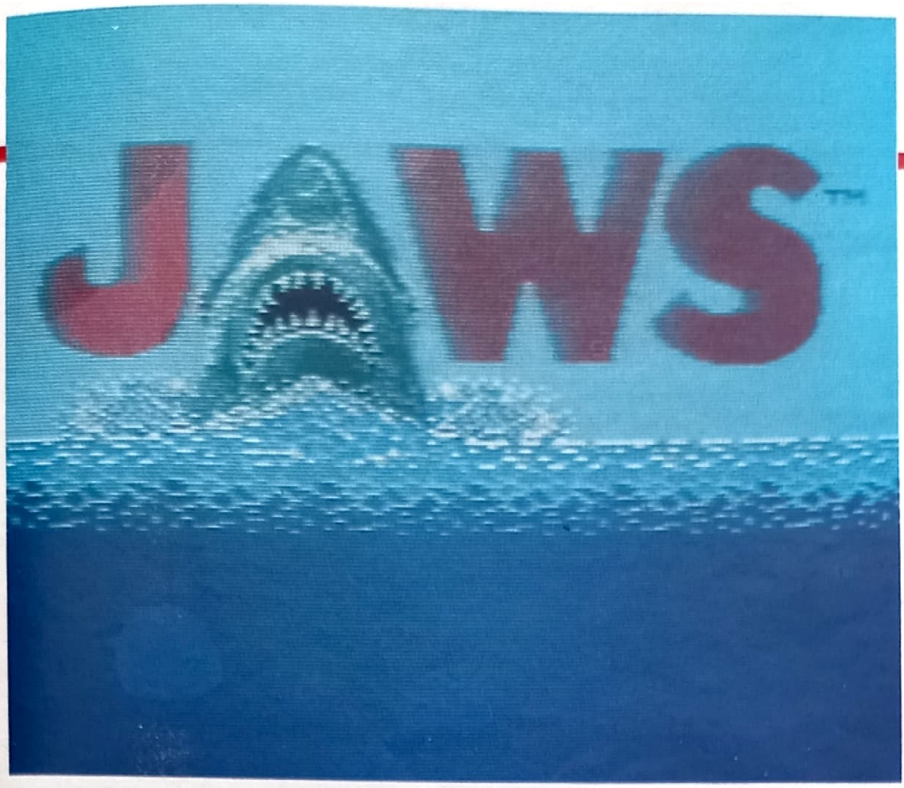
Dynacom

A nova tecnologia possibilitou maior agilidade aos jogos, como em Duck Hunt acima

Enquanto a Nintendo sacudiu, em 1985, o competitivo mercado americano, que se encontrava estagnado desde 1983 pelo limitado repertório dos jogos de segunda geração, a Sega, outra indústria japonesa, lançou-se nos EUA em 1987 com a mesma tecnologia da concorrente e com equipamento com óculos 3D. A disputa mundial se acirrou a partir de então, embora a Nintendo mantenha 80% do mercado americano, com quase 20 milhões de consoles vendidos (beirando um total de 40 milhões no mundo todo) e um faturamento de 3,4 bilhões de dólares em 1989.

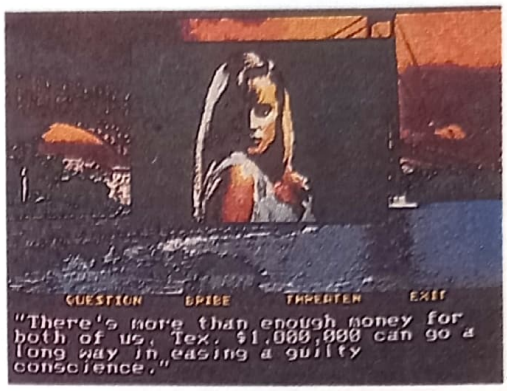
Em se tratando de tecnologia, os padrões Nintendo e Sega diferem apenas no tipo de microprocessador (*chip* que controla o processamento de informações) — a primeira utiliza o Motorola 6502, o mesmo dos micros Apple 2, e a Sega o Z-80A, dos micros MSX. Traduzindo em outras palavras, os microprocessadores permitiram aos games de terceira geração maior agilidade nos jogos e personagens também maiores, por possuírem um número grande de *sprites* (caracteres móveis) e telas de fundo ou paisagens. O limite máximo de *sprites* passou de cinco nos Atari para 256 na terceira geração, na qual não há limites de telas, e são aceitas 64 cores simultâneas, ante oito dos antecessores; além disso, os microprocessadores possibilitaram a inclusão de três canais de som independentes. Garantiu-se, assim, a variação contínua dos caracteres na tela sem que o vídeo "piscasse" a cada troca de imagem.

LAZER BARATO — Apesar do enorme mercado potencial, o Brasil só entrou na onda dos videogames em maio de 1989, quando a empresa Dynacom apresentou seu modelo Dynavision II (Cr$ 12,5 mil*), com padrão Nintendo japonês, na Feira de Utilidades Domésticas (UD) realizada

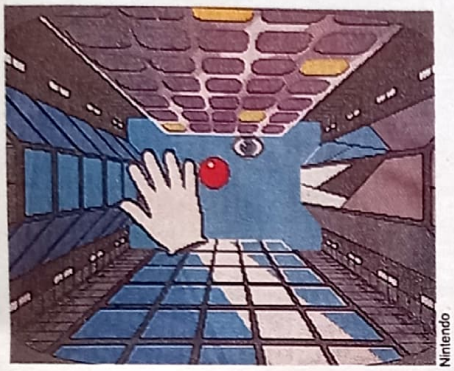


Dynacom

Os filmes de sucesso no cinema são adaptados para os games, como o filme *Tubarão*, à esquerda. Abaixo, um exemplo da superioridade visual dos jogos para computadores pessoais



Access



Nintendo

A *power glove* adiciona a profundidade em três dimensões e é comandada pelos movimentos da mão

Nintendo

Super Mario 3 foi lançado no filme *O Gênio do Vídeo Game*, de Todd Holland

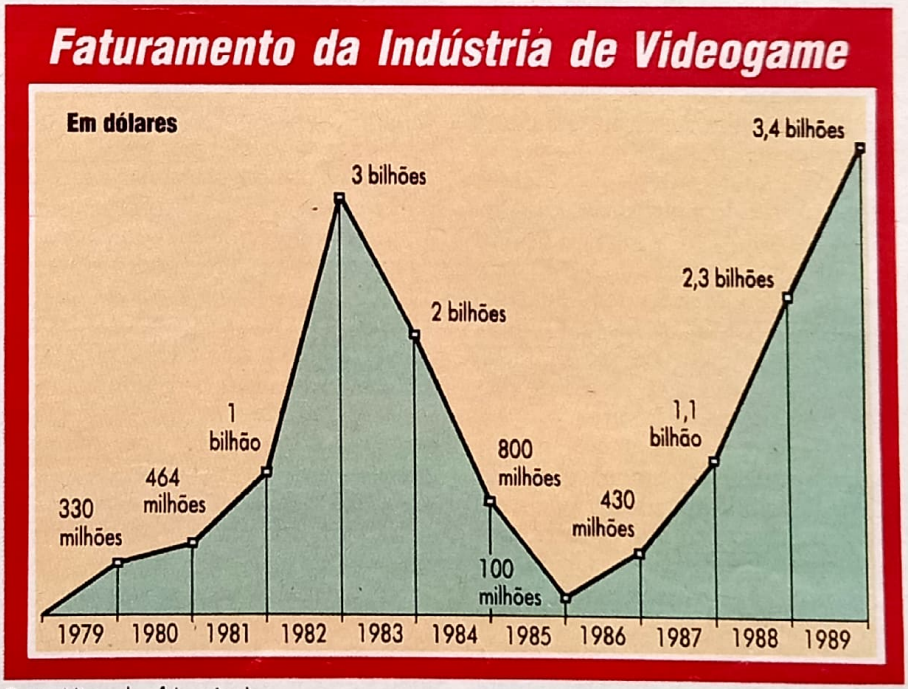
Nintendo

O terror de Jason, o maníaco de *Sexta-feira 13*, faz suas vítimas também nos games

anualmente em São Paulo. A Dynacom manteve seu monopólio no mercado brasileiro até setembro, quando a empresa de brinquedos Tec Toy licenciou a tecnologia Sega e lançou o Master System (Cr$ 20 mil*). Mas, mesmo assim, manteve sua liderança até a entrada da Gradiente, com o Phantom System (Cr$ 18 mil*), que utiliza o padrão Nintendo americano, em novembro de 1989.

O mercado brasileiro dividiu-se, então, em três fatias tentadoras — os sistemas americano e japonês da Nintendo e a tecnologia Sega, também japonesa. Todos com o mesmo padrão de qualidade em termos de resolução audiovisual. Juntas, já venderam 380 mil consoles desde seus respectivos lançamentos. Compatibilizando essas duas fatias do mercado Nintendo, a Dynacom passou a oferecer no início de 1990 seus adaptadores J72 e A60,

Faturamento da Indústria de Videogame



Fonte: Nintendo of America Inc.

permitindo a utilização dos cartuchos nos consoles de padrões americano e japonês.

Após o Plano Collor, em março deste ano, o mercado brasileiro de videogames se aqueceu como alternativa de lazer barato e com o aumento da variedade de cartuchos lançados e com algumas videolocadoras oferecendo o serviço de aluguel de títulos nacionais e importados. Até junho de 1990, os fabricantes nacionais colocaram à disposição do consumidor 140 títulos, incluindo os da CCE com o VG8000 Top Game (Cr$ 8,5 mil*),de padrão Nintendo japonês, lançado no final de 1989.

Segundo uma pesquisa da Dismac, que lançou o Bit System em junho passado (Cr$ 12 mil*),os números do mercado de videogame são pequenos em relação ao mercado de videocassete: apenas 500 mil consoles e um milhão e meio de cartuchos vendidos. A perspectiva das empresas brasileiras é chegar, até o final de 1990, com mais de um milhão de consoles e três milhões de cartuchos vendidos, números que englobam o novo Hi -Top-Game da Milmar (com lançamento anunciado para agosto).

Em comparação, a União Brasileira de Vídeo (UBV), em sua última pesquisa, estimou que o mercado de videocassetes se expandirá dos cinco milhões de VCRs atuais para sete milhões de aparelhos instalados até o final de 1990, com 15 milhões de consumidores em potencial. Apesar disso, a UBV previu que, se o mercado não se profissionalizar — isto é, se os donos de locadoras não aprenderem a promover seu produto —, haverá no final deste ano cerca de 3,5 milhões de vídeos sendo utilizados como "relógios de sala". Ao contrário do que ocorre com o mercado de VHS, cujos adeptos, embora adquiram o aparelho, não o utilizam, o mercado de videogames promete crescer em uso, pois há um número crescente de partidários dos jogos eletrônicos.

Os maníacos pelos games não se contentam com a pequena oferta de títulos e equipamentos nacionais, se comparados com os que existem principalmente nos Estados Unidos, e concorrem com os fabricantes nacionais no mercado paralelo. Trocam cartuchos importados trazidos na mala de parentes e amigos que viajam para o exterior e informações obtidas nas revistas americanas especializadas no assunto, que dão dicas para superar obstáculos dos jogos, como a *Game Player's* e sua versão em fita VHS.

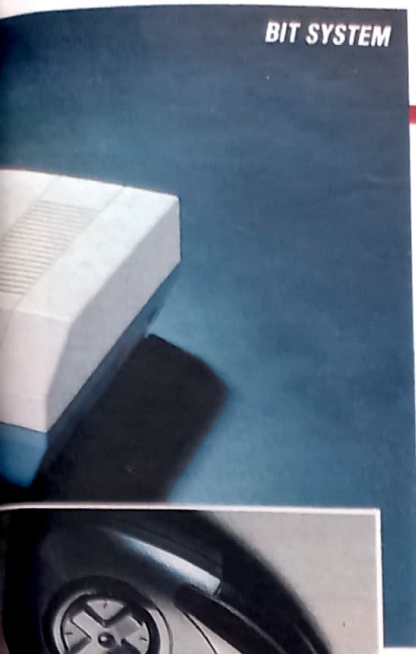
FANATISMO — Para André Goldfarb, gerente de marketing da Tec Toy, o consumidor está insatisfeito porque nem sempre encontra nas lojas revendedoras um determinado título procurado, e justifica com o jargão de que "a demanda foi maior que a expectativa". Promete que, da parte da Tec Toy, isso será sanado e a empresa está se reestruturando para conseguir alcançar a expectativa do consumidor, lançando, no mínimo, três títulos novos ao mês.

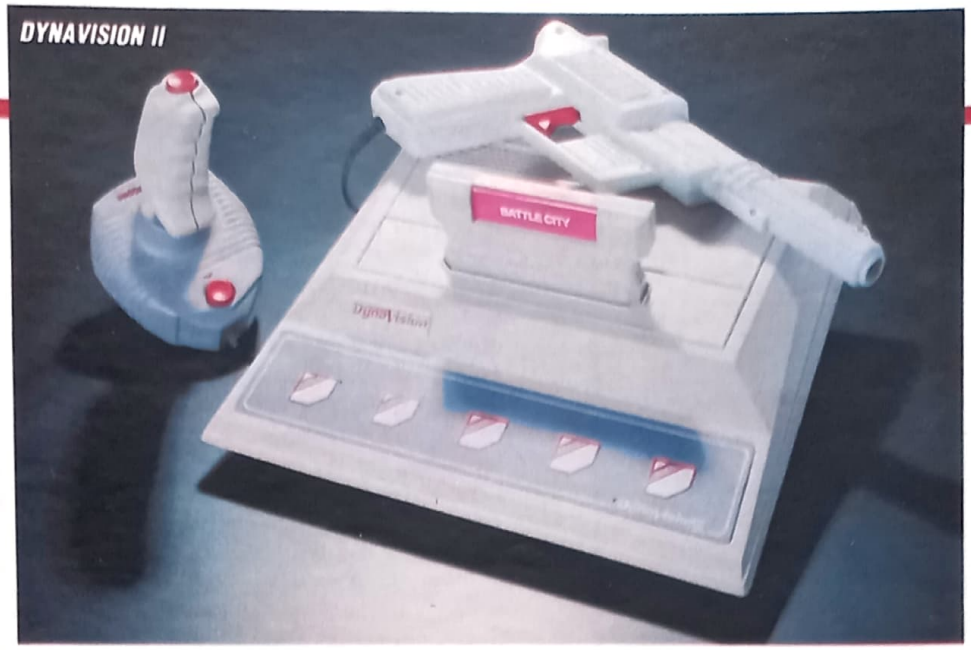
PHANTOM SYSTEM

Fotos Rui Mendes

O preço dos cartuchos nacionais sai por volta de Cr$ 3 mil (preço de julho), variando conforme a capacidade da memória, e os importados entre 20 e 60 dólares, para os jogos de quinta geração. Poucas das locadoras brasileiras trabalham com a locação de cartuchos de videogames. Segundo a Associação Paulista das Empresas de Vídeo Locação (APEVL), esse número não alcança a casa dos 20% das quase seis mil videolocadoras espalhadas pelo Brasil. Um dos motivos desta pequena porcentagem é o "alto custo para se equipar bem uma locadora, que gira em torno de 10 mil dólares", segundo Mário Batista Câmara Filho, dono da Dimensão Vídeo e editor da

MASTER SYSTEM


BIT SYSTEM



DYNAVISION II

No destaque, *joystick* sem fio, lançamento exclusivo da Dismac no Brasil

CCE

Fabricante	Videogame	N.° de consoles vendidos*	N.° de títulos lançados*	Acessórios
Gradiente	Phantom System (NA)	110 mil	12	Pistola laser
CCE	VG8000 Top Game (NJ)	**	18	———
Dynacom	Dynavision II (NJ)	120 mil	60	Pistola laser
Tec Toy	Master System (S)	150 mil	50	Pistola laser e óculos 3D
Dismac	Bit System (NA)	8 mil	20	Pistola laser e *joystick* sem fio
Milmar	Hi -Top-Game (NA)	———	50	Pistola laser

* Números referentes a junho de 1989
** Dado não fornecido
NA — Padrão Nintendo americano
NJ — Padrão Nintendo japonês
S — Padrão Sega

HI -TOP-GAME

VIRE O MUNDO POR VOCÊ.

PERFORMANCE FASHION SHOES.

Produzido no Brasil por Bellange.

revista *MSX Micro*, um verdadeiro fanático por jogos eletrônicos.

O acervo da Dimensão Vídeo conta com 200 cartuchos para o Master System, 250 para o Phantom e 600 disquetes para jogos de computador, no caso o AMIGA (que também já virou mania entre os usuários de micros, com uma população média de 3 mil jogadores só no Brasil). Possui também cartuchos para jogos considerados de quarta geração (o PC Engine, japonês, e o TurboGrafx, americano) e de quinta geração — entre os quais, o Mega Drive Sega, japonês, ou seu irmão americano Sega Genesis. Quanto ao Sega Genesis, a Tec Toy prevê seu lançamento no Brasil para daqui a pelo menos dois anos.

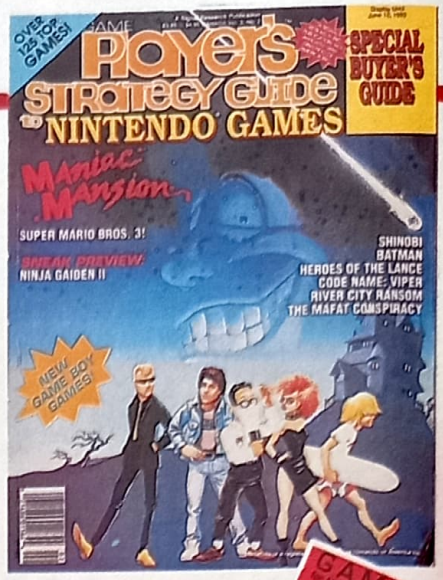
As videolocadoras que trabalham com videogames descobriram um filão de potencial ilimitado. As crianças vão à locadora para alugar cartuchos e junto vão os pais, que alugam fitas para videocassete. A diversificação da oferta de lazer gera um mercado maior — é o que todas as locadoras descobriram num período de recessão econômica. A Disk-Cartucho, um serviço a domicílio da loja de suportes para áudio e vídeo Shop Luz em São Paulo, em menos de quinze dias atendeu a mais de 100 pessoas. Distribuidora da Tec Toy, a loja implantou esse serviço "devido ao ritmo da empresa e a facilidade atraiu os clientes, que adoraram", diz Washington Varga, dono da Shop Luz, que utiliza o sistema de pagamento com cartão de crédito.

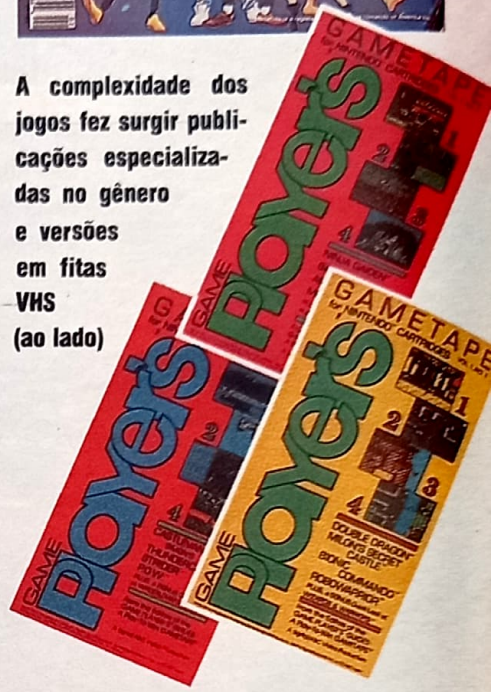
Uma fatia do mercado de games foi descoberta pela Mundo do Vídeo Game (revendedora da Dynacom), que trabalha como assistência técnica, venda de cartuchos, consoles e adaptadores J72 e A60. Outro ponto forte da Mundo do Vídeo Game é a transcodificação de consoles importados. Segundo Adriane Franciulli, gerente da loja, o selo que diz "compatível com Nintendo" é uma armadilha, porque o console americano da Nintendo possui uma trava que não permite a inserção de cartuchos que não sejam de fabricação americana. Mesmo os adaptadores recém-lançados pela Dynacom não resolvem o problema, pois a trava desse tipo de console o mantém incompatível com os cartuchos nacionais e japoneses.

A febre de jogos eletrônicos que assola os Estados Unidos e o Japão chegará ainda neste ano ao Brasil. O termostato desse mercado foram os campeonatos promovidos no primeiro semestre — em fevereiro na Auvicom/90, em São Paulo, que teve 5 800 inscritos, e no campeonato promovido pela Toco Produções Artísticas durante os meses de maio e junho, cujos finalistas duelaram no Sega Genesis com o jogo Golden Axe, conhecido pelos jogadores brasileiros das máquinas de fliperamas.

A explosão do mercado esperada em 1990 no mundo todo está levando os jogos eletrônicos a uma sofisticação tecnológica inesperada, que dá a impressão de que os contos de robótica de Isaac Asimov são histórias para embalar criancinhas. Com certeza, para os amantes do videogame a palavra *game over* não existirá, pois na verdade a tecla *start* acaba de ser acionada.

Deborah Peleias





A complexidade dos jogos fez surgir publicações especializadas no gênero e versões em fitas VHS (ao lado)

(* preços de junho, sujeitos a variações do mercado)

O MELHOR DO CINEMA

Está no mais completo guia sobre a vida e os filmes em vídeo dos maiores ídolos da tela

★ Textos claros e objetivos, em estilo jornalístico, com informações, fofocas e muitas curiosidades sobre seus astros e estrelas preferidos.

★ 540 biografias e 1 941 filmes com cotação e ficha completa.

★ 448 páginas com mais de 500 fotos sensacionais.

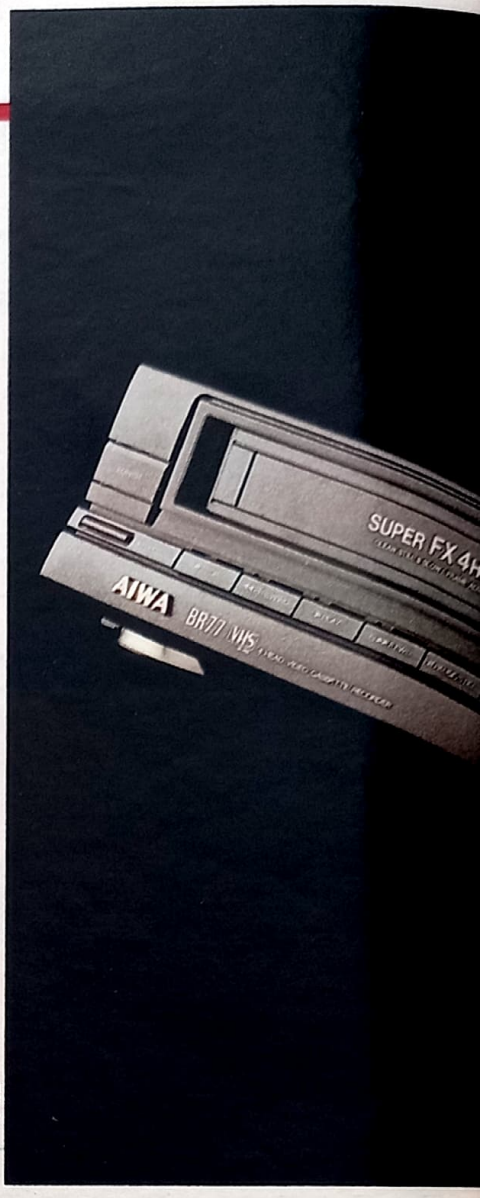
★ Um livro para você ler e consultar a toda hora.

EM CARTAZ EM TODAS AS BANCAS DA CIDADE.

NOVA CULTURAL

Geração Temporã

Embora possua quatro cabeças, o BR77 reúne características técnicas que o colocam entre máquinas lançadas há dois anos



Rui Mendes/Azul

A inscrição que diz "inteligente" no painel do BR77, videocassete lançado recentemente pela Aiwa (empresa japonesa mais conhecida no Brasil por seus aparelhos de áudio), refere-se à função que rebobina a fita, em seguida a ejeta e depois desliga o aparelho. Esta é a conclusão a que se chega quando são verificados todos os *features* do aparelho. Afinal, é o único recurso que ele tem e os outros videocassetes nem sempre têm; além disso, o modelo apresenta muitas características que o classificariam como vídeo de uma geração mais antiga, lançados antes de 1988. Portanto, o que melhor define o BR77 não é o excesso ou falta de QI, mas a presença de quatro cabeças e a ausência de som *hi-fi* estéreo, o que não o torna muito competitivo com máquinas de ponta à venda na Zona Franca de Manaus — onde está disponível —, mercado de muitos concorrentes estrangeiros que já atendem à demanda de compradores por modelos que apresentem o *hi-fi*. A seguir, as conclusões e resultados de um ensaio técnico realizado pela revista SET com um aparelho cedido pelo fabricante.

GERAÇÃO TECNOLÓGICA — Hight Quality (HQ) de imagem, que no teste demonstrou boa qualidade, com rendimento correto de cores. O *still* (imagem congelada) apareceu com qualidade própria de um vídeo de quatro cabeças, isto é, sem ruído aparente na tela. Com relação ao *design* externo, os pés de apoio imitam as sapatas circulares antivibrações (como as de aparelhos de CD e dos vídeos de nova geração), mas basta examinar mais atentamente para ver que são chapinhas de metal sobre pés comuns de plástico. A forma de carregamento da fita cassete é de uma geração passada: o BR77 não é *half-loading*, processo que apressa as operações e permite a contagem da fita em tempo real (hora, minuto e segundo). No *half-loading*, os "postes" motorizados — encarregados de retirar a fita do cartucho e colocá-la em posição de reprodução — ficam no meio do caminho, ou seja, em "meio carregamento". Nos vídeos de geração anterior a 1988, e também no BR77, os postes recolocam a fita totalmente dentro do cassete entre operações fundamentais (*stop-rewind*, *stop-fast-forward*, por exemplo), o que as torna mais lentas.

MECÂNICA — As novidades foram observadas quando se abriu a tampa interna (que nem sempre é desmontável nos videocassetes), onde foram encontradas nada menos que quatro correias de mecânica *belt-drive*. Mais uma evidência de que se trata de um vídeo de antiga geração, pois à medida que se aprimorou a técnica, eliminou-se o uso de correias no mecanismo, já que elas são fontes de eventuais defeitos (decomposição química, desgaste etc.). Duas das polias motrizes, feitas de plástico, lembram os carretéis de filmes de cinema cheios de furos. O conjunto motor-tambor (encarregado da função gravação-reprodução) das cabeças de vídeo é normal — *direct drive* (sem correia) —, mas não possui freio contra inércia (mais uma característica de vídeos de velha geração). Assim, nas operações de parada e *play*, ou mesmo numa troca imediata de cartuchos, a fita corre o risco de sofrer impressão de marcas transversais — pequenos danos de amassamento. Durante o teste, chamou a atenção o calor emitido pelo circuito de compensação de voltagem, anexo ao transformador de força. O calor deve ter sido previsto pela engenharia da Aiwa, pois existem aletas (furos) de ventilação adicionais na tampa, bem acima do local onde está o circuito. Mas recomenda-se com ênfase ao usuário do Brasil tropical que nunca opere o BR77 coberto por capa — principalmente quando estiver programado para gravar sozinho.

CONTROLE REMOTO — Seu *design* é interessante, entretanto as teclas são muito pequenas para uma operação confortável.

SLOW-MOTION — Conta com um botão de *tracking* especial para ele; tem ve-

No BR77, o design imita o estilo dos vídeos de nova geração

locidade variável e bom desempenho.

SEARCH — Apesar de o manual informar a existência de duas velocidades de busca rápida para a frente ou para trás, o exemplar testado só apresentou uma velocidade de *search*, com boa visibilidade de imagem.

CHAVEAMENTO NTSC/PAL-M — As placas de transcodificação de cores NTSC para Pal-M já estão mais que evoluídas — a maioria dos vídeos em uso no Brasil adota o chaveamento automático — mas o BR77 optou por deixar o chaveamento manual. A Aiwa insiste na operação manual também na mudança de voltagem e na seleção de entrada *tuner/ext* (para sintonizador de canais ou para sinal proveniente de uma camcorder, por exemplo).

MANUAL — Simples, é impresso no Japão em português, com alguns erros de digitação.

PREÇO — 500 dólares, na Zona Franca de Manaus.

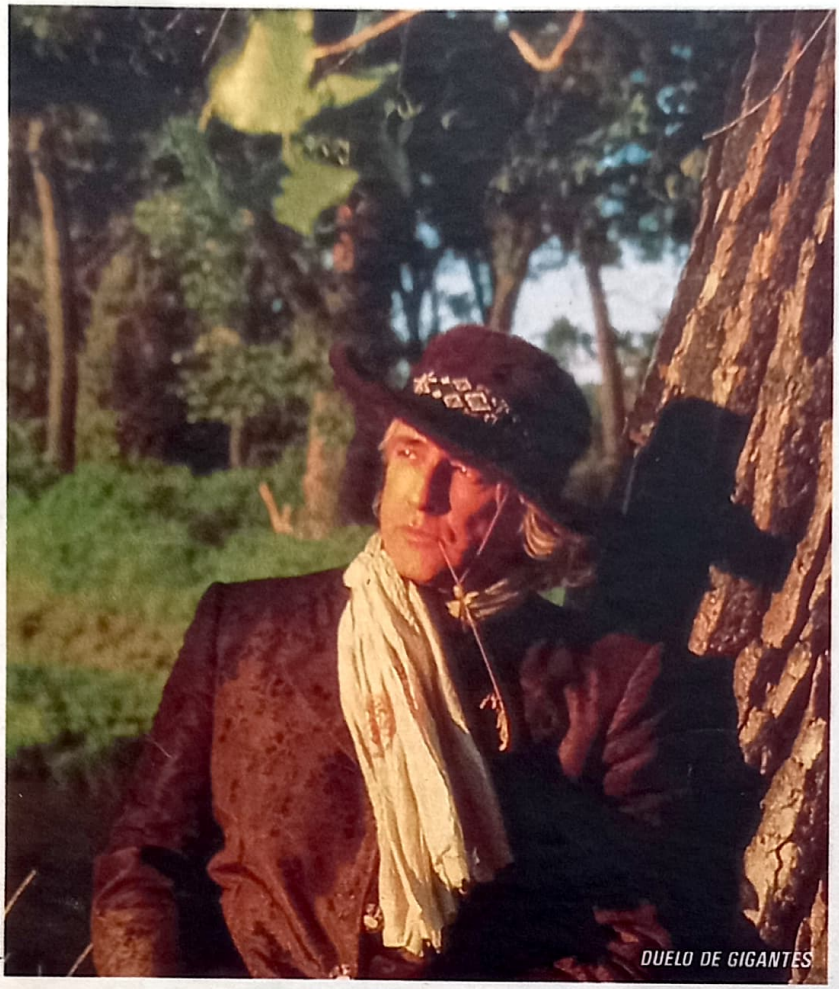
Jairo Tadeu Longhi SET

Ficha Técnica

MARCA/MODELO	Aiwa/HV-BR77MPN
TIPO DE APARELHO	Gravador de videocassete
N.º DE CABEÇAS DE VÍDEO	Quatro
GERAÇÃO TECNOLÓGICA	HQ, áudio mono
VOLTAGEM	110 ou 220 V, mudança manual
CONTROLE REMOTO	Inclui teclas power e as de programação
CONTAGIROS/ MENSAGENS	Menu na tela da TV
GRAVAÇÃO PROGRAMADA	Seis programas, 14 dias; a um toque programável até 4 horas
OPERAÇÕES AUTOMATIZADAS POR MICROPROCESSADOR	Auto-*power*+*play*, *eject* mesmo desligado, rebobina+ejeta+desliga
AVANÇO DE QUADRO E SLOW MOTION	Sim
CIRCUITO REALÇADOR	Com botão de controle de *sharpness*
CHAVEAMENTO NTSC/PAL-M	Só manual
ACESSÓRIOS	Cabo coaxial com balum, pino-conversor chato/redondo, pilhas
DIMENSÕES	43 x 32 x 9 cm
PESO	6 kg
PRAZO DE GARANTIA	1 ano

Metodologia do Ensaio

O teste reproduz condições de uso de fitas de homevideo *(fitas seladas das distribuidoras). O videocassete cedido pelo fabricante é conectado a um televisor pelo cabo de RF (canal 3). As fitas são copiadas por laboratórios de reconhecida qualidade. No caso de vídeo estereofônico, este é interligado a um amplificador e caixas acústicas, num ambiente doméstico. A tampa superior do videocassete é retirada para exame do funcionamento mecânico das placas e dos componentes. O ensaio técnico é realizado por um engenheiro e um técnico perito. O manual do proprietário é examinado sob o ponto de vista das instruções. A responsabilidade dos resultados é da associação Equipe Jatalon.*



Sipa-Press

DUELO DE GIGANTES

WESTERN

DUELO DE GIGANTES ●●●●

(The Missouri Breaks, EUA, 1976)
Direção: Arthur Penn. Com Marlon Brando, Jack Nicholson, Kathleen Lloyd, John McLiam. Warner.
As margens do rio Missouri estão infestadas de ladrões de cavalos. Um dos bandos é liderado por Tom Logan (Nicholson), que compra um rancho para servir de fachada legal a suas contravenções. Seu vizinho é o maior fazendeiro da região, David Braxton, que, para acabar com os roubos de cavalos, manda vir do Wyoming o extravagante "justiceiro" Lee Clayton (Brando). Para complicar, a filha de Braxton, Jane (Kathleen Lloyd), começa a freqüentar a cama de Logan. A crítica americana, esta guardiã da convencionalidade, não perdoou este insólito *western* por subverter os clichês do gênero. Aqui, os heróis são os ladrões, o "mocinho" gosta de se vestir de mulher, o colono enforca inimigos com o mesmo prazer com que lê romances ingleses e a "mocinha" é uma fogosa mulher liberada. Tudo isso com a classe e a ironia de Penn, Brando e Nicholson. Imperdoável ousadia. *José Geraldo Couto*

ALVAREZ KELLY ●●●

(Alvarez Kelly, EUA, 1966)
Direção: Edward Dmytryk. Com William Holden, Richard Widmark, Janice Rule, Victoria Shaw. LK-Tel/Columbia.
Em plena Guerra Civil americana, o mexicano Alvarez Kelly (William Holden), contratado pelos ianques para conduzir uma manada de reses para as esfomeadas tropas do Norte, passa para o outro lado ao ser seqüestrado por um oficial confederado (Richard Widmark). Realizado numa época em que o gênero começava a declinar, o filme ainda conserva a mitologia típica do western americano. O veterano Dmytryk é um artesão competente e tem a sorte de poder contar no elenco com Holden e Widmark. *P.C.*

O VINGADOR SILENCIOSO ●●

(Il Grande Silenzio, Itália, 1968)
Direção: Sergio Corbucci. Com Jean-Louis Trintignant, Klaus Kinski, Frank Wolf, F.J. Lucas.
O calado e intimista Trintignant de *O Conformista* e *Um Homem, uma Mulher* e o demoníaco alemão Klaus Kinski dos delírios herzoguianos enfrentam-se num *western-spaghetti* peculiar e climático. Dirigido por Sergio Corbucci, *expert* em épicos bregas e *westerns* (*Rômulo e Remo*, 1961; *O Filho de Spartacus*, 1962; *Companheiros*, 1970; *O Especialista*, 1969), *O Vingador Silencioso* tem o tom exagerado e solene dos filmes de Corbucci. Silenzio (Trintignant) é um justiceiro mudo (sua garganta foi cortada na infância) que deve matar Tigrero (Klaus Kinski), um caçador de recompensas na gelada Snow Hill (Utah). *A.Q.N.*

ERÓTICO

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS II ●●●

(The General and His Empire of Joy)
Direção: Atsuo Sekimoto. Com Eiko Matsuda, Masaru Shiga, Hiromi Maya, Tokuko Watanabe, Kantaru Suga. Screen Life.
O castelo do Shogun, durante o domínio samurai no Japão medieval, é o palco de um jogo articulado por mãos femininas em luta pelo poder de sucessão e protagonizado por uma espécie de curinga — picaresco, violento, anárquico e simpático —, vivido pelo ótimo Matsuda. Nessa atmosfera erótica e trágica, que não dispensa o dramalhão japonês, um pouco de tudo: *strip-teases*, homossexualismo, perversões, coprolalia e as mais velhas obsessões do imaginário universal. *I.R.S.*

SUSPENSE

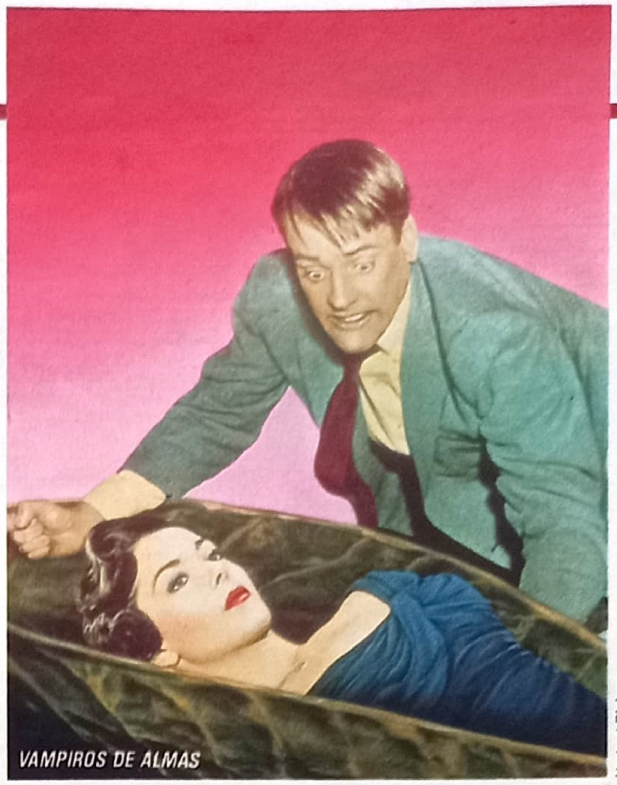
TEATRO DE SANGUE ●

(Blood Theatre, EUA, 1989)
Direção: Rick Sloane. Com Mary Woronov, Jenny Cunningham, Jonathan Brakely. Screen Life.
Um teatro no qual ocorreram assassinatos é reaberto pelos proprietários de uma rede de cinemas. Azar deles. O tom é de farsa, mas o filme é pobre tanto em idéias quanto em execução. Trata-se, na verdade, daquelas produções paupérrimas cuja finalidade é aproveitar a atual onda de horror cinematográfico. *P.C.*

FICÇÃO

VAMPIROS DE ALMAS ●●●●

(Invasion of the Body Snatchers, EUA, 1956)
Direção: Don Siegel. Com Kevin McCarthy, Dana Wynter, Larry Gates. Colorizado. Herbert Richers.
"Você é o próximo." Essa frase, proferida em *close* pelo ator Kevin McCarthy, contribuiu em muito para enriquecer a polêmica desencadeada por um dos grandes filmes de ficção científica dos anos 50. Taxada de parábola anticomunista por uns, de retrato do macartismo por outros, a história da invasão de uma cidadezinha americana por estranhos seres alienígenas semelhantes a vagens e de seu poder de substituir seres humanos por simulacros destituídos de sentimentos ou emoções presta-se a mais de uma leitura, além de se manter praticamente inalterada (e lá se vão mais de trinta anos) em seu tremendo impacto visual. A seqüência em que o desesperado protagonista, depois de beijar sua amada, descobre que ela se transformou numa criatura amorfa, nada fica a dever a nossos piores pesadelos. *Paulo Capuzzo*



Herbert Richars

AVENTURA

PÂNICO EM MUNIQUE ●

(21 Hours at Munich, EUA, 1976)
Direção: William A. Graham. Com William Holden, Shirley Knight, Franco Nero. Globo Vídeo.
O famoso sequestro e a chacina de atletas judeus por terroristas palestinos nos Jogos Olímpicos de 1972 na Alemanha Ocidental é narrado aqui em forma de documentário de aventura. O roteiro abrange as festividades de abertura dos Jogos, o seqüestro, os contatos e o desenlace. A longa negociação entre o chefe da polícia alemã (William Holden) e o líder palestino Issa (Franco Nero) esvazia qualquer intenção de suspense. As cenas de ação são primárias e mal executadas. A tentativa de reconstituir o fato com emoção fica aquém da proposta. *W.S.*

AS ASSOMBROSAS PERIPÉCIAS DE ANDY COLBY ●●

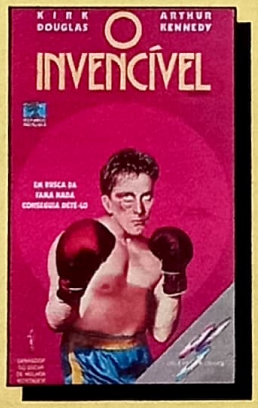
(Andy Colby's Incredible Awesome Adventure, EUA, 1988)
Direção: Deborah Brock. Com Bo Svenson, Randy Josselyn. F.J. Lucas.
O garoto Andy Colby (Josselyn) aluga uma fita de vídeo para assistir ao lado de sua irmã mais nova. Enquanto Andy vai atender ao telefone, um sombrio personagem, Lord Chroma, traga sua irmã para dentro do monitor. Andy também entra na tela, para salvá-la. Sua única arma é o controle remoto: como o cenário das peripécias de Andy são programas variados de tevê (que ele escolhe selecionando canais), as outras funções do vídeo também o ajudam (congelamento, retrocesso). Bom argumento e efeitos visuais inéditos para crianças espertas. *C.M.*

A OUTRA FACE DA VIOLÊNCIA ●●

(Rolling Thunder, EUA, 1977)
Direção: John Flynn. Com William Devane, Tommy Lee Jones. Globo Vídeo.
O regresso ao lar do major Charles Rane (William Devane), depois de sete anos no Vietnã, não poderia ser pior. Incapaz de readaptar-se à nova situação, entra em crise quando a mulher e o filho são mortos por assaltantes. Roteirizado por Paul Schrader *(Taxi Driver)* a partir de uma história de sua autoria, o filme guarda alguma semelhança com a virulenta crônica urbana de Martin Scorsese, inclusive pela forma como ambos abordam a violência e o drama de ex-combatentes. *P.C.*

Paris Filmes

O INVENCÍVEL ●●●●



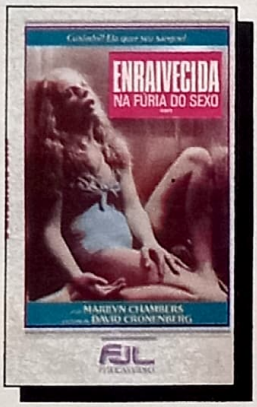
(Champion, EUA, 1949)
Direção: Mark Robson. Com Kirk Douglas, Marilyn Stewart, Arthur Kennedy, Paul Stewart. Herbert Richers.
A história fictícia do boxeador Midge Kelly reúne todas as contra-indicações morais de uma carreira de sucesso, como uma série de traições que um dia serão cobradas. O que não a torna uma história banal de ascensão e queda no mundo do boxe é a forma como Mark Robson a registrou em filme.
O Invencível levou um Oscar por melhor montagem. A prova de merecimento se concentra na seqüência em que começam os treinamentos de Kelly (Kirk Douglas). Cenas rápidas sucedem-se com um tom satírico reforçado pela excelente trilha sonora de Dmitri Tiomkin e pelo aproveitamento da agilidade circense de Douglas.
As seqüências de luta do filme são belíssimas. O treinador de Kelly resume em uma fala o que parece ter sido a orientação de Mark Robson na concepção da fita — desfia críticas quanto aos efeitos colaterais do boxe, mas conclui que gosta de ver um bom combate. Ele viu, com certeza.
Marcos Smirkoff

VIDEOLANÇAMENTOS

AS AVENTURAS DE ERIK, O VIKING ●●●
(Erik the Viking, EUA, 1989)
Direção: Terry Jones. Com Tim Robbins, Imogen Stubbs, Mickey Rooney, Eartha Kitt, John Cleese. Transvídeo.

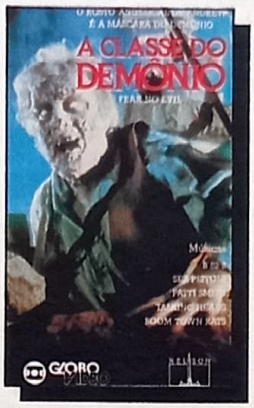
Despertado para os absurdos da vida viking por uma paixão moribunda, Erik resolve desafiar os deuses e acabar com a era de trevas — Ragnarck — que afoga seu mundo em intermináveis guerras. Os sempre atentos profissionais da morte tentam impedi-lo. O diretor Terry Jones, um ex-integrante do grupo de humoristas Monty Python, tem-se esmerado em comédias que requerem do espectador altas doses de cinismo. Os absurdos dos tempos do Python ficam contidos em diálogos e personagens isolados. São menos gargalhadas, mas permanece o refinamento da direção de arte que caracterizou a trupe. *M.S.*

TERROR



ENRAIVECIDA — NA FÚRIA DO SEXO ●●●
(Rabid, Canadá, 1977)
Direção: David Cronenberg. Com Marilyn Chambers, Joe Silver, Patricia Gage. F.J. Lucas.
A estrela pornô Marilyn Chambers é vítima de um grave acidente de moto com o namorado. Operada, começa a sofrer uma mutação — em sua axila esquerda surge uma espécie de orifício de onde sai um ferrão, que, acionado quando ela seduz rapazes com seu "abraço de tamanduá", suga o sangue deles e os deixa contaminados por hidrofobia. As vítimas hidrófobas, como cães enlouquecidos, colocam a população em pânico, multiplicando vítimas que se tornam novos assassinos. Este exemplar de horror psicossomático é considerado por muitos uma antecipação apocalíptica dos tempos da Aids. Para Cronenberg, o corpo humano é um mistério eterno e assustador. *W.S.*

SEXTA-FEIRA 13 PARTE VIII ●
(Friday the 13th Part VIII — Jason Takes Manhattan, EUA, 1989)
Direção: Rob Hedden. Com Kane Hodder, Barbara Bingham, Jesen Daggett. CIC.
O Jason desta história (Kane Hodder) ressuscita do fundo do lago onde morreu quando garoto. Monstruoso, ele assalta um barco, extermina um casal aos costumes da casa e toma um navio com destino a Nova York. Como um fantasma dos mares, acaba com quase todos no navio. Os personagens-vítimas mal construídos não provocam a mínima compaixão no espectador. A falta de personalidade do vilão e o excesso de mortes completam o quadro de monotonia. *W.S.*

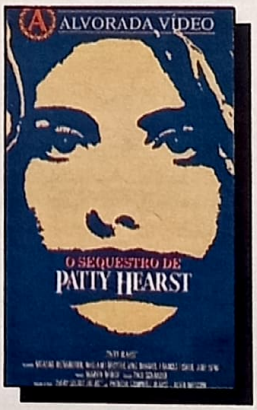


A CLASSE DO DEMÔNIO ●●●
(Fear No Evil, EUA, 1981)
Direção: Frank Laloggia. Com Stefan Arngrim, Elizabeth Hoffman, Kathleen Rowe McAllen. Globo Vídeo.
A secular batalha entre bem e mal é travada pelos principais protagonistas: de um lado, os arcanjos Rafael, Miguel e Gabriel — encarnados, respectivamente, num padre idoso, numa velha reclusa e numa jovem estudante —, de outro, o próprio Lúcifer, na pele de um adolescente com trejeitos femininos. À simbologia cristã, o produtor, roteirista e realizador Frank Laloggia (na época com 23 anos) adicionou elementos extraídos de outros filmes do gênero, tais como *O Exorcista* e *A Profecia*. O resultado é irregular, por vezes, confuso, mas pleno de vitalidade. *P.C.*

ALÉM-TÚMULO ●●
(Tales from the Crypt, EUA, 1989)
The Man Who Was Death — *Direção: Walter Hill;* And All Through the House — *Direção: Robert Zemeckis;* Dig That Cat, He's Real Gone — *Direção: Richard Donner.* CIC.
No primeiro episódio, um carrasco eletrocutor narra com orgulho os prazeres de sua profissão. Mas ele perde o emprego e passa a agir como um justiceiro anônimo. O caráter cínico do protagonista faz desse episódio o melhor dos três. No segundo, uma mulher mata o marido na noite de Natal enquanto um Papai Noel assassino tenta entrar em sua casa. O último segmento mostra um homem, capaz de morrer nove vezes, fazendo da morte um espetáculo circense. Apesar do naipe de diretores, há um choque entre a produção bem-acabada e a intenção de fazer cinema tipo *B*. O terror e o suspense resultam formais. *W.S.*

CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO ●●
(Christine, EUA, 1983)
Direção: John Carpenter. Com Keith Gordon, John Stockwell, Alexandra Paul. LK-Tel/Columbia.
Christine, um Plymouth Fury 1958, é o lado demoníaco do Volkswagen Herbie, de *Se Meu Fusca Falasse*. Comprado e reformado por um adolescente tímido (Keith Gordon), Christine tem atrás de si uma história de mortes e tragédias e, ao apoderar-se da personalidade de seu novo proprietário, acrescentará mais alguns crimes ao seu macabro currículo. Da história original de Stephen King, o diretor John Carpenter só extraiu os efeitos "espetaculosos". O realizador de *Halloween, Fuga de Nova York* e *Eles Vivem* não se deu sequer ao trabalho de manipular os recursos cinematográficos no sentido de exercitar sua especialidade no gênero: a construção de climas que sugerem uma constante ameaça. *P.C*

DRAMA



O SEQÜESTRO DE PATTY HEARST ●●●
(Patty Hearst, EUA/Inglaterra, 1988)
Direção: Paul Schrader. Com Natasha Richardson, William Forsythe, Ving Rhames. Alvorada.
Semidocumentário baseado no livro de Patty Hearst *(Every Secret Thing)*, seqüestrada em 1974 pelo Exército Simbionês de Libertação. Patty (Natasha) é encarcerada e submetida a todo tipo de privação antes de cooptar (talvez ingenuamente) com os ideais maoístas do grupo. A pertinente interpretação de Natasha (filha de Vanessa Redgrave), a reconstituição ideológico-cultural e a direção — desta vez sem exageros — de Schrader *(Mishima)* caracterizam eficazmente o personagem sem transformá-lo em mito. *D.G.*

PAIXÕES SEM LIMITES ●●●
(The Good Wife, Austrália, 1987)
Direção: Ken Cameron. Com Rachel Ward, Steven Vidler, Bryan Brown. Alvorada.
Numa bucólica Austrália da década de 40, a dona-de-casa Marge (Rachel Ward) lamenta a monotonia e a limitação rural, ao lado do marido, Sonny (Bryan Brown), e do jovem irmão dele. Um novo *barman* chega à cidade.

Marge sente-se atraída por esse donjuanesco cavalheiro e (embora repelida) entrega-se a uma paixão impossível. A direção sensível de Cameron esquadrinha os espaços campestres em penumbras, sol em janelas, detendo-se nos belos *closes* do rosto da perfeita Ward, cujo olhar da insatisfeita personagem é definido como "o olhar de quem quer dar tudo o que tem, a começar pelas algemas". *A.Q.N.*

TORTURADO PELO PASSADO ●●

(Distant Thunder, EUA, 1988)
Direção: Rick Rosenthal. Com John Lithgow, Ralph Macchio, Kerrie Keane, Reb Brown. CIC.
Vivendo exilado do mundo, o ex-combatente Michael Lambert (Lithgow), após o suicídio de um companheiro, tenta voltar à vida normal e reencontrar seu filho, Jack (Macchio, de *Karatê Kid I, II* e *III*). Mas as feridas do passado ainda não cicatrizaram, e o difícil retorno põe em jogo o amor do filho contra os traumas do pai. Rosenthal explora bem a emotividade dos personagens — exigência que o tema impõe. *M.C.*

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS ●●●●●

(Dead Poets Society, EUA, 1989)
Direção: Peter Weir. Com Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke, Gale Hansen. Abril Vídeo.
Em 1959, às vésperas do hippismo e da contracultura, na rígida Welton Academy — escola secundária de elite na Nova Inglaterra —, o professor de Literatura John Keating (Williams) semeia ideais libertários em seus alunos. Contra os ditames doutrinários da Welton — tradição, honra, disciplina, excelência —, ele dispara: "*Carpe diem.* Aproveitem o dia. Façam suas vidas extraodinárias". Excitados, os estudantes reinauguram a Sociedade dos Poetas Mortos, fundada por Keating, quando aluno, e passam a se reunir numa caverna nos arredores da escola, onde lêem poemas de Walt Whitman e descobrem aspirações individuais. A iluminada fotografia de John Seale, o roteiro bem-amarrado de Tom Schulman, o elenco de jovens inexperientes transformados em excelentes atores por Weir, ao lado de um Williams passional e nada caricatural compõem a alquimia dessa história aparentemente soturna que ficou entre as dez maiores bilheterias dos EUA no ano passado. O magnetismo de *Sociedade* está em revitalizar o sonho, a utopia e a paixão numa época em que esses valores se tornaram artigos raros. *Mario Nery*

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS
Warner

AS AVENTURAS DE ERIK, O VIKING
Art Films

VOZES DISTANTES ●●●

(Distant Voices, Still Lives, Inglaterra, 1988)
Direção: Terence Davies. Com Freda Dowie, Pete Postlethwaite, Angela Walsh, Dean Williams. Sagres.
Terence Davies venceu, com esse primeiro longa-metragem de sua carreira, o prêmio da crítica em Cannes em 1988. Na primeira parte da narrativa (*Vozes Distantes*), ambientada na Liverpool industrial dos anos 50, é enfocado o cotidiano pesaroso de uma família proletária inglesa, em que impera a força do patriarcalismo e a rigidez de uma moralidade exacerbada que alcança a margem da neurose. Na segunda parte (*Naturezas Mortas, Still Lives*, termo traduzido erroneamente no vídeo como "ainda vive"), Davies mostra a reprodução da instituição patriarcal na vida dos filhos adultos, depois da morte do pai. O filme dilui seus clímax em fragmentos de memórias que ecoam na tela como sonhos reais, narrados de forma documental e naturalista; e contém o teor dramático da história por meio da pontuação de hinos, pastorais e canções populares das décadas de 40 e 50. Ao contrário do que se possa pensar, a fita não submerge à amargura e se apresenta, por seu impacto e originalidade, como uma melancólica revelação do cinema inglês. *Mario Nery*

VOZES DISTANTES
Pandora

A BAÍA DO ÓDIO ●●●

(Alamo Bay, EUA, 1985)
Direção: Louis Malle. Com Amy Madigan, Ed Harris, Ho Nguyen, Donald Moffat. LK-Tel/Columbia.
É clássica a aversão dos norte-americanos em verem estampados na tela os cancros dé uma sociedade que já serviu de modelo para o resto do mundo ocidental, sobretudo quando a radiografia dessas mazelas é levada a cabo por um estrangeiro. Não é de estranhar, portanto, que *A Baía do Ódio* tenha sido mal recebido nos Estados Unidos. Afinal de contas, o filme do francês Louis Malle, um dos principais artífices da Nouvelle Vague, aborda uma ferida ainda não de todo cicatrizada — o preconceito e a violência sofridos pelos refugiados vietnamitas que, em busca de uma nova vida, ousaram se estabelecer ao longo da costa do Texas, entrando em conflito com os pescadores locais.
Embora passe longe dos melhores trabalhos de Malle, cuja abordagem do problema fica muito aquém das possibilidades dramáticas sugeridas pelas reais circunstâncias que motivaram a realização do filme, *A Baía do Ódio* é um duro golpe contra o *american way of life*. *Paulo Capuzzo*

UMA CHANCHE PARA AMAR ●●

(In A Shallow Grave, EUA, 1988)
Direção: Kenneth Bowser. Com Michael Biehn, Maureen Mueller, Michael Beach, Patrick Dempsey. Look.
Ferido em combate durante a 2.ª Guerra, Garnet (Michael Biehn) volta para sua propriedade rural e se estabelece como fazendeiro. O corpo todo marcado por queimaduras o obriga a viver isolado, limitando-se a observar a distância sua amada Georgina (Maureen Mueller). Essa rotina é quebrada por um jovem forasteiro, Daventry (Patrick Dempsey), que passa a cuidar de Garnet e a ser também seu mensageiro. Formando um triângulo amoroso, os personagens estabelecem conflitos amorosos e existenciais que não chegam a ser explorados com a devida profundidade. *W.A.S.*

O ASSASSINO DE MONZA ●●

(Devils of Monza, Itália, 1988)
Direção: Luciano Odorisio. Com Myriem Roussel, Alessandro Gassman. Look.
Padres libidinosos, freiras lascivas, jovens sedutores levando o pecado para dentro dos muros de um convento do século XVII. São condimentos que têm na moralidade judaico-cristã um prato em constante fermentação, principalmente quando alicerçados em fatos pretensamente reais, como é o caso aqui. Pena que tudo tenha ficado nas intenções. As débeis tentativas de estampar o conturbado relacionamento entre Estado e Igreja ou de dissecar o eterno conflito entre instinto e repressão, sexualidade e castidade, moralidade e hipocrisia se perdem em sensacionalismo. *P.C.*

TRAIÇÃO E HONRA ●●

(Proud Men, EUA, 1987)
Direção: William A. Graham. Com Charlton Heston, Peter Strauss, Nan Martin. Herbert Richers.
Os "homens orgulhosos" do título original são Heston e Strauss, respectivamente o velho pai caubói à beira da morte e o filho que desertou do Vietnã. É um dramalhão que junta clichês, como uma tradicional briga de bar e desfeitas entre pai e filho. Só vale mesmo pela boa realização e pelo desempenho dos atores principais, com destaque para o estilo "John Wayne" do velho Heston. *M.S.*

COMÉDIA

PÃO, AMOR E FANTASIA ●●●

(Pane, Amore e Fantasia, Itália, 1953)
Direção: Luigi Comencini. Com Gina Lollobrigida, Vittorio de Sica, Marisa Mereine. Sagres.
Uma das pérolas da comédia italiana do pós-guerra, o filme de Comencini (*Pão, Amor e Ciúme*, de 1954; *Senhoras e Senhores, Boa Noite*, de 1976) consagrou o então jovem mito Lollobrigida ao lado do ator e diretor De Sica, num dueto despreocupado, ingênuo e falastrão. De Sica é o marechal solteirão Carotenuto, que conhece, numa aldeia, a atrevida e esperta Bersegile (Lollobrigida). A princípio deslocado, entrega-se com comicidade verborrágica às crenças locais e milagres de Santo Antônio, até ajudando na produção de um. *A.Q.N.*

SONHOS DE VERÃO ●

(California Dreaming, EUA, 1978)
Direção: John Hancock. Com Dennis Christopher, Glynnis O'Connor, Seymour Cassel. Globo Vídeo.
Filmes de praia extemporâneos costumam apelar para a nostalgia ou para o humor ligeiro. Este, que narra a chegada de um panaca (Christopher) a uma praia de surfistas, não satisfaz nem numa linha nem na outra. *J.G.C.*

CHOMPS — O CACHORRO ELETRÔNICO ●

(C.H.O.M.P.S., EUA, 1979)
Direção: Don Chaffey. Com Wesley Eure, Valerie Bertinelli, Conrad Bain. Globo Vídeo.
A cidade de Hamilton vive tempos difíceis com a enorme onda de assaltos que tomou conta das ruas. Brian (Eure) constrói um incrível cão eletrônico batizado de Canine Home Protection System, para combater o crime. Mas algo dá errado. Fugindo do mundo dos desenhos animados, Hannah-Barbera produziu essa fraca comédia, baseada na história de um de seus sócios, Joseph Barbera. Criadora de seriados que encantam adultos e crianças desde seu ingresso no mundo da animação em 1964, a HB tropeça neste filme, que está longe da magia e da graça de seus velhos desenhos. *M.C.*

O JOVEM EINSTEIN ●●

(Young Einstein, Austrália/EUA, 1988)
Direção: Yahoo Serious. Com Yahoo Serious, Odile Le Clezio, John Howard. Warner.
A idéia era boa — contar, de forma alegórica e estilizada, a história da juventude de Albert Einstein. Ele não teria nascido na Alemanha, mas na Tans-

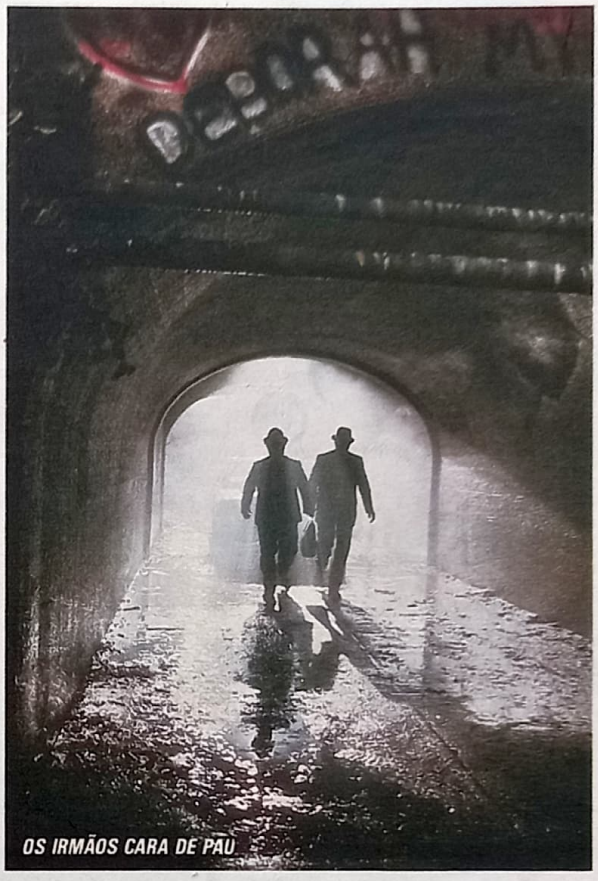
mânia; sua descoberta da fórmula da energia ($E=mc^2$) teria surgido por acaso, quando Albert tentava realizar o sonho do pai: incluir bolhas na fórmula da cerveja; e entre outras invenções suas estariam nada menos que a guitarra moderna, resultado da eletrificação do violino, e a primeira prancha de surfe do mundo, a partir de estudos de ondulatória aplicados aos movimentos marítimos. Mas a realização não correspondeu à originalidade do projeto. Comédia banal, com roteiro frouxo e *gags* gratuitas, *O Jovem Einstein* tem como único mérito o esforço (pouco recompensado) de Yahoo Serious, um borracheiro australiano que se tornou promissor cineasta independente depois de cursar Artes, revelando aqui seus talentos como ator, roteirista, diretor e produtor. *M.N.*

A GAIOLA DAS LOUCAS ●●●
(La Cage aux Folles, França/Itália, 1979)
Direção: Edouard Molinaro. Com Ugo Tognazzi, Michel Serrault, Claire Maurier, Remy Laurent. Warner.
Feliz adaptação da peça homônima de Jean Poiret, conquistou de tal forma o público europeu e americano que propiciou duas seqüências (não tão originais e divertidas). A Gaiola das Loucas é um famoso clube noturno de Saint-Tropez onde são apresentados shows de travestis. Ugo Tognazzi é Renato, dono do lugar, e Serrault é seu "esposo" Albin, estrela dos espetáculos da casa. Eles se vêem em apuros quando o filho de Renato resolve se casar e apresentar a família da noiva ao pai. Espécie de versão *gay* de *Adivinhe Quem Vem Para Jantar*, o filme é recheado de situações hilariantes provocadas pela dupla principal, com ajuda de um mordomo desvairado, todos tentando esconder a afetação efeminada diante dos pais da moça. Vale ressaltar o notável desempenho de Tognazzi e Serrault (que ganhou o Cesar — o Oscar francês — por sua atuação). *M.N.*

OS IRMÃOS CARA DE PAU ●●●
(Blues Brothers, EUA, 1980)
Direção: John Landis. Com Dan Aykroyd, John Belushi. Warner.
Dan Aykroyd escreveu com John Landis o roteiro deste musical maluco, absolutamente demolidor, que vale principalmente pelo humor de lâmina do duo principal (os irmãos do título, Aykroyd — seu melhor papel — e Belushi) e pela participação inestimável de alguns velhos lobos do blues e do rhythm'n'blues. Ray Charles aparece como o balconista da loja de equipamentos de som que tudo vê, apesar da cegueira. Resulta da seqüência um dos melhores números musicais do filme, numa coreografia de rua compassada pelo piano de Charles. John Lee Hooker é visto executando um blues infernal diante da lanchonete de Aretha Franklin, que ameaça numa canção o marido convocado pelos Blues Brothers. A história é esta: Belushi deixa a cadeia e reencontra o irmão Aykroyd, que vai apanhá-lo numa "carroça" da polícia arrebatada em leilão. Comprometidos com a madre superiora do orfanato onde foram criados, precisam conseguir dinheiro para salvá-lo do fechamento. Saem então à cata dos velhos companheiros de banda, para um único show beneficente. O resto são gags que sempre acabam dando em algum pandemônio destemperado, perseguições automobilísticas destrambelhadamente vertiginosas e números musicais antológicos, como o da iluminada visita dos irmãos à igreja dirigida pelo irmão James Brown. Aleluia! *Carlos Volpato*

K-9 — UM POLICIAL BOM PARA CACHORRO ●●●
(K-9, EUA, 1988)
Direção: Rod Daniel. Com James Belushi, Mel Harris. CIC.
Thomas Dooley e Jerry Lee fazem um par perfeito. Apesar de brigar muito, compõem a tradicional e inseparável dupla de policiais americanos. Há um detalhe: Thomas é o engraçado James Belushi (irmão do falecido John Belushi) e Jerry é um cão policial. Desajeitados, aparentemente inconciliáveis e sobretudo divertidos, eles enfrentam o poderoso narcotráfico de San Diego. A graça de *K-9* está não apenas nos clichês de tiras parceiros transpostos com eficiência para a singular dupla mas na agilidade das cenas de ação. Direção e edição de imagens transportam as piadas com fluidez. *W.S.*

BAÍA DO ÓDIO


OS IRMÃOS CARA DE PAU

UM HOMEM, UMA MULHER E UM BANCO ●●●
(A Man, A Woman and A Bank, Canadá, 1979)
Direção: Noel Black. Com Donald Sutherland, Brooke Adams, Paul Mazursky. Globo Vídeo.
Dois amigos engendram um plano mirabolante pelo qual, usando um computador, pretendem roubar quatro milhões de dólares de um banco. Para adicionar um tempero mais condimentado a essa comédia despretensiosa, os roteiristas incluíram na trama uma fotógrafa, a quem caberá a condução das peripécias amorosas. O bom desempenho do trio de intérpretes mantém o interesse do filme, sobretudo na última meia hora, quando os larápios executam o plano de assalto ao banco. *P.C.*

Landis, torna-se uma comédia frouxa sob o comando emperrado de Avildsen (especialista em melodramas convencionais, como *Rocky* e *Karatê Kid*). A música de Bill Conti é sutil como *A Praça é Nossa*. Vale pela chance de ver a última atuação do impagável Belushi no cinema. *J.G.C.*

ESTRANHOS VIZINHOS ●●
(Neighbors, EUA, 1981)
Direção: John G. Avildsen. Com John Belushi, Dan Aykroyd, Cathy Moriarty, Kathryn Walker. LK-Tel/Columbia.
Num subúrbio de classe média, o caretão Earl Keese (Belushi) tem sua vida virada de pernas para o ar com a chegada de um casal de vizinhos malucos, Ramona (Cathy Moriarty) e Vic (Aykroyd). Enquanto ela seduz e depois foge do incauto Earl, Vic pregalhe as peças mais cruéis. O que poderia ser uma farsa subversiva nas mãos de um diretor como John

AS LOUCAS AVENTURAS DO RABBI JACOB ●●●
(The Adventures of Rabbi Jacob, França, 1973)
Direção: Gérard Oury. Com Louis de Funès, Suzy Delair. F.J. Lucas.
No papel do industrial Victor Pivert em *As Loucas Aventuras do Rabbi Jacob*, em meio a gestos histéricos e muitos qüiproquós, Louis de Funès, mestre do humor nacional do cinema francês, encarna um sujeito abilolado e meio racista. Como Rabbi Jacob, Funès produziu algumas das melhores *gags* de sua carreira, encarnando como ninguém o humor mau caráter daqueles que primam pelo mau humor — os franceses. *A.Q.N.*

APENAS UM DOS RAPAZES ●●
(Just One of the Guys, EUA, 1985)
Direção: Lisa Gottlieb. Com Joyce Hyser, Clayton Rohner, Billy Jacoby, Tony Hudson. LK-Tel/Columbia.
A voluntariosa Terry (Joyce) traveste-se de rapazote para enfrentar com chances masculinas um concurso de jornalismo com direito a estágio num matutino local. Seus maiores constrangimentos acontecem no vestiário, com o namorado, com a pretendente à namorada etc. Piadas sexistas e adolescentes já um tanto burocratizadas. *D.G.*

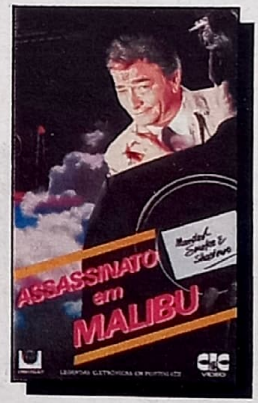
ARTE

O BAILE ●●●
(Le Bal, França-Itália-Argélia, 1982)
Direção: Ettore Scola. Com Christophe Allwright, Liliane Delval, Aziz Arbia, Rossana Di Lorenzo, Marc. Berman, Anita Picchiarini, Regis Bouquet, Danielle Rochard, Chantal Capron. Warner.
Ettore Scola (*A Família* e *Splendor*) não precisou de palavras para contar a história da França desde os anos 30, passando pela Segunda Guerra até o advento do rock'n'roll. Centrando a ação num único cenário, um imenso salão de danças, Scola desfila uma série de tipos que satirizam o comportamento humano. Homens e mulheres chegam, um a um, examinam cada detalhe de sua imagem diante do espelho e iniciam a grande festa-baile, ao som de músicas que marcaram gerações. A formalidade dos primeiros contatos cede e dá vazão à sensualidade, ao ciúme e à decepção ao longo das variadas épocas. Com seu ritual dançante, Scola prova ter perfeito domínio na direção de atores, em que o gesto e a caracterização são fundamentais para expressar a solidão de seres à procura de seu par. *Wagner Almeida Silva*

POLICIAL

ESQUADRÃO DE POLÍCIA ●●●

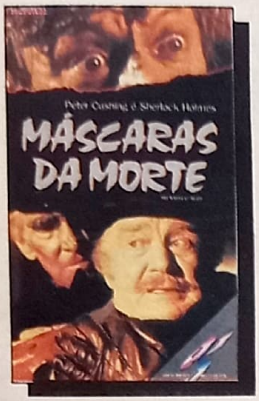
(Police Squad!, EUA, 1982)
Direção: Jim Abrahams, David Zucker, Jerry Zucker, Joe Dante, Reza S. Badiyl. Com Leslie Nielsen, Alan North. CIC.
Num episódio, a Máfia mata um lutador de boxe. Em outro, extorque pequenos negociantes. No último, uma loira misteriosa é envolvida num assalto. Estes são apenas três dos seis únicos episódios desta série cômica policial produzidos em 1982 pelos geniais Jerry Zucker, David Zucker e Jim Abrahams (*Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*). Feito para a TV e o verão, *Police Squad!* é hoje um *cult* americano. Leslie Nielsen é o sargento Frank Drebin, da polícia de uma cidade não identificada. Nielsen, um sisudo investigador muito engraçado, parodia o policial *noir* com uma narração em *off* carregada de humor sardônico. Ele e seu gordinho chefe (Alan North, excelente) conduzem as *gags* visuais inspiradas na linguagem cinematográfica. Abraham e os Zuckers brincam com essa metalinguagem. Estimulados pelo sucesso da série, o trio de produtores filmou seis anos depois o divertido *Corra Que a Polícia Vem Aí! (Naked Gun)* — bem-sucedida versão em longa-metragem de *Police Squad!* *Walter de Silva*



ASSASSINATO EM MALIBU ●●
(Murder, Smoke and Shadows, EUA, 1989)
Direção: James Frawley. Com Peter Falk, Fisher Stevens, Molly Hagan. CIC.
Peter Falk co-produziu este filme talvez para reviver o tenente Columbo em grande estilo. Ele é encarregado de investigar um homicídio — um corpo sem identificação, com o rosto desfigurado, encontrado na praia de Malibu. Próximo ao corpo, a primeira pista: *Os Filmes de Alex Brady*, livro sobre um diretor de cinema jovem e bem-sucedido. Na contracapa, o telefone do diretor. Seguindo a pista, Columbo encontra Alex. Os dois dialogam o filme todo usando metáforas que emparelham suas atividades: ilusões, detalhes, mentiras, planos. O roteiro insiste nas fumaças e sombras do título original. Um policial envolvente, sem suspense, mas capaz de manter a tensão. *C.M.*

SUBMUNDO DAS GANGS ●
(Tongs, EUA, 1989)
Direção: Alan Metzger. Com Louis Gosset Jr., Kevin Han Yee. CIC.
No bairro chinês de Chinatown, clãs lutam pelo controle político-econômico. Chamados de Tongs, constituem famílias seculares que ditam os destinos de geração a geração.

Tommy Li (Kevin Han Yee), após seis anos longe da família e de seus deveres, retorna e presencia a morte do primo, membro da Tong Li. Junto com ele está o prof. Gideon (Louis Gosset Jr.), que entra na briga para salvar um aluno. O filme poderia ser melhor se o diretor Alan Metzger fosse mais criativo, conferindo uma dose maior de ação à trama. *M.C.*



MÁSCARAS DA MORTE ●●●
(The Masks of Death, EUA, 1984)
Direção: Roy Ward Baker. Com Peter Cushing, John Mills, Anne Baxter, Ray Milland. Herbert Richers.
O violino de Sherlock Holmes é empunhado pelo veterano do terror Peter Cushing, numa refinada produção para a TV. Cushing é um Holmes muito cínico numa investigação pré-Primeira Guerra Mundial, em que espiões do Kaiser inventam a "contradedução". Boas atuações de John Mills (como Watson) e uma ponta de Ray Milland, em filme que pretende ser apenas uma homenagem bem-humorada ao detetive. *M.S.*

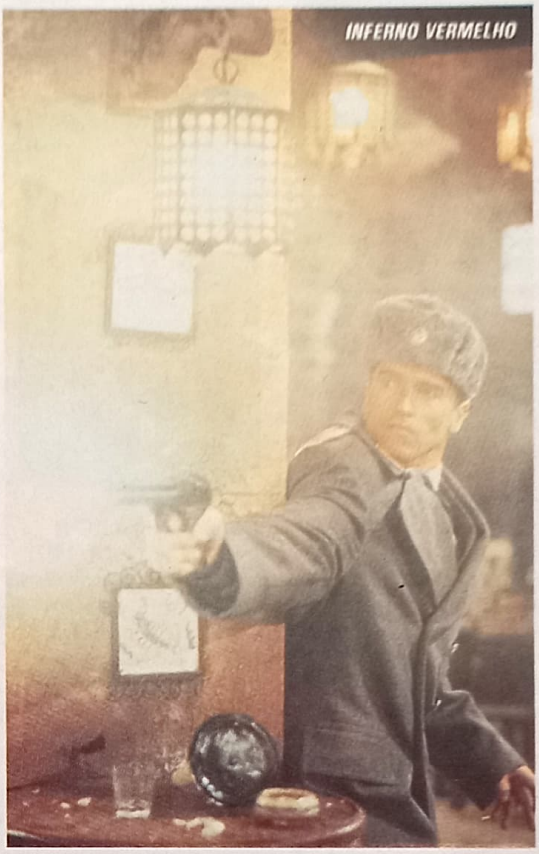
CAROLANN, AMIGOS ATÉ O FIM ●
(Carolann, EUA, 1989)
Direção: Tony Wharmby. Com Burt Reynolds, Deborah Raffin. CIC.
Episódio-piloto da série *B. L. Stryker*, produzida por Reynolds e Tom Selleck. O argumento é típico: um policial afastado vira investigador particular em Palm Beach, Miami. Nesse episódio há contrabando de armas, FBI, Oriente Médio etc. Tudo previsível, mas vale pelo charme de Reynolds. *C.M.*

NITTI, O EXECUTOR ●●
(Nitti, The Enforcer, EUA, 1988)
Direção: Michael Switzer. Com Anthony La Paglia, Vincent Guastaferro, Trini Alvarado, Michael Moriarty. Look.
A figura de Al Capone, o chefão do crime organizado que abalou a América na década de 20, é relegada a segundo plano para dar vazão à de Frank Nitti (Michael Moriarty), seu braço direito e executor de crimes. A ascensão e queda de Frank, um imigrante italiano que deixa de ser barbeiro para escalar-se em assassinatos, corrupções e controle do tráfico de bebidas no período da Lei Seca, é narrada com muita modéstia e sem o devido charme dos anos 20. *W.A.S.*

A HORA DA DESFORRA ●●
(Best Revenge, EUA, 1983)
Direção: John Trent. Com John Heard, Levon Helm, Alberta Watson, John Rhys-Davies. Herbert Richers.
Muita coisa dá errado nesta história de um pequeno traficante (John Heard, de *A Marca da Pantera*), obrigado a buscar um carregamento de cocaína no Marrocos, sob pena de perder um de seus amigos. A história perde força nas muitas voltas que dá entre os EUA, a Espanha e o Marrocos, e Heard lidera um elenco sem o menor carisma. A trilha sonora de Keith Emerson consegue piorar o ambiente. *M.S.*

RETRATO DE UM ASSASSINO ●
(Portrait of a Hitman, EUA, 1977)
Direção: Allan Buckhantz. Com Jack Palance, Rod Steiger, Bo Svenson. VMW.
Jim Buck (Jack Palance), um assassino a serviço de uma organização criminosa, entra em crise ao ser contratado para eliminar um neurocirurgião a quem deve a vida. Jack Palance está mais canastrão do que nunca, mas não é o único a merecer essa honra. A direção também não fica atrás em sua negligência, chegando mesmo a esquecer o microfone em cena. Uma falha menor quando comparada à displicência com que o filme é conduzido, a ponto de tornar ainda mais confusa a já obscura trama. *P.C.*

Warner



Columbia

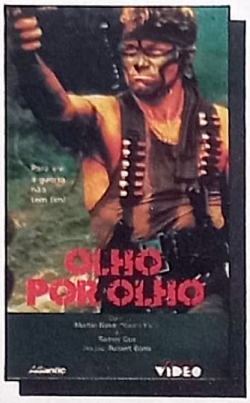
INFERNO VERMELHO ●●●

(Red Heat, EUA, 1988)
Direção: Walter Hill. Com Arnold Schwarzenegger, James Belushi, Peter Boyle, Ed O'Ross. LK-Tel/Columbia.
A caçada a um traficante de cocaína de Moscou até a depravada Chicago é o melhor pretexto para acionar a bem-sucedida ira schwarzeneggeriana. Aqui, o musculoso "irmão gêmeo" de Danny DeVito se materializa no implacável Capitão Danko, policial soviético também conhecido pelo singelo nome de "Mandíbula de Ferro", e volta a exterminar o resto do elenco, no melhor estilo *Terminator*. Fardado, infelizmente, Danko só exibirá seus dotes e músculos numa sauna, no início do filme, e já no chuveiro do embate final. Seu parceiro "capitalista" nessa caçada ao submundo que ameaça "envenenar" a URSS é encarnado por um desbocado Belushi, trazendo o inevitável contraste entre o pragmatismo dogmático russo e o idealismo fanfarrão americano. Corte escovinha e levemente prognata, Arnold, ao contrário da seduzível agente Garbo em *Ninotchka*, de Ernst Lubitsh, mostra que não brinca em serviço.
Isabella Rocha e Silva

VIDEOLANÇAMENTOS

luminosa de Los Angeles, em suas calçadas traiçoeiras e produtoras de filmes pornô. O eficiente humor da trama tenta quebrar um pouco o vazio do roteiro, como também a naturalidade da protagonista, cujo personagem é definido com perfeição, "doce como a garota do vizinho". *A.Q.N.*

ANJO DA VINGANÇA ●●
(Angel 3, the Search, EUA, 1988)
Direção: Tom De Simone. Com Maud Adams, Mitzi Kapture, Mark Blankfield. Transvídeo.
Terceiro e inexpressivo filme da série com o personagem Angel (Maud Adams). Ela agora está atuando como fotógrafa *free-lancer* e, num *vernissage*, revê a mãe. Procurando-a, fica sabendo também de uma irmã que está desaparecida. Para investigar por conta própria, volta a ser a prostituta Angel. Tom De Simon retoma os clichês de sempre, embrenhando-se na corrupção



OLHO POR OLHO ●
(Steele Justice, EUA, 1987)
Direção: Robert Boris. Com Martin Kove, Sela Ward, Ronny Cox. Transvídeo.
Incursionando pelas temáticas Vietnã e máfia oriental, o filme de Robert Boris, estrelado por Kove *(Karatê Kid)*, dilui ambas as tendências num violento desperdício de munição. Em 1975, no Vietnã, o soldado John Steele (Kove) pensa ter eliminado de vez o corrupto general Kwan. Num salto temporal, vemos Steele ajudando a polícia da Califórnia no combate ao narcotráfico asiático. Por trás de tudo, está seu velho arquiinimigo Kwan, que na fachada é um honesto empresário. Seqüências de ação, numa trama que retoma o batido "justiceiro" acima da legalidade, espumando seu desejo de matar os malvados amarelos. *A.Q.N.*

PARADA

Os mais alugados

1 **K-9 Um Policial Bom pra Cachorro** (CIC)
2 **Corra que a Polícia Vem Aí** (CIC)
3 **Matador de Aluguel** (Warner)
4 **Contato Mortal** (Paris)
5 **Morto ao Chegar** (Warner)
6 **Hellraiser — Renascido do Inferno** (Paris)
7 **Querida, Encolhi as Crianças** (Abril Vídeo)
8 **Na Trilha dos Assassinos** (Warner)
9 **Conduzindo Miss Daisy** (Paris)
10 **Inferno Vermelho** (LK-Tel/Columbia)

Fontes: OMNI, 2001, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory,Vídeo Norte, Hobby Vídeo, Thimi Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ); Vídeo Service (DF); Scorpios Vídeo, Star Vídeo (GO); Vídeo Mania (PR); Solução Vídeo (MG).

SERVIÇO

EXERCISE — GINÁSTICA ERÓTICA ●●
(Exercise, EUA, 1986). Direção: John Tallman Bissell

AERÓBICA — CONDICIONAMENTO AVANÇADO ●●
(Ray Boom Boom Mancini — My Knockout Workout, EUA, 1986). Direção: Paul Miller

PROGRAMAS DE EXERCÍCIOS DE SANDAHL BERGMAN'S ●●●
(Sandahl Bergman's Body, EUA, 1983). Direção: Marc. B. Ray

DEFENDA-SE ●●
(Protect Yourself, EUA, 1986). Direção: Al Footmick

Um, dois, três... Um, dois, três... A Transvídeo coloca no mercado um pacote esportivo no mínimo curioso para queimar aqueles quilinhos supérfluos, aliviar as tensões e ensinar autodefesa. O vídeo *Exercise — Ginástica Erótica* traz exercícios *soft* para os que não querem malhar muito os músculos logo de início. No embalo de música lenta, eles são desempenhados por um quarteto de esbeltas beldades. Já *Aeróbica — Condicionamento Avançado* é comandado por um tal de Ray Boom Boom Mancini e suas lépidas garotas, que não deixam nenhuma parte da anatomia humana impune. A produção é bem editada e os exercícios pesados. "Esmurre à vontade", proclama Ray no "boxercício" de seu luminoso ringue. Sandahl Bergman, carismática *blonde* e estrela de *Conan, o Bárbaro*, une agilidade e coreografias sensuais em seu *Programa de Exercícios*, enquanto *Defenda-se* ensina autodefesa para situações cotidianas, baseando-se nos bloqueios, socos e chutes do tae kwon do, coordenado por Simon Rhee. Haja fôlego! *Antonio Querino Neto*

AERÓBICA — CONDICIONAMENTO AVANÇADO

Transvídeo

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
ÉXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

Filmes que você pode ter em casa, e vê-los a todo momento!

EXPRESSA
MARKETING DIRETO LTDA.

AVENTURA QUE NUNCA SAI DE MODA.

MAC, O EXTRA-TERRESTRE
A história de uma amizade, entre ERIC um menino simpático e alegre e MAC um ser de outro planêta perdido aqui na Terra. Dublado.

A TV MAGICA
Uma TV que passa programas do dia seguinte, bota dois adolescentes numa fria. Legendado.

DEU A LOUCA NOS MONSTROS
Um clube de garotos que conhecem tudo para combater o mal. Dublado

GAROTO DO FUTURO II
Com a lua cheia ele se transforma em um jovem lobisomem, e se vê envolvido pela glória, garotas e um grande conflito. Legendado.

DESENHOS ANIMADOS - DUBLADOS

MÔNICA em O BICHO-PAPÃO
A Mônica e toda a turma em 5 novas e sensacionais aventuras: Quem Bate; Montanha Suja; O Bicho-Papão; O Ogro da Floresta; Jogos, músicas e o jornalzinho das crianças.

MÔNICA e A ESTRELINHA MÁGICA
4 aventuras da Mônica: Super Heróis; Detetive; Um dia de Cão; A Estrelinha Mágica.

MÔNICA e CEBOLINHA em ROMEU E JULIETA
Com bonecos ao vivo, gravado em Ouro Preto Mônica e Cebolinha revivem a mais bela história de amor.

MÔNICA em A Rádio do Chico Bento
Ao vivo e a cores vocês verão alguns "causos", músicas, coelhadas, danças, etc...

Momentos Inesquecíveis do Desenho Animado - Jotalhão
Uma coletânea de desenhos animados comerciais nos últimos 20 anos, e uma amostragem de como se faz o desenho da criação até a filmagem.

G.I. JOE
Grande sucesso nas TVs do mundo inteiro, chega ao vídeo em um longa-metragem eletrizante.

AVENTURAS DE RIVERBOAT BILL
Uma divertida aventura num grande rio da Inglaterra, onde um velhinho esperto, um menino e mais três companheiros navegam.

CONTOS MARAVILHOSOS
MARTIN THE COBLLER, um velho que reaprende a crer em Deus. RIP VAN WINKLE, a história do homem que dorme durante vários anos. O PEQUENO PRÍNCIPE, um menino que caiu de outro planêta...

BEANY E CECIL O Pequeno Ás do Espaço
Beany uma adorável serpente marinha e seu fiel amigo. 8 deliciosas histórias.

BARBIE - A ESTRELA DO ROCK
Dois episódios completos com Barbie e todos os seus amiguinhos.

UMA AVENTURA DE GUMBY
Seis historinhas: A Bruxinha Engenhosa; Vovozinha Corredora; A Preparação; Rei por um Dia; Gumby e a Abelha; A Espiga Aloprada; Chuva Maluca; Alimento pra Frangos; As Melancias.

GUMBY MAGIA
9 historinhas: A Varinha Mágica; Espelholândia; Rumpus; O Robô; Viagem à Lua; Preso na Lua; Gumby na Lua; Trixie, e os Ovos; Os Castores Agitados; O Show Mágico.

DOT E KITO
Dot uma charmosa garotinha come uma raiz encantada e fica do tamanho de um inseto. Espetacular filme misturando cenas reais ao desenho.

DOT E O KOALA
Uma explosiva aventura na floresta australiana, onde Dot auxilia os bichinhos na defesa da mata natural.

DOT E O BUNYIP
Dot auxiliada por Burra e o Kookaburra e dois cangurus vai a luta contra um desalmado dono de circo.

SUCESSO ABSOLUTO NOS CINEMAS E TELEVISÕES DO MUNDO INTEIRO AGORA EM VÍDEO NA SUA CASA.

AS TARTARUGAS NINJAS TURTLES

Elas habitam os subterrâneos de Nova York e combatem o crime com muito humor!

I - A VOLTA DO DESTRUIDOR
II - AS MAQUINAS PERVERSAS
III - O PERIGO VEM DE BAIXO
IV - A MULHER GATO

SUCESSOS DA TV

JIBAN - O Policial de Aço
Jiban é puro aço e o resultado do progresso da ciência, construído para combater o mal que toma conta da sociedade moderna.

O Robô Halley em Perigo
Jiban consegue salvar o Robô Halley de Biorom, usando seu mortal "golpe jiban". Inclue mais três episódios.

O Juramento do Policial
Este é o episódio principal da Série Jiban. Naoto é transformado no Policial de Aço. Incluem mais três episódios.

Amor, A Palavra-Chave
Criando monstros para conquistar a Terra, Dr. Biolon não conta com Jiban que a protege por mais perigoso que seja o inimigo. Mais três episódios.

O Triste Destino de Ayumi
O destemido Jiban luta com vigor para salvar Ayumi das garras do terrível Biolon, enquanto Naoto trabalha ao lado de Ioko em perigosas investigações. Mais três episódios.

Jiraya - O Incrível Ninja

PAKO A CÁPSULA MIRACULOSA
Um guerreiro que protege a paz da humanidade usando seus poderes especiais e enfrentando vários grupos que pretendem roubar o segredo que poderá destruir o planêta.

A EMBOSCADA
Todos desejam encontrar Pako para conhecer seus segredos e poder modificar o mundo, para o Bem ou para o Mal.

AS SETE SOMBRAS
Com a missão de proteger Pako e a inscrição, Jiraya enfrenta perigos sem fim.

O CAPITÃO-PIRATA
Jiraya enfrenta o Império Ninja e a Familia dos Feiticeiros para proteger Pako e a Inscrição Sagrada. Mas três episódios.

O INIMIGO DE TOHA
Toha assume a identidade de Jiraya, continuando com a honrosa missão de seu pai. Mais três episódios.

SIM - Desejo receber as fitas abaixo discriminadas para as quais estou enviando cheque nominal à SANTA ALICE COM. E REP. LTDA.
no valor de Cr$ _____ incluindo o frete.

NOME _____

CIC _____ RG _____

END _____

CEP _____ CID _____ EST _____

TEL.: _____ ASS. _____

TITULOS	Q.T.	VALOR
TOTAL		

PREÇO 3.200,00 por Fita

Frete por Fita 300,00

Prazo para entrega: 15 dias

Preencha todos os ítens do cupom e envie à SANTA ALICE COM. E REP. LTDA. - Av. Rio Branco, 91 - 10.º andar - CEP 01205 - Campos Elíseos - SP - Fone: (011) 223-0368

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-38

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Telefone _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

CARTAS

Flores de Maio

Parabenizo SET pelo belo trabalho que vem desenvolvendo. Gosto especialmente da seção Mitos, principalmente a sublime matéria sobre James Dean (n.º 5, ano 4), cujo autor focalizou de modo sensível e cativante esse gigante da interpretação cinematográfica. Faço críticas, contudo, ao pequeno destaque dado a *Meu Pé Esquerdo* (n.º 4, ano 4) se comparado ao dado a *Henrique V* (n.º 5, ano 5), o qual muito apreciei. Só acho que *Meu Pé Esquerdo* merecia maior atenção. Se por um lado a entrevista com Matthew Broderick foi muito boa (n.º 4, ano 4), a entrevista com Alec Baldwin (n.º 5, ano 4) nada acrescentou. Aprecio muito o trabalho de Ana Maria Bahiana, mas dessa vez muito ficou a desejar.
Marcela de Aquino
(Niterói - RJ)

A edição n.º 5, ano 4, de SET foi uma das melhores que já li. A Matéria de Capa com Jack Nicholson está incrível e supercompleta. Vocês estão de parabéns.
Alessandra Marques Barbosa
(Três Rios — RJ)

Sou fã de SET e adoro a seção Mitos. Não é necessário dizer que adorei o espaço dado ao astro James Dean (n.º 5, ano 4).
Karin Andrea Poetzsher
(Rio de Janeiro — RJ)

A edição n.º 5, ano 4, de SET teve dois pontos altos: a seção Mitos com um belo perfil de James Dean e a excelente reportagem sobre os erros de tradução nas legendas de vídeo.
Leonardo Cunha Lentz
(Três Rios — RJ)

Excelente o artigo publicado na seção Mitos sobre o ator James Dean (n.º 5, ano 4).
Leila Carvalho
(Rio de Janeiro — RJ)

Parabenizo o bom senso e a objetividade de SET em sua reportagem "Desastres Legendários" (n.º 5, ano 4). Quero lembrá-los de que muitos clássicos originalmente feitos em preto-e-branco foram lançados em vídeo com legendas também em preto-e-branco, o que torna impossível a leitura e até mesmo a compreensão do filme, como é o caso de *Cidadão Kane*, distribuído pela Globo Vídeo.
Eduardo Appio
(Porto Alegre — RS)

Parabenizo SET pela reportagem sobre os erros de tradução em vídeo (n.º 5, ano 4), que mostra alguns aspectos da verdadeira traição a que estão sujeitos os consumidores. No entanto, a contratação de um crítico com conhecimentos de inglês nem sempre consegue reduzi-los. A Vídeo Arte lançou mão desse artifício e não consegue melhorar o nível das traduções. Em *Uma História de Natal*, por ela distribuído, há algumas dezenas de erros que poderia citar, sem mencionar os erros de português e os casos em que as legendas poderiam ser reescritas economizando espaço e os olhos do espectador.
Paulo E.K. Leitão
(Jundiaí — SP)

Parabenizo SET pela ótima edição n.º 5 (ano 4) que traz a excelente reportagem com o astro Jack Nicholson e a dos erros de legendagem em vídeo, que chegam a ser revoltantes.
Mariana Nabas
(Barbacena — MG)

Leitor x Leitor

Uma das maiores polêmicas presentes na seção Cartas de SET é o caderno Vídeo & Equipamentos, pois muitos leitores acreditam que a inserção de matérias técnicas sobre vídeo podem prejudicar ou superar a arte cinematográfica em SET. Para mim, essas pessoas não perceberam que a tecnologia se tornou a principal arma dos cinéfilos, que agora têm acesso aos eternos clássicos e podem analisar quantas vezes quiserem antigas e recentes produções. Como SET é uma publicação voltada para a sétima arte não poderia ficar desatualizada em relação aos novos veículos ligados à produção.
André B. dos Santos
(Salvador — BA)

Na seção Cartas os leitores se mostram, por vezes, muito injustos, como nas críticas pela escolha do filme *Procura-se Susan Desesperadamente* por Maurício Stycer na seção Filmoteca (n.º 11, ano 3), ou pelo espaço que esta revista dedica ao cinema nacional. Apenas acho que os críticos deveriam ser menos rígidos. Será que nosso cinema é tão ruim assim?
Rogério O. Silva
(Vila Velha — ES)

Sou solidário ao leitor Paulo Koch, que, na edição n.º 5, ano 4, pede mais capas de SET com atrizes. Peço também mais espaço para o cinema nacional e que o caderno Vídeo & Equipamentos não roube páginas destinadas ao cinema.
Flávio Salles
(Rio de Janeiro — RJ)

O leitor Paulo Koch (n.º 5, ano 4) apenas endossou uma antiga queixa minha: cadê as mulheres? Abaixo o machismo de SET.
Luiz F. Haimil
(Taquara — RS)

É muito louvável o que SET vem fazendo na seção Cartas. Esse espaço dedicado a críticas e elogios de seus leitores demonstra um grande respeito democrático e paixão pelo cinema e pelo bom jornalismo.
Márcio A. Assunção
(Florianópolis — SC)

Críticas

Valho-me desse espaço para fazer críticas à queda vertiginosa da qualidade de SET, que, desde 1989, tem decepcionado muito seus leitores. O excesso de academicismo holly-

woodiano vem com larga margem de exagero tirando a vez dos filmes nacionais e de outras fitas estrangeiras, como o ocorrido com *Meu Pé Esquerdo*.
Paulo Henrique Faria
(Brasília — DF)

Escrevo a SET para repudiar as mudanças feitas na revista, em que o vídeo e principalmente o cinema foram deixados de lado. Os filmes com grande cotação crítica estão tendo menos espaço, que passou a ser utilizado para promover canastrões e conseqüentemente maior venda da revista.
José Roberto da Silva
(Benevides — PA)

Parabenizo a qualidade de SET, contudo tenho uma ressalva a fazer: os textos da seção Vídeo Lançamentos perderam muito em qualidade no novo caderno Vídeo & Equipamentos. Sou fã de cinema e não estou me contentando com trechos "breves e objetivos".
Humberto F. de Oliveira
(Belo Horizonte — MG)

Estou decepcionado com o pequeno espaço dado ao excelente filme *Tempo de Glória* (n.º 3, ano 4), cuja mesma edição cedeu nove páginas ao não tão bom *Nascido em 4 de Julho*.
Pedro Paulo S. Barbosa
(Belém — PA)

Elogio

Agradeço a SET pelos belos textos homenageando os filmes *Juventude Transviada* (n.º 2, ano 4) e *Espíritos Indômitos* (n.º 4, ano 4), primeiro filme do incrível Marlon Brando.
João Pedrosa Neto
(Manaus — AM)

Fãs-clubes

Fã-clube Freddy Krueger. End.: av. Padre Francisco de Toledo, 224, apto. 51B, Cohab I, São Paulo — SP (CEP 03589)
Leandrus Gouvêa

The World of David Bowie Fan Club. Endereço: rua Ouvidor Peleja, 750 São Paulo — SP (CEP 04128)
Viridiana F. Witkowski

Quero entrar em contato com algum fã-clube do ator Mel Gibson. Endereço: rua Ouro Fino, 191, apto. 206, Vaz Lobo, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21371)
Marize M. Chagas

Quero me corresponder com fãs ou com algum fã-clube de Tom Cruise para troca de fotos e outros materiais. Endereço: praça Lurdita Raposo, s/n.º, Buriti Bravo — MA (CEP 65685)
Luciana S. Coimbra

Quero entrar em contato com algum fã-clube do ator Fred Ward (de *Remo — Desarmado e Perigoso*). Endereço: rua Bela Cintra, 1800, Jardim — MS (CEP 79240)
Walmir L. Maldonado

Compro fotos, revistas, pôsteres e outros materiais referentes à atriz Nastassja Kinski e também quero me corresponder com outros fãs da atriz. Endereço: rua Dep. Rui Santos, 72, Sobradinho, Feira de Santana — BA (CEP 44020)
Ângela Franco Teixeira

Fã-clube de Tom Cruise, Mel Gibson e Kevin Costner. Endereço: av. Belmiro Correia, 594, Timbi, Camaragibe — PE (CEP 54750)
Aretusa Rodrigues da Silva

Fã-clube Commando Dragão, que se dedica apenas ao astro Jean-Claude Van Damme. Endereço: av. Waldemar Tietz, 956, apto. 51B, Cohab I, São Paulo — SP (CEP 03589)
Márcio L.C. Monttane

Quero me corresponder com fãs da atriz Lucinda Dickey. Endereço: Caixa Postal 281, Minaçu — GO (CEP 76450)
Adriano de A. Rosa

Desejo me corresponder com fãs das séries *Columbo*, *Star Trek*, *Perdidos no Espaço*, *Terra de Gigantes* e *Missão Impossível*. Endereço: Caixa Postal 20240, São Paulo — SP (CEP 04034)
Amanda Armand

Fã-clube Freddy Krueger & Jason Vorhees. Endereço: rua Professor Rolando Ângelo Tenuto, 70, São Paulo — SP (CEP 04627)
Alexandre Govastki

Quero me corresponder com fãs de Sigourney Weaver para troca de informações e compra de qualquer tipo de material. Endereço: rua dos Araújos, 71, c/7, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20521)
Flávio de B. Galvão

Fã-clube Michael J. Fox. Endereço: rua Secundino de Faria Tavares, 846, Patrocínio — MG (CEP 38740)
Cézar V. Jeronimo

Stallone's Star Club. Endereço: rua Tapajós, 115, Anápolis — GO (CEP 77100)
Paulo César dos Santos

Fã-clube do Batman. Endereço: rua Padre Cícero, 193, Crateús — CE (CEP 63700)
Paulo Cesar Bezerra

Fã-clube Tom Cruise, Elvis Presley e Michael Jackson. Endereço: rua Dom José de Barros, 337, 2.º andar, s/206, São Paulo — SP (CEP 01038)
Joaquim Mendes Neto

Quero me corresponder com todos os fãs de Tom Cruise. Endereço: rua Eliza Tramontina, 462, Carlos Barbosa — RS (CEP 95185)
Patrícia Silveira

Correio entre os Leitores

Procuro cinéfilos que possuam pôsteres e fotos de Peter Fonda em *Sem Destino*, Mikhail Barishnikov em *O Sol da Meia-Noite* e Richard Gere em *Gigolô Americano*. Possuo 133 fichas de cine & vídeo para vender. Endereço: rua Rudolf Lutze, 11, São Paulo — SP (CEP 05667)
Patrícia Soares Costa

CA TV
ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson Pedro Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves

Colaboradores: Críticos - Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo. **Texto** - Celso Masson, Celso Pucci, Isabella Rocha e Silva, José Carlos Avellar, Marcos Smirkoff, Roberto Cattani, Wagner Almeida Silva. **Arte** - Marco Antonio Pizzirani, William Amaral. **Fotografia** - Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Textos** - Marcos D. Agathão

Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Iracema Gil, Márcia Leticia L. L. Amaral, José Estevão Favaro
Diretor - RJ: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
SP-2: Intermidia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia
Fone: (031) 222-5594
Serviços Editoriais
Azul Press - Gerente: Benjamin Sérgio Gonçalvez
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05477, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 20 de agosto a 20 de setembro.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER IVC

Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Quero me corresponder com todas as pessoas que realmente amem o cinema, afinal não se acham mais cinéfilos como os de antigamente. Endereço: rua Barão do Triunfo, 1220, apto. 121, São Paulo — SP (CEP 04602)
André Fabiano Rodrigues

Compro pôster do filme *De Volta para o Futuro*. Endereço: rua Nísia Floresta, 48, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20541)
José Marcelo

Compro as edições n.º 1, n.º 21, n.º 29, n.º 31 e n.º 33 de SET. Endereço: Caixa Postal 902, Goiânia — GO (CEP 74000)
Pedro da Costa Novaes

Compro a edição n.º 1, ano 3, de SET com as respectivas fichas de cine & vídeo, pelo preço da última edição em banca. Endereço: av. Epitácio Pessoa, 3100, apto. 305, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22471)
Tatiana R. da Luz

Vendo folhetos e fichas de todos os filmes lançados no Brasil desde os anos 60 e de filmes lançados nos EUA desde 1970. Endereço: rua Jogo da Bola, 89, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20081)
Jota Campos Jr.

Quero me corresponder com alguém que tenha gravado em VHS o filme *Fuga Alucinada*. Endereço: rua Jaracatia, 431, bl. 27, apto. 74, São Paulo — SP (CEP 05754)
Paulo Roberto Ribeiro

Compro pôsteres de todos os tipos de filmes e fichas de cine & vídeo lançadas na SET. Endereço: rua Amaro Seixas Ribeiro, 22, Florianópolis — SC (CEP 88000)
Ilka Berendt

Compro coleção completa de SET até a edição n.º 3, ano 4, incluindo as fichas de cine & vídeo. Endereço: rua Bulhões de Carvalho, 633/602, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22081)
Marcus Vinícius Freire

Planejo fazer um minuto de desenho animado para concorrer em algum festival nacional. O problema é que não disponho de equipamentos de filmagem e quero me corresponder com interessados. Endereço: Caixa Postal 172, Campina Grande — PB (CEP 58100)
Sílvio

Estou interessada numa cópia em VHS do filme *Pássaros Feridos*. Endereço: av. XV de Novembro, 300, Erval Velho — SC (CEP 89613)
Eliane Brocardo

Compro pôsteres, trilhas sonoras e livros de terror e ficção. Endereço: rua Coronel Fagundes, 204, Mairiporã, São Paulo — SP (CEP 07600)
Sidney Miyazaki

Compro qualquer material referente aos filmes *Os Selvagens*, *Os Esquecidos* e *O Expresso da Meia-Noite*, e dos atores Michael Keaton, Rob Lowe e Willem Dafoe. Endereço: rua Horácio Matos, 66, Boquira — BA (CEP 46530)
Lilian Brito Conceição

Compro cartaz do filme *Christiane F.* Endereço: rua dos Cajazeiros, 438, São Luís — MA (CEP 65000)
Luís Fernando Cardoso

Gostaria de me corresponder com verdadeiros amantes da sétima arte. Endereço: Caixa Postal 267, São Paulo — SP (CEP 01051)
Assis Santos

Com o intuito de conseguir mais espaço físico em meu arquivo de cinema quero vender algumas revistas e reportagens. Endereço: rua Anhumas, 115, Bragança Paulista — SP (CEP 12900)
Celso Monteiro de Souza

Compro qualquer reportagem, pôster e fotos do ator Tom Cruise e a edição n.º 3, ano 4, de SET. Endereço: Travessa Castelo, 26, Ribeirão Preto — SP (CEP 14060)
Gláucia M. da Silva

Compro as edições de SET dos n.ºs 01 a 22 e a de n.º 26 com as fichas de cine & vídeo, e também as edições especiais, excetuando-se a edição n.º 33 Terror e Ficção e a edição especial de Guerra, com os respectivos pôsteres. Endereço: av. 8 de Octubre, 3616, Montevideo — Uruguay
Ruben Handalian

Vendo pacotes de pôsteres contendo 90% de material francês e japonês de diversos filmes. Endereço: rua Conceição, 622, apto. 12, Campinas — SP (CEP 13015)
Fernanda S. Tedeschi

Compro coleção de SET do n.º 1 (ano 1) ao n.º 8 (ano 3) incluindo as fichas de cine & vídeo. Compro também a trilha sonora original do filme *A Encruzilhada*. Endereço: rua Padre Maurício, 25, São Paulo — SP (CEP 03551)
Lúcia Ângela Ciccone

Errata

A distribuidora correta do filme *O Império dos Sentidos*, na página 120 de 1000 Vídeos (33M), é a Sagres — Av. Rio Branco, 57, conj. 1408, Rio de Janeiro, RJ. Tel.: (021) 253-9344.

Na matéria sobre *Dick Tracy* (n.º 6, ano 4, pág. 37), onde se lê "maquetes", leia-se "*mattes*", que são grandes telas pintadas que compõem o cenário, simulando edifícios e paisagens.

A data correta do falecimento de James Dean é 30 de setembro de 1955, e não 30 de novembro, como publicado à página 65, da edição n.º 5, ano 4.

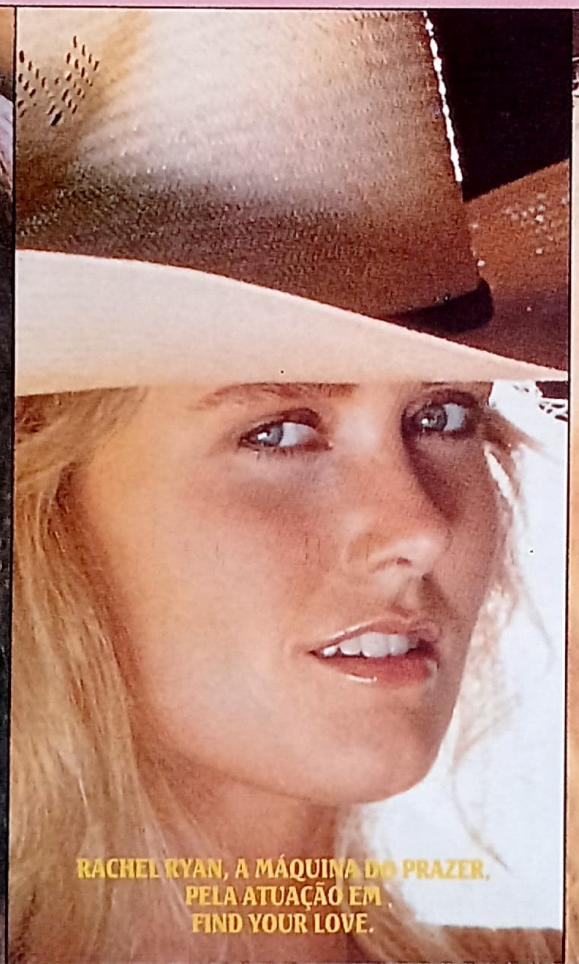
O ano de produção de *O Fio da Suspeita* é 1985, e não 1989 (n.º 5, ano 4, pág. 5).

Cartas para Diretor de SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05477, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo Correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

AS GATAS DO MÊS.

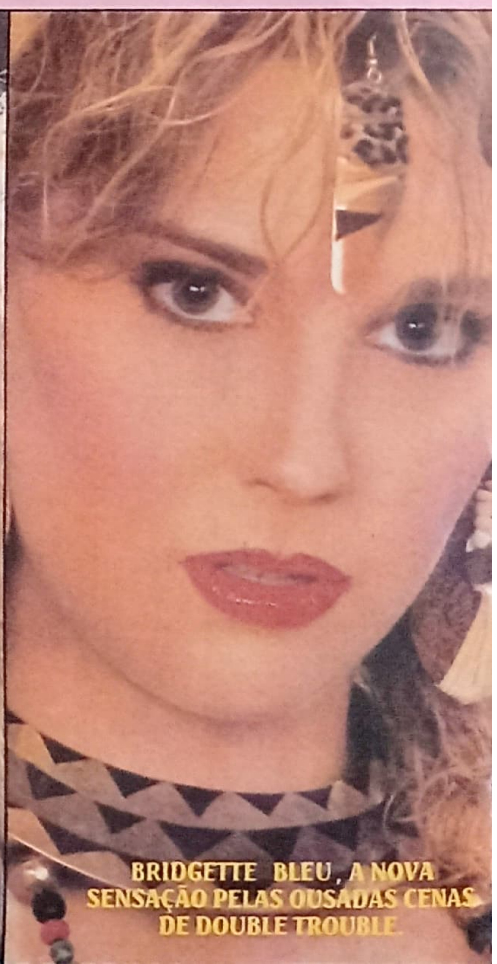
NOVAS EMOÇÕES free X COM MUITA CLASSE.

TAMARA LEE, A GATA DE HOLLYWOOD, PELO EXCITANTE DESEMPENHO EM A NIGHT ON THE TOWN.



RACHEL RYAN, A MÁQUINA DO PRAZER, PELA ATUAÇÃO EM FIND YOUR LOVE.

TABITHA STEVENS, A NINFETINHA AMERICANA, PELOS PRAZERES QUE DESCOBRE EM BUNS & ROSES.



BRIDGETTE BLEU, A NOVA SENSAÇÃO PELAS OUSADAS CENAS DE DOUBLE TROUBLE.

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

Video HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av. Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103, Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA. (TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011) 815-9144, CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.: (092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

AIWA®